



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL - PPGEMP

IVONETE DA SILVA OLIVEIRA

Professor, onde está a sua voz? Como está a sua voz? Uma proposta de formação
continuada

BRASÍLIA – DF
2020

IVONETE DA SILVA OLIVEIRA

Professor, onde está a sua voz? Como está a sua voz? Uma proposta de formação continuada

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação- PPGE - MP da Faculdade de Educação (FE) da Universidade de Brasília (UnB), como requisito parcial para a qualificação de Mestrado em Educação.

Área de concentração: Desenvolvimento Profissional e Educação.

Orientadora: Prof.^a Dr^a Ormezinda Maria Ribeiro (Aya)

BRASÍLIA – DF
2020

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

SS586p Silva Oliveira, Ivonete da
Professor, onde está a sua voz? Como está a sua voz? Uma
proposta de formação continuada / Ivonete da Silva Oliveira,
orientador Ormezinda Maria Ribeiro. -- Brasília, 2020.
194 p.

Dissertação (Mestrado - Mestrado em Educação) --
Universidade de Brasília, 2020.

1. Professor, onde e como está a sua voz? A voz sob a
perspectiva dos docentes (problemas, causas, soluções). 2.
Proposta de formação continuada dialógica, reflexiva e
participativa.. 3. Curso "Usos e Desusos da Voz Docente"
para promover a saúde vocal do professor.. 4. Conhecimentos
sobre a voz e a própria voz para o uso consciente do
docente.. I. Ribeiro, Ormezinda Maria, orient. II. Título.

IVONETE DA SILVA OLIVEIRA

Professor, onde está a sua voz? Como está a sua voz? Uma proposta de formação continuada

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação- PPGE - MP da Faculdade de Educação (FE) da Universidade de Brasília (UnB), como requisito parcial para a qualificação de Mestrado em Educação.
Área de concentração: Desenvolvimento Profissional e Educação.

Defendida e aprovada em 13, de novembro de 2020.

Banca examinadora formada pelos professores

Prof^a. Dr^a Ormezinda Maria Ribeiro
Presidente – UnB - PPGL/PPGE - MP

Prof. Dr. Tiago de Aguiar Rodrigues
Membro Externo – UFPB

Prof. Dr. Rodrigo Matos de Souza
Membro Interno – UnB – PPGE - MP

Prof^a Dr^a Ulisdete Rodrigues de Souza Rodrigues
Membro Suplente – UnB - PPGL

Dedico este trabalho à minha mãe, Maria de Lourdes da Silva Oliveira, e ao meu pai, Antonio Laurindo de Oliveira. Suas vozes de respiração profunda e ritmada, uma variação rica de tons da fala, me transmitiram educação, amor, carinho e apoio em toda a minha vida.

Vocês são um presente de Deus. Gratidão!

AGRADECIMENTOS

Muitas pessoas me ajudaram neste caminhar, e por meio de suas vozes¹ docentes e não docentes contribuíram para esta realização. De forma especial agradeço...

A Deus, voz imponente, por iluminar e guiar;

Aos meus irmãos, Cleyde Freitas e Cleiton Oliveira, vozes inconfundíveis, que me ensinam o valor da união diante de conquistas e perdas, vozes confiantes no meu ser e no meu trabalho;

Às minhas sobrinhas e aos meus sobrinhos, vozes jovens, conversas em tons agudos, momentos de alegria em minha vida;

Às vozes amigas, meigas, peculiares, fortes e maduras, diálogos incentivadores;

Ao professor Rodrigo, de atitude vocal calma e harmônica, por estimular a reflexão sobre a educação em contexto transdisciplinar e além de fronteiras;

Ao professor Tiago, voz com articulação definida, clareza de ideias, por valiosas críticas construtivas quanto ao conteúdo;

À professora Ulisdete, voz feminina, por sua experiência indicando novos olhares;

Aos professores participantes da pesquisa, diversos padrões vocais, que acreditaram e, como sujeitos ativos, caminharam comigo no planejamento, no desenvolvimento e na avaliação do curso de formação continuada "Usos e Desusos da Voz Docente nos anos de 2016, 2017, 2018 e 2020";

Aos profissionais da EAPE-DF, vozes dirigentes, faladas no dia a dia para uma formação continuada de qualidade;

Aos professores e profissionais da secretaria da pós-graduação, vozes harmoniosas, que mantêm o importante trabalho para a manutenção do programa;

À minha orientadora Ormezinda (Aya), voz precisa, pela confiança, pela dedicação com que me orientou a vencer medos e a viver este sonho com liberdade. Falamos cada uma no próprio fluxo respiratório, no próprio tom/frequência na intensidade da dinâmica vocal e emocional; fomos muitas vozes e articulamos para o mesmo fim. Sonhar juntas é realidade!

Ao meu amado, Luciano, voz forte, sedutora e convincente, que expressou companheirismo, cuidado, participação e incentivo todas as vezes que me viu desanimada.

Minha voz, amável, ecoa...GRATIDÃO!

¹ A avaliação da Psicodinâmica vocal exposta neste texto é uma visão pessoal da pesquisadora sobre as produções vocais e sem qualquer intenção de compor um diagnóstico. Realizei uma escuta da voz em algum momento da realização deste trabalho e a caracterizei a partir das impressões transmitidas. Referencial: Behlau & Et Al. Voz: O livro do especialista, volume 1; 2002; p. 118 -120.

VOZ DOCENTE

E agora, professor?

Onde está a sua voz?

Como está a sua voz?

Presa na garganta

Na afonia², na disfonia³

De cada dia

No respirar da agonia

Sem ar, sem esperança

Sem cuidar

Na sua profissão

Não dá.

Precisa de eufonia⁴

A voz é recurso

É instrumento

É registro, identidade.

E agora, professor?

Onde está a sua voz?

Como está a sua voz?

Ivonete da Silva Oliveira.

Planalto Central, Bsb, primavera de 2019.

² Afonia: ausência do som da voz.

³ Disfonia - distúrbio da comunicação oral que impede a produção natural da voz do indivíduo. (Behlau & Pontes, Avaliação e tratamento das disfonias. São Paulo: Lovise, 1995).

⁴ Eufonia: som agradável, sucessão harmoniosa de sons.

RESUMO

O professor, em seu trabalho cotidiano, necessita fundamentar o seu comportamento vocal, por meio do conhecimento, para o uso consciente da própria voz. Ele será mais saudável quanto mais conhecimento tiver das potencialidades e limitações do seu aparelho fonador. Para tanto são necessárias ações educativas em prol da saúde do professor. Problemas de voz em professores causam danos pessoais, profissionais, sociais e econômicos. A partir dessas constatações e da nossa experiência na formação continuada de professores, surgiu o seguinte problema: A formação continuada desenvolvida no curso “Usos e Desusos da Voz Docente” é uma possibilidade para promover a saúde vocal do docente? Qual o impacto dessa formação? Para a fundamentação teórica da voz orgânica e funcional, buscamos Mara Behlau (2001, 2004), Mara Behlau e Paulo Pontes (1995), Silvia Pinho (1998, 2007), Léslie Ferreira (2001,2007) dentre outros. A possibilidade formativa dialógica, reflexiva e participativa como referência na voz de Demerval Saviani (2007, 2008,); Paulo Freire (1987,1999, 2006,); Antonio Nóvoa (1992,1995); Gasparin (2012). O trabalho partiu de pesquisa-ação, baseada em Thiollent (1998). Desenvolvemos um processo de pesquisa, em sua totalidade, sob a perspectiva do professor da compreensão e da utilização da sua própria voz na docência. A proposta foi realizada nos anos de 2016, 2017 e 2018 no Centro de Aperfeiçoamento dos Profissionais de Educação do Distrito Federal (EAPE/SEEDF). Resultado: Os professores participantes da formação no curso “Usos e desusos da voz docente”, quase em sua totalidade, relataram um impacto positivo, como ação educativa dialógica, reflexiva e participativa, levando-os a integrar elementos de cuidados com a voz na própria vida pessoal e profissional. Sugeriram continuidade e ampliação do curso na SEEDF.

Palavras-chave: Voz. Voz do professor. Saúde vocal. Formação continuada.

ABSTRACT

The teacher, in his daily work, needs to base his vocal behavior, through knowledge for the conscious use of his own voice. He will be healthier the more knowledge he has of the potential and limitations of your phonator device. For this, educational actions are needed in favor of the teacher's health. Voice problems in teachers cause personal, professional, social and economic damage. From these findings and our experience in continuing teacher education, the following problem arose: Is the continuing training developed in the course "Uses and Disuse of the Teaching Voice" a possibility to promote the vocal health of teachers? What is the impact of this training? For the theoretical foundation of organic and functional voice, we sought Mara Behlau (2001, 2004), Mara Behlau and Paulo Pontes (1995), Silvia Pinho (1998, 2007), Léslie Ferreira (2001, 2007) among others. The dialogical, reflexive and participatory formative possibility as reference in the voice of Demerval Saviani (2007, 2008); Paulo Freire (1987, 1999, 2006); Antonio Nóvoa (1992, 1995); Gasparin (2012). The work started from action research, based on Thiollent (1998). We developed a research process, in its entirety, from the perspective of the teacher of understanding and the use of his own voice in teaching. The proposal was carried out in 2016, 2017 and 2018 at the Centro de Aperfeiçoamento dos Profissionais de Educação do Distrito Federal (EAPE/SEEDF). Result: The teachers participating in the training course "Uses and disuse of the teaching voice", almost in its entirety, reported a positive impact, as a dialogical, reflexive and participatory educational action, leading them to integrate elements of voice care into their own personal and professional life. They suggested continuity and expansion of the course at SEEDF.

Keywords: Voice. Teacher's voice. Vocal health. Continuing training.

RESUMEN

El profesor, en su trabajo diario, necesita fundamentar su comportamiento vocal, por medio del conocimiento, para el uso consciente de la propia voz. Él será más sano cuanto más conocimiento tenga de las potencialidades y limitaciones de su aparato fonador. Para ello son necesarias acciones educativas en favor de la salud del profesor. Problemas de voz en profesores causan daños personales, profesionales, sociales y económicos. Desde estas constataciones y de nuestra experiencia en la formación continuada de los profesores, surgió el siguiente problema: La formación continuada desarrollada en el curso “Usos y Desusos de la voz Docente” ¿es una posibilidad para promover la salud vocal del docente? ¿Cuál es el impacto de esta formación? Para el fundamento teórico de la voz orgánica y funcional, buscamos Mara Behlau (2001, 2004), Mara Behlau y Paulo Pontes (1995), Silvia Pinho (1998, 2007), Lésli Ferreira (2001, 2007) entre otros. La posibilidad formativa dialógica, reflexiva y participativa como referencia en la voz de Demerval Saviani (2007, 2008,); Paulo Freire (1987,1999, 2006); Antonio Nóvoa (1992,1995); Gasparin (2012). El trabajo adviene de investigación-acción, basada en Thiollent (1998). Desarrollamos un proceso de investigación, en su totalidad, desde el punto de vista del profesor de la comprensión y de la utilización de su propia voz en la docencia. La propuesta fue realizada en los años de 2016, 2017 y 2018 en el *Centro de Aperfeiçoamento dos Profissionais de Educação do Distrito Federal* (EAPE/SEEDF). Resultado: Los profesores participantes de la formación en el curso “Usos y Desusos de la voz Docente”, case que en su totalidad, reportaron un impacto positivo, como acción educativa dialógica, reflexiva y participativa, llevándoles a integrar elementos de cuidados con la voz en la propia vida personal y profesional. Se propuso continuidad y ampliación del curso en la Secretaria de Educación de Distrito Federal.

Palabras clave: Voz. Voz del profesor. Salud Vocal. Formación continuada.

Ensinar e aprender têm que ver com o esforço metodicamente crítico do professor de desvelar a compreensão de algo e com o empenho igualmente crítico do aluno de ir entrando como sujeito em aprendizagem, no processo de desvelamento que o professor ou a professora deve deflagrar. Isso não tem nada que ver com a transferência de conteúdo e fala da dificuldade, mas, ao mesmo tempo, da boniteza da docência e da discência. (FREIRE, 2006, p. 45).

A boniteza dos sons.

Que som é esse?

A voz.

Que dá voz ao ser humano

Dá vida

Desvela a realidade

O pensamento na voz

A voz na realidade.

No som que articula:

É fala:

Fácil de emitir.

É voz

agradável no escutar.

Então, respira (inspira/expira)

E deixa um fluxo de ar

Marcar

Revelar a sua história

Interesses e necessidades

Na boniteza da essência

No som da fala

Do ser dialógico.

Ivonete da Silva Oliveira

Planalto Central, DF, primavera de 2019.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

IMAGEM

Imagem 1 - Momentos constantes de ouvinte e falante no processo formativo.....	63
Imagem 2 - Espaço da sala do curso organizado para o diálogo, a reflexão, a participação	63
Imagem 3 - PEC- Mosaico de interesses/ problemas e causas/ soluções sob a percepção dos professores das condições do desempenho vocal	65
Imagem 4 - PEC - Análise coletiva para classificação, reagrupamentos, temas e conteúdos específicos.....	65
Imagem 5 - Livro Falado produzido pelos professores como prática de avaliação ...	70
Imagem 6 - Vozes em ambiente virtual	157

GRÁFICO

Gráfico 1 - Identificação da função desenvolvida no momento do curso	87
Gráfico 2 - Dado de Identificação do sexo.....	87
Gráfico 3 - Tempo de atuação no Magistério (em anos) na SEEDF	88
Gráfico 4 - Como realizar uma formação prazerosa	89
Gráfico 5 - Interesses dos professores relacionados à voz humana.....	91
Gráfico 6 - Ano de participação de professores no curso de formação continuada “Usos e Desusos da Voz Docente”	134
Gráfico 7 - Conhecimentos sobre voz humana na formação inicial ou continuada de professores do ensino básico.....	134
Gráfico 8 - Curso de graduação dos professores	135
Gráfico 9 - Motivo de interesse de participar do curso “Usos e Desusos da Voz Docente”	135
Gráfico 10 - Dados sobre a prática dos ensinamentos do curso de professores	136

QUADRO

Quadro 1 - Trechos dos depoimentos escritos para avaliação da estratégia de Planejamento Estratégico Comunicativo- PEC.....	85
Quadro 2 - Análise da correlação de problema/ causa/ solução/ sob a perspectiva dos professores	93

Quadro 3 - Identificação de Ações educativas de promoção da saúde vocal na SEEDF	129
Quadro 4 - Depoimento do professor sobre a valorização da voz após participação no curso de formação continuada “Usos e Desusos da Voz Docente”	136
Quadro 5 - Registro sobre mudanças ocorridas após a participação no curso “Usos e Desusos da Voz Docente”	137
Quadro 6 - Dificuldades do professor para manter ações de cuidado com a voz após a participação no curso de formação continuada “Usos e Desusos da Voz Docente”	138
Quadro 7 - Trechos de depoimentos da avaliação e sugestões dos professores participantes da formação continuada do curso “Usos e Desusos da voz Docente”	139

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
AEUDF	Associação de Ensino Unificado do DF
AVA	Ambiente Virtual de Aprendizagem
BDTD	Biblioteca Digital de Teses e Dissertações
CAICs	Centro de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente
CED 02	Centro Educacional 02 de Sobradinho
CEPRE	Centro de Estudos e Pesquisas em Reabilitação
CESTEH	Centro de Estudos da Saúde do trabalhador e Ecologia Humana
CFF ^a	Conselho Federal de Fonoaudiologia
CNE	Conselho Nacional de Educação
CNVP	Consenso Nacional de Voz Profissional
CONSAD	Conselho Nacional de Secretários de Estado de Administração
DVRT	Distúrbio de Voz Relacionado ao Trabalho
EaD	Educação a Distância
EAPE	Centro de Aperfeiçoamento dos Profissionais de Educação do Distrito Federal
ENSP	Escola Nacional de Saúde Pública
FCM	Faculdade de Ciências Médicas
FEDF	Fundação Educacional de Ensino do Distrito Federal
Fiocruz	Fundação Oswaldo Cruz
GADEP	Gerência de Apoio e Desenvolvimento de Pessoas
GDF	Governo do Distrito Federal
GEaD	Gerência de Educação à Distância
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
MS	Mato Grosso do Sul
OIT	Organização Internacional do Trabalho
OMS	Organização Mundial de Saúde
PAIR	Perda Auditiva Induzida pelo Ruído
PB	Paraíba
PEC	Planejamento Estratégico Comunicativo
PNE	Plano Nacional de Educação
PSA	Programa de Saúde Auditiva
PSV	Programa de Saúde Vocal
SEDF	Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal
SEEDF.	Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal
Subsaúde	Subsecretaria de Segurança e Saúde no Trabalho
SUGEP	Subsecretaria de Gestão de Pessoas
SUS	Sistema Único de Saúde
UnB	Universidade de Brasília
Unicamp	Universidade Estadual de Campinas

SUMÁRIO

1	MEMORIAL: VOZES QUE ECOAM... Vozes... Vozes...Vozes...Vozes.....	18
2	VOZES INTRODUTÓRIAS.....	25
3	O ESTADO DA VOZ: VOZES QUE ECOAM DE TRABALHOS CIENTÍFICO-ACADÊMICOS	35
4	VOZES QUE DIALOGAM NOS CAMINHOS DA METODOLOGIA “CURSO USOS E DESUSOS DA VOZ DOCENTE”	43
4.1	Primeiro Momento: Voz técnica... Locutores críticos da formação continuada	50
4.2	Segundo Momento: “O Grito e o despertar”	55
4.3	Terceiro Momento: Replanejar “Vozes que falam”	61
4.4	Terceiro Momento: Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) “Diálogos no Mundo Virtual”	65
4.5	Quarto Momento: Produto final “Doe a sua voz”	68
5	VOZES QUE SE CRUZAM: DIÁLOGOS PARA FORMAR-SE E FORMAR NO CURSO “Usos e Desusos da Voz Docente”	71
5.1	Práticas para formar-se ... percepções e autopercepções.....	71
5.2	Propriocepção	72
5.3	Percepção Auditiva Vocal	73
5.4	Psicodinâmica Vocal da Autopercepção.....	79
5.4.1	<i>Respiração</i>	80
5.4.2	<i>Frequência</i>	81
5.4.3	<i>Intensidade.....</i>	81
5.4.4	<i>Articulação.....</i>	82
5.4.5	<i>Velocidade da fala</i>	83
5.4.6	<i>Ressonância</i>	83
5.5	Práticas para instrumentalizar: perspectivas discentes e mediação docente.....	84
5.5.1	<i>Professor, onde e como está a sua voz? A voz sob a perspectiva dos docentes (problemas, causas, soluções).....</i>	86
5.5.2	<i>Identificando os professores... Diálogos iniciais da prática social</i>	88
5.5.3	<i>- O Curso de formação continuada sob a expectativa dos professores discentes.....</i>	89

5.5.4	<i>A percepção dos professores sobre as condições vocais e o desempenho vocal: interesses, problemas, causas e soluções</i>	91
5.5.5	<i>- Diálogos instrumentais</i>	94
5.5.6	<i>Teorias e temas da voz humana abordados no curso</i>	97
5.5.6.1	<i>Minha Voz, Minha Vida</i>	99
5.5.6.1.1	Requisitos da Anatomia e Fisiologia para o Trabalho Educativo da Voz Docente	100
5.5.6.1.2	A Voz	101
5.5.6.1.3	O Mecanismo para Gerar a Voz Humana.....	101
5.5.6.1.4	As Características da Voz: Qualidade Vocal	103
5.5.6.2	<i>Minha Voz, Minha Identidade</i>	106
5.5.6.2.1	Características da Voz Falada	111
5.5.6.3	<i>Minha Voz, Minha Profissão</i>	113
5.5.6.3.1	De voz para voz: Do Fonoaudiólogo que orienta para o Professor que usa a voz.....	115
5.5.6.3.2	A Fonoaudiologia: Profissional que Cuida da Voz	115
5.5.6.3.3	O Professor: Profissional que usa a voz.....	117
5.5.6.4	<i>Minha Voz, Minha Saúde</i>	120
5.5.6.4.1	Educação e Saúde na formação do Professor	125
5.5.6.4.2	Ações desenvolvidas na SEE-DF para a promoção da saúde vocal docente.....	127
6	VOZES ECOAM NA PRÁTICA SOCIAL FINAL: INTERLOCUÇÃO E ANÁLISES ENTRE PRIMAVERAS	132
6.1	A voz do Isolamento : Período de COVID-19	142
7	VOZES FINAIS	145
	REFERÊNCIAS	158
	APÊNDICES	172
	APÊNDICE A – PLANILHAS DO ESTADO DA VOZ	172
	APÊNDICE B- PLANO DE CURSO DESENVOLVIDO COLETIVAMENTE	184
	APÊNDICE C- PRODUTO FINAL	186

1 MEMORIAL: VOZES QUE ECOAM... Vozes... Vozes...Vozes...Vozes...

“Você é um presente de Deus”

Hoje a ciência acompanha o desenvolvimento do bebê em todo o período de formação no interior do útero materno. A partir de quatro semanas e meia, as orelhas estão formadas e já são funcionais. Assim, no meio da gestação, um bebê é capaz de ouvir bem e responder aos sons.⁵

Dessa forma, creio que minha memória auditiva desse período é de vozes carregadas de sentimentos e desejos. São vozes que marcaram e se refletiram em minha vida, nas escolhas de percursos pessoais e profissionais.

Chegou o grande dia!

“Minha voz, minha vida”

Ou talvez “Meu grito, minha existência”!

O mecanismo vocal no nascimento da criança produz sons vegetativos que sinalizam diversos estados emocionais e biológicos de necessidade. Esse é o momento em que começa o controle do mecanismo de respiração, líquidos são eliminados por meio do fluxo de ar que agora ocupa o espaço pulmonar gerando o primeiro som - a voz.⁶ Nasci. Chorei e ouvi... *“Você é um presente de Deus”*.

Cresci com uma voz ecoando...

“Você é um presente de Deus!”

No seio da família formada por meu pai, Antônio Laurindo, minha mãe, Maria de Lourdes e meus irmãos, Cleyde e Cleiton, me constituí na pessoa que sou hoje. As vozes que permearam o nosso ambiente sempre ressoaram cuidados de proteção, carinho e a beleza da vida. Nas dificuldades financeiras da família, uma voz nos acalentava e justificava o amor à vida: *“Antes de vocês nascerem tudo*

⁵O feto pode detectar, responder e diferenciar sons, assim como sua intensidade e altura, familiaridade e direção. Ele prefere sons agudos, especialmente nas frequências da fala humana, priorizando as vozes femininas e da sua própria mãe.” (KLAUS; KENNEL, KLAUS, 2000, p. 52).

⁶Na perspectiva biológica, a voz é definida como som audível resultante da inter-relação complexa entre a pressão e velocidade do fluxo de ar expiratório.” (GUIMARÃES, 2007, p. 59). “Na fonoaudiologia, de acordo com estudos, a voz é decorrente da ação conjunta e harmoniosa de várias estruturas anatômicas. Esse conjunto de estruturas é denominado aparelho fonador ou trato vocal, constituído pela laringe e pelas cavidades de ressonância.” (BEHLAU, PONTES, 1989 *apud* BEHLAU, 2001, p. 64 e 248).

parecia muito difícil; mas depois que nasceram tudo ficou mais fácil e o que era pouco passou a se multiplicar.” Vocês, meus filhos, são um presente de Deus!”

Na planejada e recém-inaugurada cidade de Brasília, os trabalhadores, candangos, acreditaram na voz da esperança *“Brasília Capital da Esperança”*. Então, o casal de candangos do sertão de Pernambuco, meu pai nascido na cidade de Flores e minha mãe nascida em Triunfo, com os filhos brasilienses ocuparam o seu espaço na cidade de Sobradinho. Uma cidade tranquila, arborizada e que tinha em cada quadra residencial uma escola. Contexto que me permitiu um percurso escolar simples e com muitas vozes.

Na escola Classe 11⁷, minha primeira escola, a professora parecia nascer todos os dias (ironicamente falando) ... seu grito de existência, como professora, atroava por toda a classe entre leituras e tabuadas intermináveis, junto aos gritos de **SILÊNCIOOOOO!**

Voltar para casa era o acalento e a certeza de ser importante *“Você é um presente de Deus!”*

Passaram-se os anos e uma voz mudou meu caminho escolar. *“Vocês serão transferidos para outra escola, a escola de aplicação⁸[...] A voz controladora da diretora me deixou desesperada ao dizer que sairia da minha pequena escola, onde havia criado um espaço de alegres vivências: saídas e chegadas sinalizadas com o som da sineta que era balançada todos os dias pela diretora, brincadeiras e risos na hora da diversão e também choros e brigas na hora da confusão das crianças, mas tudo se resolvia. Na hora da merenda escolar,⁹ a voz acolhedora da merendeira no momento de servir: *“É para comer todo o lanche! Tem muita criança que não tem o que comer em casa. Não vamos destruir comida!”**

Foram dois anos de crescimento na minha pequena Escola Classe 11, mas finalizados com aquela voz autoritária e definitiva da diretora. Assim, após uma

⁷ Art. 3º No Distrito Federal as unidades escolares, de acordo com suas características organizacionais de oferta e de atendimento, classificam-se em: Escola Classe – destinada a oferecer os anos iniciais do Ensino Fundamental. (regimento-escolar-rede-publica-de-ensino-df.pdf)

⁸ Art. 2º A Escola Normal de Sobradinho manterá curso de formação de docentes, de nível médio, para atuar na educação básica, no exercício do magistério nas quatro primeiras séries do ensino fundamental, bem como a escola de aplicação (Lei nº 2.032, de 28 de julho de 1998. DODF de 29.07.1998).

⁹ O Programa de Alimentação Escolar, conhecido como merenda escolar, criado em 31 de março de 1955 no governo de Café Filho, é um dos mais antigos programas alimentares em execução no Brasil. O cardápio sugerido constituía-se de mingau (leite com algumas farinhas) ou sopa de verduras, legumes, feijão e bebidas à base de leite. (BASTOS, 2011)

avaliação realizada na escola, os alunos com as melhores notas formaram o grupo que foi para a “Escola de Aplicação”. Minha voz ficou presa na garganta! Não queria ir para a nova escola! Não queria que me aplicassem nada! Muito menos injeção! (Essa era a ideia que me atormentava, porque todo o processo de seleção foi realizado com os alunos, entretanto se esqueceram de explicar a nós, alunos, o que estava acontecendo. Éramos crianças sem voz!

“Mas eu era um presente de Deus!”

Chegamos à nova escola, o Centro Educacional 02 de Sobradinho (CED 02),¹⁰ mais conhecido como a Escola Normal de Sobradinho, pois ali estava o curso de Magistério e, para mim, a indesejada Escola de Aplicação; porém, logo compreendi o sentido dessa escola.

Nesse novo ambiente da minha formação escolar, também acontecia a formação de professores, e a Escolinha de Aplicação era o espaço para os estudantes do curso de Magistério realizarem o seu estágio, ou seja, aplicar os seus conhecimentos para atuarem como futuros profissionais professores. Desse modo, a qualidade das atividades aplicadas foi primorosa e vozes ecoavam a importância e o valor de nosso estudo “*Vocês são o futuro do nosso País.*” E logo a experiência na nova escola libertou a minha voz presa na garganta e a transformou “*nos melhores anos da minha vida escolar!*”

Minhas professoras e meus professores tinham as vozes suaves e a doçura nas palavras, o respeito na relação e o encanto na arte de contar histórias em vários momentos. Para mim, um período bastante significativo, pois me lembrava das férias no interior do sertão do Nordeste, no agreste de Pernambuco, na cidade de Flores, no Sítio Cabeça Dantas a casa dos meus avós maternos, um sítio sem luz elétrica, com água esfriada no pote de barro e uma rede para dormir. Mas, antes de dormir, uma história eu tinha que ouvir... meu avô Luiz Boaventura sempre com uma boa prosa e uma história para contar de Lampião e tesouros escondidos (as misteriosas botijas), que animavam as noites estreladas, muito mais que qualquer filme de ação. São muitas as histórias do meu avô que ecoam e dão sentido à voz que um dia viveu e silenciou! Reverbera, no entanto, na voz do coração que dá sentido a minha história!

¹⁰Centro Educacional – CED: destinado a oferecer as séries/anos finais do Ensino Fundamental, o Ensino Médio e o 2º e 3º Segmentos da Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Assim, terminar o horário escolar com a professora dizendo *“Era uma vez...”* sempre me motivou para *“Quero mais uma vez, duas vezes, várias vezes... voltar para a escola. Quero ouvir a voz do mundo que invade o meu ser nas ondas das ciências, mais humanas e menos exatas”*.

Desse modo, os anos passaram e a minha história se constituía...

Em um determinado tempo lá estava eu, na Escola de Aplicação, estudante do Magistério, no estágio, e contando história para várias crianças. E, por meio daquela atividade muito significativa para mim, tentava transformar aquele espaço de tempo daquelas crianças que estavam sob a minha responsabilidade como professora “nos melhores momentos de suas vidas”, porque para mim *“elas eram um presente de Deus”*.

Finalizei a minha formação do segundo grau. Meu primeiro registro profissional no Departamento de Inspeção do Ensino do DF: Professor do Ensino de 1º Grau até a 4ª série. Entrei de férias, mas no ritmo intenso que a formação de professora exigiu, não perdi o ritmo, e assim que surgiu o concurso público para professores, realizei a prova para professores da Fundação Educacional de Ensino do Distrito Federal (FEDF).¹¹ Desse modo, voltei de férias convocada para tomar posse como professora efetiva no sistema de ensino público do DF.

No dia seguinte ao exame Admissional¹², a posse e muita disposição para iniciar minha vida profissional, fui para uma área nobre da cidade, Lago Norte, enquanto outras colegas foram para áreas rurais ou comunidades menos favorecidas financeiramente.

“Seja bem-vinda à Escola Classe e Jardim de Infância do Lago Norte!” A coordenadora pedagógica me recebeu e me conduziu à nova turma da escola: “Esta é a sua turma!” (Minutos antes dessa voz de acolhimento e apresentação, acompanhei a ida da coordenadora em várias salas, onde ela vozeava o nome de determinados alunos. Estes nos acompanhavam e formaram a minha classe de alunos).

¹¹A Fundação Educacional do Distrito Federal (FEDF) foi extinta pelo Decreto nº 21.396, de 31 de julho de 2000, publicado no DODF nº 146, de 01 de agosto de 2000, que delegou à Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEDF), a competência para praticar atos e adotar medidas necessárias à gestão da entidade.

¹² Exames admissionais são instrumentos de aferição de aptidão física e mental do candidato (Lei nº 8112/90). Na lista de exames para professores da Rede Pública de Ensino do Distrito Federal há o exame de Audiometria para avaliar a capacidade auditiva, que é realizado por fonoaudiólogo e a laringoscopia para avaliar as vias aéreas (nariz, laringe e faringe) realizado por otorrinolaringologista. São exames importantes para os professores profissionais da voz.

Turma formada com alunos escolhidos “a dedo”, ou melhor, problemas escolhidos. Com essa turma nasci como professora, e nos gritos da minha existência (quase como minha primeira professora!) percebi que as didáticas do português, da matemática, os belos recursos didáticos e as crianças selecionadas para a Escolinha de Aplicação não me mostraram a realidade da repetência, da pobreza e das crianças “que não foram presentes de Deus” para algumas de suas famílias.

Nesse momento, compreendi que precisava estudar e aprender mais como ser professora, pois reproduzir os ensinamentos e as técnicas do curso de Magistério não era suficiente para o processo de aprendizagem de alunos com uma média de dez e treze anos, na primeira série e não alfabetizados. Além disso, as relações dentro e fora da escola não criavam um ambiente motivador, pois ouviam vozes de profissionais e familiares denunciando a suposta incapacidade para aprenderem: “*Estes alunos são burros*”. “*Precisam ser diagnosticados! São do Ensino Especial*.” “Meu filho é um caso perdido”. Chorei a cada história de vida contada. As verdades desveladas e as inverdades sofridas por cada uma daquelas jovens crianças. Pensei em desistir. Seria apenas mais uma professora a desistir, a quinta em um período de dois meses, naquela turma “especial”. Entretanto, senti que não poderia deixá-los depois dos laços de confiança e respeito que criamos; afinal eles passaram a ser o meu problema e não o problema da escola e muito menos do sistema de ensino existente na época. Assim, eu, professora, renasci sem gritos, mas com muitos diálogos.

Na minha ânsia de mudar a realidade, realizei todos os possíveis cursos de formação continuada ofertados na SEEDF. O curso “Teoria e prática para ensinar alunos com dificuldades de aprendizagem escolar” foi a formação que surgiu na hora certa para a pessoa certa (ou melhor, para as pessoas certas, professora e alunos, pois estávamos desejando mudar aquela realidade). Também me proporcionou conhecer o trabalho de outro profissional - o fonoaudiólogo¹³. E minha voz interior logo se pronunciou “*Um dia quero ser fonoaudióloga*”. Mas iniciei o curso de Pedagogia em uma instituição particular, Associação de Ensino Unificado do DF (AEUDF), pois o trabalho não me permitia estudar na UnB e em Brasília não havia curso na área da Fonoaudiologia.

¹³Fonoaudiólogo é o profissional, com graduação plena em Fonoaudiologia, que atua em pesquisa, prevenção, avaliação e terapia fonoaudiológicas na área da comunicação oral e escrita, voz e audição, bem como em aperfeiçoamento dos padrões da fala e da voz. (Lei nº 6965/ 9-12-81).

Durante a graduação de Pedagogia, o meu trabalho transformou-se no meu laboratório de aplicação. A teoria e a prática se entrelaçaram, se emaranharam e me conduziram a caminhos e realidades que não estavam escritas nos livros e manuais de como ser professora. Os cursos de Magistério e Pedagogia constituíram a base: teorias, metodologias e didáticas; além de despertar o desejo por conhecimento. Porém, foi na atuação diária que encontrei a formação conciliadora entre a profissional professora e o ser humano constituído de muitas vozes no decorrer de minha vida. Assim, logo se findaram as ações voltadas às práticas pedagógicas do grito e os planejamentos descontextualizados. E essas abriram um caminho para as práticas pedagógicas mais humanizadas, respeitando cada ser e conhecendo as realidades individuais e coletivas, que passaram a construir o meu fazer e o ser professora. E no meio desse caminho reverberaram vozes de um desejo realizado anos depois: ser fonoaudióloga. Hoje, sou duplamente uma profissional da voz!

Diariamente é começar e recomeçar, pensar e refletir, ouvir e escutar amorosamente as vozes presas na garganta e as que ecoam... *“Somos todos presentes de Deus”*.

Hoje, quero ouvir a sua voz...

Sua voz me guia, esclarece,

Comunica...

Hoje, quero ouvir nossas vozes

Nossas vozes falam, conversam,

Dialogam

Nas frequências altas e baixas

Nos agudos e graves da vida...

Convertemos

Nossas práticas não realistas

Em processos e contextos

Significativos...

Seja na sua voz

Princípio, meio e libertação

Voz é vida que não fica...

Voz é vida que ecoaaaaaaaaaaaaa!

Ivonete da Silva Oliveira

Planalto Central, DF, outono de 2019.

2 VOZES INTRODUTÓRIAS

A voz é um instrumento de trabalho do professor (BEHLAU; PONTES, 1995). Professores diariamente usam a própria voz para orientar, esclarecer, desenvolver ideias, acalantar, punir. Assim, para nós a voz do professor será tratada como seu recurso natural e pessoal de comunicação para realizar o trabalho docente.

De acordo com Pinto e Furk (1988), muitos professores realizam um trabalho intenso, cansativo, sem o mínimo conhecimento sobre a voz, os cuidados, a técnica vocal, como também sobre as consequências orgânicas decorrentes do uso indevido. O professor é um dos profissionais que apresentam um grande índice de hábitos e atitudes que prejudicam o uso da voz de forma saudável. Behlau (2005) identificou que a maior ocorrência de alterações vocais em profissionais da voz acontece com os professores.

As pesquisas apresentadas no capítulo Estado da voz mostram evidências e sugerem ações para uma educação vocal eficiente à profissão docente, devido à prevalência de um alto número de diferentes tipos e graus de Disfonia. A Disfonia é um sintoma relacionado a toda e qualquer dificuldade na emissão vocal que impeça a produção natural da voz (BEHLAU; PONTES, 1995).

Hoje, a disfonia tem um enfoque ocupacional quando relacionada ao uso profissional da voz, principalmente na profissão do professor (BEHLAU *et al.* 1997; ROY *et al.*,2004). Guimarães (2004) também enfoca a Disfonia como uma alteração vocal que afeta o desempenho das profissões que dependem da voz como um dos requisitos para a realização de sua atividade profissional.

Assim, a grande predominância de alterações vocais na prática profissional apresentam o docente como um profissional da voz com falta de conhecimentos sobre o uso da voz como importante instrumento de trabalho.

A partir de minha experiência profissional como professora na formação continuada de professores da rede de ensino público do Distrito Federal e com formação na área de fonoaudiologia e estudos na área da voz falada observei aspectos pertinentes ao comportamento dos professores no que se refere ao uso da voz. Como são poucas as iniciativas de programas e propostas relacionadas à produção vocal adequada, são necessários conhecimentos à prática da profissão, de modo a conscientizar o professor de sua própria voz como um recurso pessoal a ser cuidado. Há profissionais que descobrem a necessidade de cuidados somente

quando surge um problema vocal, e aí se inicia uma percepção da voz para o tratamento do distúrbio e a possível conscientização sobre como usar adequadamente a voz na profissão. De acordo com Behlau Rehder (1979) existem parâmetros importantes para se diferenciar a voz de acordo com os ajustes para o devido uso da voz. A voz falada é a voz coloquial usada na comunicação oral e fornece ou transparece características do indivíduo. A voz profissional a forma de comunicação de pessoas que dela dependem para a atividade ocupacional. Enquanto a voz cantada é uma forma de comunicação oral utilizada no canto e trabalha características específicas de modificações fisiológicas, acústicas e musicais. Há professores que desconhecem esses ajustes da voz falada, e assim, desconhecem os cuidados com a própria voz como recurso pessoal e profissional.

A partir dessas constatações, dos estudos realizados e de minhas observações, o problema central deste estudo é: Qual o impacto da formação continuada na realização do curso “Usos e Desusos da Voz Docente” e a possibilidade de promover o uso adequado da voz do profissional docente?

Deste problema, outros questionamentos surgiram: Qual a percepção do professor sobre a voz? Qual o nível de informação e interesses do professor com relação à voz? Qual a experiência dos professores em cursos de formação sobre cuidados da voz? Como a Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF) trata a voz do professor? Como a saúde e a educação vocal do professor podem ser associadas em uma prática educativa?

Professor,

Onde está a sua voz?

Como está a sua voz?...

A voz é um bem pessoal que está protegido pela Constituição Federal de 1988 (art. 5º, inciso XXVIII, alínea a)

Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes:

XXVIII - são assegurados, nos termos da lei:

a) a proteção às participações individuais em obras coletivas e à reprodução da imagem e voz humanas, inclusive nas atividades desportivas; (Grifo nosso) (BRASIL,1988)

De acordo com Bittar (1999, p. 99), os estudos da proteção da voz estão em estudos no âmbito da teoria “Direitos da Personalidade”¹⁴. Trata-se de uma visão sobre a emanção sonora natural da pessoa, originária do aparelho fonador envolvendo o som, por via de tonalidades diferentes que podem ser treinadas e aprimoradas formando características próprias que podem individualizar a pessoa no meio social. Estudar a voz tem sua importância quando vivemos em sociedade e a temos como um elo do indivíduo com o meio externo. A voz é o veículo de nossa inter-relação, de comunicação, um meio de atingir o outro (BEHLAU; ZIEMER, 1988; BEHLAU, 2012). A voz se faz presente nos processos de socialização humana, como um dos componentes da linguagem oral e da relação interpessoal, produzindo impactos na qualidade de vida dos sujeitos, especialmente daqueles que fazem uso da voz falada e/ou cantada em sua profissão (GRILLO; PENTEADO, 2005). Dessa forma, consideramos a voz um importante bem pessoal e um recurso para o trabalho, que além de estar protegida constitucionalmente, precisa estar protegida das situações que afetam o seu bom funcionamento e uso.

Entre o grupo de profissionais que usa a voz para o trabalho está o professor. Este, como profissional da voz, necessita de conhecimentos e ações para garantir um uso adequado, ou seja, manter uma voz saudável no desenvolvimento das atividades docentes, porque abusos vocais causam afastamentos, má qualidade de vida no ambiente de trabalho, nos contextos familiares e sociais. De acordo com o Consenso Nacional de Voz Profissional da Sociedade Brasileira de Otorrinolaringologia *et al* (2004), o abuso vocal é caracterizado quando um indivíduo utiliza sua voz acima dos limites saudáveis, mesmo com a utilização de uma boa técnica vocal.

A Organização Internacional do Trabalho (OIT) considera que o professor compõe um dos grupos de profissionais que utiliza a voz com maior risco de desenvolver distúrbios vocais; a literatura nacional e a internacional apontam o professor como o profissional com a maior incidência de problemas de voz em relação à população geral. Um estudo comparativo entre professores e indivíduos que não desenvolvem atividade docente, realizado nos Estados Unidos, relata que a

¹⁴ O autor Carlos Alberto Bittar destaca como sendo direitos da personalidade: “[...] (a) os próprios da pessoa em si (ou originários), existentes por sua natureza, como ente humano, com o nascimento; b) e os referentes às suas projeções para o mundo exterior (a pessoa como ente moral e social, ou seja, em seu relacionamento com a sociedade)” (BITTAR, 1999, p. 10). Neste trabalho citamos uma abordagem do direito civil sobre a voz humana, como um bem do indivíduo, para destacar a importância da voz no uso pessoal e profissional em nossa sociedade.

prevalência do distúrbio vocal em professores é maior. É de 57,7% em professores e de 28,8% em indivíduos não professores (ROY *et al.*, 2004). Pesquisa semelhante feita no Brasil apresentou situação similar: 63% professores relataram problema vocal frente a 35,8% não professores (BEHLAU *et al.*, 2012).

A incidência de alterações e a falta de conhecimento do próprio profissional sobre a voz, da sua importância como recurso de trabalho e como componente constitutivo de sua identidade como profissional da voz são fatores relevantes para a reflexão sobre comportamentos e condições no trabalho: uso excessivo da voz, falar durante horas semanais sem os cuidados básicos, trabalhar em condições desfavoráveis que não estabelecem ações protetoriais e desenvolvimento de problemas vocais. Nesse contexto, acompanhamos o estudo de Gillivan *et al.* (2006) que evidencia a necessidade de orientação do uso da voz aos professores, pois, dentre os profissionais da voz, estes são considerados os de maior risco para o desenvolvimento de alterações vocais relacionadas ao uso abusivo em condições desfavoráveis.

Para o uso vocal sem prejuízo do professor, a voz deve ser agradável, audível e produzida corretamente para manter uma qualidade de vida e qualidade de trabalho. Mas, em seu estudo, Gonçalves, Penteado, Silvério (2005) apresentaram alguns aspectos da profissão docente determinantes de prejuízos e agravantes de problemas vocais como:

Os aspectos da qualidade de vida e do trabalho são apontados como determinantes e agravantes das disfonias. São eles: ambiente e organização do trabalho (como a necessidade de dar conta do conteúdo previsto e da gestão escolar); demanda vocal e condições de uso da voz nos contextos cotidianos; condições de saúde geral; questões de gênero e dos papéis sociais desempenhados na sociedade; organização da vida privada; representações acerca do processo saúde/doença, entre outros (GONÇALVES, PENTEADO, SILVÉRIO, 2005, p. 49).

Na relação qualidade de vida e harmonia do corpo, a produção da voz necessita da saúde vocal e geral. Segundo Mello (1972), todo o corpo colabora para a produção da voz; para Bloch (1986), as condições ideais para uma produção vocal adequada correspondem a um estado de saúde geral dentro das melhores condições possíveis, e, conforme Sataloff (1991), todo o sistema corporal afeta a voz. Dessa forma, a boa produção vocal depende de diversos fatores, inclusive cuidados com a saúde geral do indivíduo.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) definia saúde a partir de uma noção antiga, estática e formal: saúde é a ausência de doença. É a situação de perfeito bem-estar físico, mental e social. Mas, desde 1948 o conceito da OMS está voltado para um estado dinâmico-social e socioeconômico, como resultado do indivíduo às condições do meio onde vive e trabalha, de forma que nenhum ser humano é totalmente saudável ou totalmente doente. As experiências e vivências constituirão a sua história, e ele viverá condições e momentos de saúde/doença ao longo da vida.

O desenvolvimento humano em estudos relacionados ao bem-estar e a novas áreas do conhecimento, como os estudos fonoaudiológicos, evidenciam que o comportamento vocal pode ser aprimorado, levando a reflexões sobre a forma do falar e sua relação com os processos de comunicação oral. Conhecer e saber cuidar da voz pode ser um recurso favorável para o processo comunicativo conduzido pelos docentes no processo de ensino-aprendizagem, pois os profissionais podem descobrir formas do melhor uso da voz, compreender o próprio comportamento vocal, desenvolver ações conscientes de suas possibilidades e limitações no uso da voz, e como recurso promover uma melhor relação docente e discente e, por consequência, a melhoria do ensino.

Entendemos a educação voltada para a promoção da saúde vocal do professor como uma ação para a experiência que modifica, pois quanto mais conhecimento e autoconhecimento ele adquirir, espera-se que mais saudável seja o professor. Além disso, proporcionará melhoria do ambiente de trabalho, mais desenvolvimento de habilidades, aptidões e competências profissionais e preservará hábitos saudáveis durante a vida, dentro e fora do ambiente profissional.

Do ponto de vista de Grillo e Penteado (2005) sobre a formação do professor e promoção da saúde vocal,

Os profissionais de educação com o passar dos anos de profissão aumentam as chances de problemas com o uso da voz e de comprometimento da saúde vocal e geral do professor. Isso indica que a ação fonoaudiológica para a promoção da saúde vocal deve iniciar-se na formação do(a) professor(a) e se estender ao longo de sua carreira, integrando as propostas de formação continuada e de promoção da saúde desse trabalhador. (GRILLO; PENTEADO, 2005, p. 330).

De acordo com uma pesquisa sobre qualidade vocal realizada com 149 professores da rede de ensino público do Distrito Federal, 74,5% dos professores apresentaram alterações pelo uso excessivo da voz. A mesma pesquisa mostra que

79,87% não têm informações sobre os cuidados com a voz, mas relatam abusos e prejuízos na voz. (QUINTANILHA, 2006).

No Distrito Federal o grande número de profissionais com problemas de voz que estão afastados e readaptados onera os cofres públicos e priva os profissionais de continuarem normalmente suas atividades diárias e sua carreira profissional. Medeiros (2010), em uma pesquisa sobre o adoecimento de professores, identificou os distúrbios de voz como a terceira causa de readaptação¹⁵ dentro da rede de ensino do DF.

Uma pesquisa realizada entre 2009-2010 na Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF) avaliou 153 professores em licença médica por distúrbios vocais há mais de trinta dias e apontou o desfecho do afastamento: 84 professores (54,9%) foram encaminhados para restrição de função, sendo que depois, desses 84, 23 foram readaptados e 61 encaminhados para o retorno à função.

Em 2014, o Distrito Federal contabilizou a emissão de mais de 29 mil atestados médicos, sendo o número total de servidores na SEEDF aproximadamente 35 mil. Segundo publicação do Conselho Nacional de Secretários de Estado de Administração (CONSAD), o índice de absenteísmo-doença nos servidores do DF, em 2011, foi de aproximadamente 48%.

O professor, no exercício da sua função, mobiliza o corpo e a voz para realizar seu trabalho diário, pois expressa pensamentos, sentimentos e emoções. Revela aspectos importantes da natureza pessoal que podem facilitar ou dificultar o processo de ensino e de aprendizagem. A voz do professor é um elo, na grande maioria, das relações existentes entre o professor e os demais membros da comunidade escolar. Assim, ele necessita de uma formação que o capacite vocalmente para o desempenho de sua atividade docente e que lhe permita possibilidades de desenvolvimento do aspecto profissional e pessoal, pois consideramos a voz um importante recurso pessoal e profissional do professor.

Em vista disso, observações e estudos que venho realizando ao longo da minha vida profissional, como pedagoga e fonoaudióloga, mostram que há uma carência de informação e formação para o professor no uso da voz. Assim, também há um número crescente de profissionais desejando saber e entender como usar a

¹⁵Readaptação é a investidura do servidor em cargo de atribuições e responsabilidades compatíveis com a limitação que tenha sofrido em sua capacidade física ou mental verificada em inspeção médica. (Art. 24; Lei n.º 8.112/90)

voz. Entretanto, há uma lacuna de estudos sobre os caminhos para a realização de práticas formativas que promovam a saúde vocal do docente.

Logo, com o objetivo de analisar a proposta de curso para a promoção da saúde vocal dos docentes da SEEDF, este trabalho de pesquisa está baseado na construção e desenvolvimento do curso “Usos e Desusos da voz do Docente do Ensino Básico” sob a perspectiva dos professores a partir de uma prática dialógica, reflexiva, participativa em um planejamento coletivo. O curso de formação continuada é vinculado às ações da Subsecretaria de Formação Continuada dos Profissionais de Educação do Distrito Federal (EAPE). No âmbito acadêmico a pesquisa vinculou-se aos estudos do Grupo de Pesquisa: Os Significantes e Significados do ensino e da produção de textos: pesquisa, ação e reflexão – UnB.

Iniciamos nosso trabalho em 2016, quando propusemos e desenvolvemos o curso de formação continuada até o primeiro semestre de 2018. O curso foi ofertado para profissionais da educação básica da SEEDF. A proposta inicial do curso pretendia atender à necessidade de criar recursos técnico-pedagógicos, como produção de videoaulas para compor o acervo da instituição. Assim, os professores necessitavam de conhecimentos para o desenvolvimento de competências que lhes permitissem produzir os recursos e também precisavam de um trabalho técnico de qualificação vocal e conhecimentos de gravação de áudios, para usarem o recurso da própria voz na locução de seus vídeos. O curso foi ofertado para todos os professores da Rede de Ensino Público do DF. Não houve critério de seleção. O professor interessado no curso, após ler o programa, realizou a inscrição e se apresentou no primeiro dia confirmando seu interesse. O curso foi ofertado no período de coordenação do professor.

No início do desenvolvimento do curso, as diferentes realidades do grupo que se formou, no conhecimento e uso da voz, exigiram uma mudança na proposta para que uma realidade se revelasse e tivesse “voz”, ou seja, “precisávamos dar voz ao professor para falar de sua própria voz”. A realidade veio da voz orgânica dos professores e do contexto das experiências (e não experiências) profissionais no uso da voz.

O processo de exposição dos professores não foi um processo rápido, foi um contínuo de momentos e relações. Em um primeiro instante, o contexto não se apresentou claro ao grupo; porém, com uma postura de escuta entre os professores em formação e a professora-formadora, a realidade tornou-se significativa ao grupo,

uma matéria-prima para direcionar a construção do curso de modo coletivo a partir da realidade de interesses, problemas, causas e necessidades desveladas pelos professores, advindas da ausência de conhecimentos da voz humana. Então, como trabalhar a voz, realizar conhecimentos técnicos antes de uma aprendizagem básica de cuidados? Um curso de técnica vocal ou um curso de promoção à saúde vocal? Afinal, como está a voz desses professores?

Esta pesquisa, com abordagem qualitativa, mas também com uma interpretação de dados quantitativos foi constituída no período de desenvolvimento do curso; após o curso, houve geração de dados por meio da análise de fontes orais, registros escritos, observações, entrevistas e questionários.

Assim, com o objetivo geral de avaliar o impacto do curso “Usos e Desusos da Voz Docente” de estratégia dialógica, reflexiva, participativa, como formação continuada, como uma possibilidade sob a perspectiva docente de promoção da saúde vocal no âmbito da SEEDF, este estudo objetivou também partir da percepção e autorreferência dos professores durante a formação continuada; conhecer os interesses de informação do professor sobre a voz; verificar a existência de programas e/ou atividades desenvolvidas na SEEDF sobre a saúde vocal do professor; identificar mudanças de comportamento vocal do professor após o curso de formação continuada: pessoais, profissionais e no ambiente de trabalho; recolher avaliações e sugestões sobre o curso de formação continuada em serviço “Usos e desusos da Voz docente” para proposição de novas ações voltadas à saúde vocal do professor no âmbito da SEEDF.

Dessa forma, o curso poderá contribuir para conhecermos o impacto de uma formação de características dialógica, reflexiva e participativa, visando à conscientização dos professores quanto ao autocuidado e à autopercepção no uso da voz e a necessidade de conhecimentos específicos sobre a emissão da voz falada, bem como a validação e a possibilidade de ampliação do curso para o seu desenvolvimento nos espaços de formação da SEEDF.

O trabalho está organizado a partir de um estudo de reconhecimento sobre o estado da voz na área de pesquisas acadêmicas publicadas em artigos, dissertações e teses, ou seja, do conhecimento já produzido sobre a promoção da saúde vocal docente. A escolha de abordar logo na sequência a metodologia propõe-se a uma melhor compreensão do processo de construção deste trabalho de

pesquisa-ação, na perspectiva histórico-crítica que fundamenta as ações de formação continuada da EAPE.

Pesquisar em meio ao processo dos acontecimentos e planejar ações com o objetivo de modificar a realidade apresentada pelos professores seria um grande desafio para mim, formadora, e creio que, do mesmo modo, um desafio para os professores participantes: pensar, autoperceber e refletir sobre a própria voz no momento da formação continuada.

Portanto, trabalhamos a pesquisa-ação porque esta proporciona uma liberdade para construir um método que possibilitasse ações para conhecer mais o objeto estudado: a formação continuada em uma dinâmica dialógica como espaço de estudo da voz docente. Uma experiência de formação planejada a partir de um trabalho de professores em formação, participantes ativos e interlocutores da sua própria realidade no uso e autorreferência da própria voz.

A realização do trabalho de pesquisa, em sua totalidade, estruturou-se em dois momentos: a construção e o desenvolvimento do curso e a avaliação de impacto após a participação.

Apresentamos, no primeiro momento da pesquisa, uma sequência do caminhar realizado durante o curso. São momentos de coadjuvação entre professora/formadora e professores em formação. Não tínhamos a certeza dos momentos ou da travessia do percurso, porém decidimos seguir adiante juntos para depois entender a construção da qual fizemos parte, por entendermos um eco de Freire (1999, p. 33) numa expressão de que “o mundo não é, o mundo está sendo”.

Intitulamos cada momento, cada etapa do curso de acordo com emoções sentidas e desafios surgidos: Uma “Voz técnica”; “O Grito e o despertar”; (Re)planejar “Vozes que falam”; “Diálogos no Mundo Virtual” e o produto final “Doem a sua voz”. A base está no método materialista histórico dialético como instrumento de entendimento da realidade para mudanças. A estratégia usada foi o planejamento coletivo de ação dialógica, reflexiva e participativa. Os dados gerados, qualitativos e quantitativos, direcionaram as abordagens e os conteúdos de acordo com o conhecimento inicial do grupo e permitiram uma instrumentalização sob a perspectiva dos professores, autorreferências da voz: interesses, problemas, causas, soluções.

A arte em palavras também fez parte do desenvolvimento deste trabalho. No silêncio das vozes diárias, as vozes interiores e o pensar em voz alta... Meus

momentos de muitas elucubrações e nos rascunhos de uma escrita, vozes ecoaram... Neste trabalho algumas epígrafes, meu dizer, autoral, que compõem minhas estações no tempo de dissertação.

Planalto Central, DF, primavera de 2019.

3 O ESTADO DA VOZ: VOZES QUE ECOAM DE TRABALHOS CIENTÍFICO-ACADÊMICOS

Realizamos um estudo de levantamento de como o tema voz e promoção da saúde vocal do professor é pesquisado em trabalhos acadêmicos. Redigimos uma síntese do que foi possível apreender desses trabalhos científicos para nos nortear em um caminho ou mesmo nos tirar do caminho já realizado, e assim criarmos o nosso próprio modo de caminhar. Esse levantamento nos possibilitou localizar trabalhos no banco de dados da Scielo, da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) e no Repositório Institucional da Universidade de Brasília (UnB). As fontes bibliográficas foram digitadas em planilha específica e consideramos alguns dados: autores, título, instituição, ano de publicação, objetivos e tipo de produção. Os quadros de planilhas compõem o apêndice do trabalho, mas apresentamos, no desenvolvimento da dissertação uma análise.

Reconhecemos que os trabalhos de pesquisa se situaram, predominantemente, em universidades no campo da Saúde Coletiva, Ciências da Saúde ou Medicina. Uma pesquisa do Ministério do Trabalho de São Paulo; duas do Centro de Estudos e Pesquisas em Reabilitação (CEPRE/FCM/UNICAMP); uma do Centro de Estudos da Saúde do trabalhador e Ecologia Humana (CESTEH/ENSP/FIOcruz); uma no Conselho Federal de Fonoaudiologia (CFF^a) Brasília - DF e uma no campo da Administração. São pesquisadores formados, em sua grande maioria, nas áreas da saúde pesquisando professores na área da educação.

De acordo com Dragone *et al.* (2010), o professor é, dentre os profissionais da voz, o sujeito de pesquisa que aparece em maior quantidade de publicações feitas por profissionais fonoaudiólogos no Brasil. Realidade também identificada por Ferreira *et al.* (2012) em um levantamento que identificou 900 estudos com professores, realizados no período de 2008 a 2012. A partir desses dados e no nosso estudo de reconhecimento, observamos que não há trabalhos de pesquisas realizadas no campo da educação por profissionais da educação quando o objeto de estudo é a voz orgânica do professor. Há uma lacuna de professores pesquisadores que se propõem a estudar em uma perspectiva, segundo Nóvoa (1997), de um desenvolvimento pessoal do professor, se assim considerarmos a voz docente como recurso pessoal profissional.

Observamos essa lacuna e ouvimos relatos de professores sobre a participação deles nas pesquisas. Alguns relataram a participação e o pouco retorno de resultados em propostas efetivas. Compreendemos que o espaço educativo e o professor são objetos de estudo em pesquisas de profissionais que, na maioria, não constituem ou participam diretamente do *locus* educativo da SEEDF e os resultados acabam apenas no registro da pesquisa e não contribuem para mudanças, como desejam os professores ao participarem desses estudos.

Nosso trabalho tem como objetivo apresentar achados de pesquisa e conclusões que contribuam diretamente para a realidade do professor. O *locus* inicial e final da pesquisa, a participante pesquisadora e os pesquisados são profissionais da educação. A proposta do curso de formação tem nas ações de planejamento e desenvolvimento vozes docentes em relações dialógicas, reflexivas e participativas. A gênese do curso está na própria voz do professor, a voz comunicativa que é o recurso de expressão e a voz no seu funcionamento (aspectos orgânicos da voz) sob a perspectiva do professor. Assim, trabalhamos a partir dos interesses e problemas apresentados na busca de um aprendizado para o uso adequado da voz falada na profissão docente.

Seguimos a premissa de Freire (2006) no que se refere à valorização de um processo participativo e dialógico de criar possibilidades de conhecimento, processo no qual quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Criar uma formação com e para o professor é conhecer o conhecimento existente e é saber que estamos aptos a construir novos conhecimentos que compreendam o uso da voz como importante recurso pedagógico. Somos professores, pensando e falando como professores e para professores. (também uma fonoaudióloga e pedagoga, falando e pensando entre caminhos...;-)

Nesse levantamento, pesquisas abordam o ambiente de trabalho influenciador no uso da voz como determinante e agravante de problemas vocais. Em sua pesquisa, Alves, Araújo e Xavier Neto (2010) identificaram uma elevada prevalência de disfonia no grupo de 126 professores do ensino fundamental da rede municipal de Maceió-AL, relacionada aos fatores ambientais e também a sintomas clínicos associados à rinopatia e ao refluxo gastroesofágico. Segundo Karmann e Lancman (2013), as condições de trabalho e a intensificação das atividades corroboram para o quadro de problemas vocais. A incidência de distúrbios de voz no grupo de professores é alta e está associada ao ambiente e à organização do

trabalho (VALENTE; BOTELHO; SILVA, 2015). Em uma pesquisa sobre a relação intensidade vocal e ruídos, Mendes *et al.* (2015) concluíram que altos níveis de ruído se correlacionam com a intensidade vocal e esta com sintomas de desconforto do trato vocal. Pesquisa com professores de escolas públicas do município de João Pessoa-PB evidenciou que fatores externos (barulho) e relacionados à saúde e à voz (alergias, infecções respiratórias e o uso intensivo da voz) interferem na produção (SILVA *et al.*, 2016). São pesquisas que evidenciam o ambiente físico e as condições de trabalho do professor como aspectos a serem considerados quando desejamos que o professor use a sua voz sem interferências.

Os momentos de silêncio também falam por meio de reflexões, porque, mesmo quando não estamos falando, estamos refletindo sobre a voz ou percebendo a voz do outro. Então, supomos que a organização ou reorganização desses ambientes de trabalho não deve ocorrer apenas a favor do professor, mas para todos que formam a comunidade escolar, composta por gestores, professores, assistentes, alunos e pais. Dessa maneira, todos os indivíduos nos vários ambientes existentes e frente às suas responsabilidades podem promover um ambiente propício à promoção saudável da voz. Será que o conhecimento dialogado sobre cuidados com a voz, no curso, reverbera no ambiente de trabalho? Esperamos obter a resposta com este trabalho de pesquisa.

Comentamos que o levantamento bibliográfico revelou a maior produção de pesquisas por profissionais da área da saúde. Assim, o objetivo pode estar direcionado a identificar aspectos clínicos, sinais e sintomas que afetam a atividade laboral dos professores. Nas pesquisas, a grande maioria dos professores responde aos instrumentos de pesquisa: questionários, exames e protocolos de avaliação da voz para falar como está a própria voz. São pesquisadores que buscam identificar, detectar, quantificar, descrever características, analisar sintomas, causas e a existência de distúrbios vocais por meio de um diagnóstico da voz do professor (ALVES; ARAÚJO; XAVIER NETO, 2010; BASSI, 2010; LIMA-SILVA, 2012; QUINTANILHA, 2006).

Entretanto, identificamos profissionais que buscam um caminho diferente. Uma abordagem com o objetivo de conhecer a percepção dos professores (PENTEADO, 2007); compreender os sentidos da voz (BRASIL, 2015); o uso da voz sob a óptica do professor (LUCHESE; MOURÃO; KITAMURA, 2009). Uma identificação que nos deixou feliz, pois começamos a ter a mesma fala; ou seja,

profissionais da voz que perguntam menos e dialogam. Esse caminho nos agrada, pois profissionais pesquisadores estão propondo pesquisas nas quais o professor (pesquisado) é ouvido. Nossa proposta de trabalho apresenta uma formação em que o professor é menos paciente e mais ciente da necessidade de autoconhecimento para desenvolver a autopercepção da voz. Mas após esse trabalho proposto de diálogos e reflexões, podemos identificar mudanças de comportamento do professor nos cuidados com a voz ?

O ambiente, a organização do trabalho e o comportamento vocal do professor compõem um quadro de afastamentos das atividades profissionais e podem gerar elevados custos sociais e financeiros. Descrevemos o quadro dessa realidade identificada nas pesquisas. Citamos, em nossa justificativa, Medeiros (2010), que identificou o distúrbio de voz como o terceiro fator de afastamento de professores de suas atividades laborais. Na pesquisa na rede municipal de Ensino de Campo Grande -MS, os professores apresentaram múltiplos sintomas relacionados ao uso da voz no trabalho e perceberam os efeitos adversos em seu desempenho profissional (HERMES, 2015).

Em outra pesquisa, observou-se que há uma relação entre os distúrbios de voz e os fatores organizacionais tempo e ambiente de trabalho mais evidentes em professores que possuem mais de 11 anos de docência, lecionam em duas ou mais escolas e em ambientes depredados que apresentam maiores chances de distúrbios de voz. Os mesmos pesquisadores também verificaram que percentuais de distúrbios vocais foram mais elevados entre as profissionais do sexo feminino (FERRACCIU *et al.*, 2015a ,2015b).

Por fim, os professores com distúrbios vocais apresentaram um potencial de quase três vezes mais chance de perder a capacidade para o trabalho, e quanto pior a perda da capacidade mais forte é a associação com o distúrbio vocal (FERREIRA *et al.*, 2016). Em suma, os dados descritos dimensionam a expressão do problema para a categoria e o reconhecimento de fatores (ambiente de trabalho, tempo, organização pedagógica) relacionados a problemas vocais dos professores. Assim, identificamos a necessidade de ações interventivas e preventivas.

No aspecto legislativo, um quadro expressivo de outro problema relacionado à voz docente, a voz assegurada por lei. Um estudo das leis sobre saúde vocal do professor, de todo o território nacional, até 2006, verificou que apesar do grande número de casas legislativas no Brasil, poucas são as leis propostas a favor da

saúde do professor com destaque para a voz. Esse estudo conclui que, para uma maior promoção da saúde vocal, é necessária uma iniciativa de competência constitucional para garantir os recursos financeiros necessários para a viabilização de programas (FERREIRA *et al.*, 2009).

Em outra análise da legislação a respeito de riscos ocupacionais, com destaque para aqueles relacionados à saúde e à voz do professor, verificou-se que a legislação trabalhista é ampla ao abarcar a diversidade de condições de trabalho. A docência apresenta riscos ocupacionais mais leves do que outras profissões, porém os fatores organizacionais do trabalho docente e os distúrbios de voz necessitam de uma atenção na legislação no Brasil, devido à sua alta frequência na docência (SERVILHA *et al.*, 2010). Em sua pesquisa, Servilha *et al.* (2014) apresentaram o resultado da análise de 61 documentos publicados de 1998 a 2010 sobre saúde vocal do professor na perspectiva da promoção e verificaram um conteúdo incipiente e superficial quanto à linha de cuidados à promoção da saúde vocal dos professores.

As indicações restringem-se a ações voltadas à reabilitação de distúrbios da voz desvinculados de uma política de saúde vocal de base consistente (SERVILHA *et al.*, 2014). Evidenciou-se que não existe definição legal de padrão de conduta para os transtornos vocais do professor, como não há reconhecimento na legislação sobre saúde e segurança no trabalho, como também não há critérios para notificação no Sistema Único de Saúde (SUS). Isso acarreta um agravamento da ausência de planejamento e adoção de medidas de integração pertinentes ao Ministério da Saúde, à Previdência Social e à sociedade em geral, sobre as causas e determinantes dos distúrbios da voz (FERRACCIU; ALMEIDA, 2014).

Identificamos, por fim, estudos conclusivos que apresentam sugestões para a promoção da saúde vocal do professor: criação de ações educativas processuais, como grupos de vivências de voz e programa educativo que inclui treinamento de exercícios vocais e higiene vocal (SILVEIRO *et al.*, 2008); a elaboração de documentos para que, de modo objetivo e abrangente, se promova a saúde do professor (FERREIRA *et al.*, 2009). Outras pesquisas sugerem estratégias preventivas e educativas na atenção integral aos professores para o bom uso da voz (ALVES; ARAUJO; XAVIER NETO, 2010); propõem ações de promoção da saúde vocal no ambiente de trabalho, modificações na organização e estrutura do trabalho docente, após análises e diagnóstico médico referentes às patologias das pregas

vocais (BASSI, 2010; SOUZA *et al.*, 2011); sugerem ações fonoaudiológicas constituindo espaços sociais e processos educativos para promover a sensibilização à atenção e à percepção do professor acerca da própria voz e desmitificar a ideia errônea de que uma alteração vocal é inerente à profissão docente (RIBAS; PENTEADO; GARCIA-ZAPATA, 2014). Por fim, a sugestão de estratégias que fortaleçam ações voltadas à saúde vocal docente, mediadas por profissionais capacitados em saúde vocal (BRASIL, 2015).

O levantamento também apontou a realização de quatro ações de programas que visavam promover a saúde vocal do docente e publicaram os resultados. A realização de grupos de vivências com professores de uma escola pública obteve resultados positivos (SILVERIO *et al.*, 2008). Ações de promoção e prevenção valorizando atuações multidisciplinares ou interdisciplinares. Após a participação na ação, 80% dos professores apresentaram melhoras no desempenho profissional, a partir da participação (LUCHESE; MOURÃO; KITAMURA, 2010). Desenvolveu o Programa de saúde vocal no período de 2002 a 2005 com professores do ensino fundamental do interior do estado de São Paulo e concluiu que o programa necessita de constantes ajustes (DRAGONE *et al.*, 2010). O programa de saúde vocal educativo teve efeitos benéficos na melhoria da qualidade de vida e voz dos professores (PIZOLATO, 2012).

Em linhas gerais, esse estudo de reconhecimento revelou um quadro de aspectos que comprometem a atuação do professor no uso da voz, como a falta de conhecimentos básicos, a existência de fatores do ambiente e da organização pedagógica, a ausência de legislações, o que não fortalece o planejamento de ações e programas. Nós identificamos a ausência de pesquisas “de e para professores” em relação à voz, e na área da educação pressupomos que professores falam pouco, ou nem falam, sobre a própria voz. Nesse fato, expressei minha particular pressuposição sobre essa ausência de visibilidade da voz no ambiente institucional e no momento solto uma voz que ficou presa na garganta...

Há alguns anos relembro minha situação de recém-formada na área de fonoaudiologia, já formada em Pedagogia e professora concursada da SEE-DF. Como quase todos os recém-formados, a vontade de viver na prática o aprendido da graduação era total. E assim, era enorme a disposição para proporcionar meios para que o professor descobrisse a maravilha da voz na clareza, fluência e melodia em um dia de aula. Mas, caso não a encontrasse por motivo de usos e desusos

inadequados, o professor encontraria meu curso de ação educativa, pois é possível educar a voz.

Entre várias reuniões, em um encontro com o gestor chefe, vislumbrei a possibilidade de apresentar minha proposta de curso e, com uma voz tímida, falei. Afinal, estava conversando com a autoridade máxima da instituição e a pessoa certa para apoiar a ideia. Entretanto, ouvi uma voz pouco simpática (como em outros momentos,) que respondeu: “Minha cara professora, deixa esse trabalho para quem é da saúde, vamos pensar apenas nas questões e problemas da educação. O professor precisa de condições para dar aula! Precisa saber dos conteúdos e dominar o aluno”. Naquele momento, minha resposta talvez tenha sido expressa em uma voz triste e comprimida: “Quem sabe um dia você ouvirá os professores!”

E, assim, transcorreram bons longos anos e hoje esse levantamento evidenciou ações e pesquisas sobre a necessidade de conhecimentos e formações para a promoção da saúde vocal do professor. E percebo que minha proposta ainda não faz parte desses registros...

Assim sendo, o presente trabalho de pesquisa tem como objetivo avaliar o impacto do curso “Usos e Desusos da Voz Docente”, uma formação continuada de características dialógica, reflexiva e participativa, visando à conscientização dos professores sobre a promoção da saúde vocal no ambiente de trabalho, bem como a validação e possibilidade de ampliação do curso para o seu desenvolvimento nos espaços de formação da SEEDF.

Caminho... caminhos... entre caminhos... um

Buscar sem fim

Uma ideia de vida

Um caminho

Que desejo desocultar

Uma vida de concepções

Nasci. Uma história determinística

Pós-positivista,

uma imposição sem fim

Por que tanta imposição?

NÃO! Não, não é resposta!
Cresci. Quero entender o mundo
Sou um construto social
Concepções construtivistas
Zuase me encontrei... FFM!?
Não. Ainda sinto ambientes hostis
À liberdade de pensamento. Cadê?
Zuero mais... Isto não me basta
Somente viver a história
Zuero ir além...
Deixar minha posição de refém
Ir à luta. Conquistar meu espaço
Reivindicar e participar
Fazer a história da minha vida
Dentro de uma sociedade de iguais
Zuero justiça social!!
Mas e agora?!
Não quero comprometimento
Zuero só ações e consequências
Sem história
Vejo o problema e quero solução.
Estou pragmática!
E no fim, ainda que não seja o fim
É apenas a vida
Séculos de vida
De um pensar e viver sem FFM!

Ivonete da Silva Oliveira.

Planalto Central, DF, inverno de 2019.

4 VOZES QUE DIALOGAM NOS CAMINHOS DA METODOLOGIA “CURSO USOS E DESUSOS DA VOZ DOCENTE”

No decorrer do caminho, as diferentes realidades exigem diferentes concepções e métodos para que a realidade se mostre, porém, a clareza do processo da travessia do caminho só chega ao fim quando, assim sendo, se pode entender a construção da qual se faz parte.

Dessa forma, consideramos para esta pesquisa abordagem qualitativa com a geração de dados que permitiram esta investigação. A pesquisa qualitativa, por envolver uma compreensão humana e um trabalho para entender detalhes do problema. Desejamos entender como o grupo está usando a sua voz, descobrir a visão de cada professor sobre a voz e os problemas que precisam ser resolvidos. Os dados quantitativos permitem a objetividade. As deduções dos dados nos mostram aspectos positivos e negativos para saber a possibilidade do caminho a ser percorrido em relação à formação continuada.

Para Ribeiro (2000, p. 112):

Os dados qualitativos e os dados quantitativos são coadjuvantes da mesma cena. Não se pode negar totalmente o quantitativo. Contudo, não se pode tratar do assunto apenas como um aspecto semântico, a questão não é somente de substituição de números por palavras.

Nesse entendimento, adotamos a pesquisa qualitativa e utilizamos os dados quantitativos como complementares, contudo, assumindo que os dados quantitativos não qualificam esse estudo a uma pesquisa quantitativa. De acordo com Creswell (2010, p. 26, grifo nosso),

A pesquisa quantitativa é um meio para testar teorias objetivas, examinando a relação entre as variáveis. Tais variáveis, por sua vez, podem ser medidas tipicamente por instrumentos, para que os dados numéricos possam ser analisados por procedimentos estatísticos. Enquanto isso, a pesquisa qualitativa é um meio para explorar e para entender o significado que os indivíduos ou grupos atribuem a um problema social ou humano.

No decorrer do curso “Usos e Desusos da Voz Docente”, realizado de 2016 ao 1º semestre de 2018 no Centro de Formação dos Profissionais de Educação do Distrito Federal (EAPE-DF), sob minha responsabilidade, buscamos desenvolver a possibilidade de que a formação continuada fosse um momento dialógico para um processo de conscientização do professor no uso da própria voz como instrumento pedagógico, ou, como preferimos definir, um recurso pessoal profissional que

necessita de conhecimentos específicos e cuidados. Mas, para conhecer essa realidade, é preciso conhecê-la sob a perspectiva do professor. Desenvolvemos uma pesquisa-ação:

Um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e na qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (THIOLENT, 1998, p. 15).

Em momentos de interação entre professora/formadora (pesquisadora) e professores, investigamos sobre a própria voz dialogando, refletindo e expondo a experiência, sobre a qual discorrem Ribeiro *et al.* (2004):

O que são as experiências senão acervos de conhecimentos, que vão sendo guardados e constituem os saberes das pessoas? Cada indivíduo compõe o seu acervo conforme sua identidade tanto pessoal, quanto profissional. Os professores compõem seu acervo guardando conhecimentos da docência, do ser enquanto professor. São essas experiências que dão identidade a cada profissional, geram novos conhecimentos que possibilitam mudanças no fazer e no pensar do cotidiano da sala de aula. É a partir delas que se estabelece a possibilidade de pensar do cotidiano da sala de aula. É a partir delas que se estabelece a possibilidade de pensar a educação pela própria atitude de refletir sobre a prática e experienciar novas ações (RIBEIRO *et al.*, 2004, p. 1025)

Esse caminhar a partir de uma base empírica e com as ações de interação dos sujeitos, o encadeamento de sons e falas traduz a reflexão de Perez-Gomes (1985, p. 103), com a qual concordamos:

A reflexão implica a imersão consciente do homem no mundo da sua experiência, um mundo carregado de conotações, valores, intercâmbios simbólicos, correspondências afetivas, interesses sociais e cenários políticos. O conhecimento acadêmico, teórico, científico ou técnico, só pode ser considerado instrumento dos processos de reflexão se for integrado significativamente, não em parcelas isoladas da memória semântica, mas em esquemas de pensamento mais genéricos ativados pelo indivíduo quando interpreta a realidade concreta em que vive e quando organiza a sua própria experiência. (PEREZ-GOMEZ, 1985, p. 103 *apud* RIBEIRO, 2004, p. 1025)

No diálogo, com nossas vozes problematizadoras, compreendemos nossa ação como Freire (1987, p. 45) a concebia, como “prática de liberdade” em uma ação amorosa na qual a palavra é um direito de todos e tem como dimensão a ação transformadora. E assim, nos opomos ao método bancário de transmissão de conhecimento, que é uma forma controladora do saber, e construímos e fazemos juntos os nossos percursos de desenvolvimento pessoal e profissional, ou seja,

precisamos contar com o outro para superar a nossa “incompletude” (FREIRE, 1987).

Um trabalho que interpreta o uso da voz do professor falando do contexto profissional visa a uma participação ativa, promove a reflexão da ação de sua prática, no uso da voz, e a consciência de uma experiência que modifique comportamentos abusivos e inadequados. Compreendemos esse explorar, o fazer da pesquisa, da mesma maneira que Thiollent (1998), como a pesquisa que não se limita a uma especulação: pretende-se aumentar o conhecimento dos pesquisadores e o conhecimento ou o "nível de consciência" das pessoas e grupos considerados (THIOLLENT, 1998, p. 16).

A geração de dados analisados, temas e conteúdos específicos não deve partir apenas da professora formadora. Trata-se de uma ação coletiva envolvendo professora formadora, professores, comunidade escolar, instituição. Uma atividade planejada coletivamente para solucionar a situação de desconhecimento sobre o uso da voz e os problemas que essa situação gera na vida profissional de cada professor. Assumimos uma postura de pesquisadores qualitativos. De acordo com Creswell (2010), os pesquisadores qualitativos tendem a gerar dados nos diversos espaços nos quais os participantes da pesquisa vivenciam a questão e o problema que está sendo estudado. Em nossa pesquisa, a vivência da produção vocal para o desenvolvimento de propriocepções.

O método com uma condução de pesquisa qualitativa tem um compromisso com a interpretação e o significado das ações. Creswell (2010) afirma:

A pesquisa qualitativa é uma forma de investigação interpretativa em que os investigadores fazem uma interpretação do que enxergam, ouvem e entendem. Suas interpretações não podem ser separadas de suas origens, histórias, contexto e entendimento anteriores. Depois de liberado um relato de pesquisa, os leitores, assim como os participantes, fazem uma interpretação, oferecendo, ainda, outras interpretações de estudo. Com os leitores, os participantes e os pesquisadores realizando interpretações, ficam claras as múltiplas visões que podem emergir do problema. (CRESWELL, 2010, p. 209)

Desse modo, a investigação, as interpretações e as análises geraram dados, esses indicadores teóricos para o desenvolvimento de conteúdos específicos e necessários para o processo de formação, bem como a compreensão da pausa e do redirecionamento.

A metodologia da pesquisa está fundamentada em práticas dialógicas e coletivas, e em consonância com instrumentos de produção do conhecimento científico. Conforme Thiollent (1998), o procedimento metodológico é:

um método, ou uma estratégia de pesquisa agregando vários métodos ou técnicas de pesquisa social, com os quais se estabelece uma estrutura coletiva, participativa e ativa ao nível da captação de informação. A metodologia das ciências sociais considera a pesquisa-ação como qualquer outro método. Isto quer dizer que ela a toma como objeto para analisar suas qualidades, potencialidades, limitações e distorções. A metodologia oferece subsídios de conhecimento geral para orientar a concepção da pesquisa-ação e controlar o seu uso (THIOLLENT, 1998, p. 25-26)

Dessa maneira, o procedimento metodológico constará de um conjunto de instrumentos para uma maior apreensão na coleta de dados: pesquisa bibliográfica, observação, entrevistas, questionários, registros reflexivos.

Utilizamos a técnica de pesquisa bibliográfica para um levantamento a respeito do tema, em textos tipo primário (artigos, dissertações e teses) disponibilizados em bancos de dados não específicos da área de saúde, pois desejamos uma visão de outras áreas sobre o tema e o trabalho de outros profissionais. A pesquisa bibliográfica “Estado da Voz” (em referência ao Estado da Arte) permitiu várias leituras e o conhecimento de outras abordagens sobre a voz docente na literatura. Assim, o levantamento auxiliou nossas reflexões e a construção da teoria deste trabalho.

Consideramos esse um momento importante de ouvir várias vozes, ou melhor, ler várias vozes registradas em seus escritos, pois como Lüdke e André (1986) afirmam, os documentos constituem uma valiosa fonte de pesquisa onde podem ser encontradas evidências que fundamentam afirmações e declarações do pesquisador. Dessa forma, o documento é uma fonte natural de informação contextualizada que surge em um contexto e fornece informações sobre esse contexto.

A observação é combinada à técnica de entrevista. A observação permitiu uma atuação da professora/formadora como também do professor em formação no processo da pesquisa. A entrevista permitiu ouvir, analisar a linguagem corporal e questões complementares. Essa é uma fase importante do processo, pois de acordo com Lüdke e André (1986), esse momento permite correções, esclarecimentos e adaptações que a tornam sobremaneira eficaz na obtenção das informações desejadas (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p. 34). Foi conduzida de acordo com a

necessidade do contexto em que o entrevistador estava: o desejo de ser ouvido e a formadora/pesquisadora de ouvir a realidade sob a perspectiva dos professores. Criamos um momento recíproco de ouvir e falar, registros escritos e os diálogos possíveis numa ação comunicativa de tom informal.

O registro reflexivo pode permitir estudos sobre a própria prática (ZABALZA, 2004) e o utilizamos tanto com o intuito da análise da trajetória pessoal e profissional de cada professor quanto para a organização do processo de aprendizagem no curso de formação.

O processo vai fundamentando-se à medida que vai se elaborando na ação reflexiva e também em razão do desenvolvimento teórico construído a partir da realidade, por assim entendermos, como Ribeiro (2000), que na pesquisa qualitativa quem estabelece os parâmetros de rigor não é o método, mas o pesquisador e a comunidade que vai consumir e gerar a pesquisa, ou seja, o diálogo com o contexto pesquisado.

Desse modo, a investigação torna-se um processo dinâmico em que a interatividade, a motivação e a intencionalidade chamam à ação e à participação de pesquisador e pesquisados.

A primeira fase da pesquisa compreende o período inicial e final do curso “Usos e Desusos da Voz Docente”. Trabalhamos com uma amostragem de 100 professores do ensino básico que se interessaram, se inscreveram e aceitaram participar da formação continuada com a proposta de práticas dialógicas e participativas. O procedimento referencial para o desenvolvimento e o planejamento foi o Planejamento Estratégico Comunicativo, que permitiu, sob a perspectiva do professor, identificar: interesses, problemas, causas e soluções. A partir dessa ação e resultados desenvolvemos o curso de formação.¹⁶

A segunda fase foi após a realização e o término do curso. Os dados foram gerados por meio de questionário com questões fechadas e abertas. Devido à atual realidade, a pandemia COVID-19, foi utilizado o recurso do Google Docs, que permite a criação de formulários para a pesquisa e a disponibilidade no site para o preenchimento. Nessa fase, enviamos 150 questionários aos participantes do curso (2016, 2017 e 2018) entre os quais estavam professores que participaram do

¹⁶ Capítulo 5: Vozes que se cruzam: diálogos para formar-se e formar no curso “Usos e Desusos da Voz Docente” (p. 74).

planejamento do curso e professores que não participaram do processo de planejar, mas participaram do desenvolvimento da formação continuada.

Para a análise de dados, fomos construindo nossa investigação nas abordagens da Análise de Conteúdos nas perspectivas de Bardin (1977) e Franco (2008). Ouvimos muitas vozes, mas falamos em uma só voz: Professor, onde está a sua voz? Como está a sua voz? E assim, diálogos sobre a voz do professor na formação continuada como a questão de investigação, os objetivos, o referencial teórico, os procedimentos metodológicos, a geração dos dados e as análises buscando as vozes finais.

Mas será que teremos vozes finais ou vozes ecoando?

Como pesquisadora, essas questões surgem, entretanto, em nossa pesquisa com uma abordagem qualitativa, a “preocupação com o processo é muito maior do que com o produto” (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p. 12). Assim, trabalhamos sempre em uma tentativa de capturar a perspectiva dos participantes, a maneira como encaram as questões focalizadas (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p. 12). Para nosso trabalho de pesquisa, a maneira como olham e sentem a própria voz é revelada no espaço da formação continuada docente.

Vozes metodológicas se cruzaram quando buscamos, para nossa investigação, dados quantitativos para complementar os qualitativos. Trabalhamos com perguntas que permitisse a quantificação das repostas para a análise de frequência, ou seja, a quantidade de respostas semelhantes. Nesse aspecto, a análise qualitativa não rejeita toda e qualquer forma de quantificação (BARDIN, 2006). Assim, as inferências advindas dos dados qualitativos podem complementar informações quantitativas. Acredito que essa comunhão de dados é um processo de aperfeiçoamento das pesquisas, pois não são apenas as repetições, as frequências transformadas em números, porcentagens, que geram dados, mas também as inferências (a dedução). Neste trabalho, realizamos o encontro de frequências e inferências.

No início do trabalho de formação, foi registrada uma grande quantidade de dados em instrumentos em forma de registros escritos, orais, entrevistas, questionários, diário da pesquisadora, registro reflexivo no ambiente virtual. Segundo Kirk e Miller (1986 *apud* FLICK, 2004, p. 343), a confiabilidade da pesquisa está na qualidade dos registros, da documentação e das possíveis interpretações.

O material produzido neste trabalho constituiu-se em dois momentos: em um momento, os dados que permitiram o desenvolvimento do curso; em outro, dados para analisar o impacto da formação continuada.

Geramos uma grande quantidade de dados no conjunto de instrumentos, que necessitavam ser tratados. Para Franco (2008), a mensagem pode ser verbal, gestual, silenciosa, documental. Nossos encontros presenciais e não presenciais mostraram várias mensagens, criando vários documentos. Escolhemos a metodologia de Análise de Conteúdo, que Bardin (1977) define como:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 1977, p. 42).

Iniciamos um trabalho manual de análise de conteúdos em suas fases: pré-análise, exploração do material, tratamento dos resultados, inferência e interpretação, conforme apontam Bardin (1977) e Franco (2008). Na pré-análise, fizemos uma leitura flutuante para buscar percepções e recorreremos à regra da representatividade (BARDIN, 1977, p. 97), uma análise em uma amostragem representativa do universo inicial. O universo total do curso não seria possível de ser analisado, então trabalhamos com 100 participantes que construíram a prática social inicial, ou seja, o desenvolvimento do curso; depois a prática social final, a avaliação do impacto do curso de formação continuada, a partir da análise de dados de 67 questionários respondidos em 2020. Assim, o processo de pesquisa transcorreu nos anos de 2016, 2017, 2018 no desenvolvimento do curso, em 2019 com estudos acadêmicos da professora formadora (pesquisadora) e em 2020 com a análise de impacto do curso.

Como uma pesquisa de abordagem qualitativa, considerou-se que os instrumentos escolhidos foram adequados ao objetivo e à investigação. Na regra da pertinência (BARDIN, 1977, p. 98), os documentos devem ser adequados aos objetivos da análise. O registro escrito em fichas permitiu a exposição do sujeito ao grupo e proporcionou momentos de diálogos, reflexões e compartilhamento de conhecimentos.

A gravação na plataforma proporcionou uma escuta com uma percepção de aspectos funcionais da voz pela pesquisadora na visão fonoaudiológica e condução

do trabalho perceptivo dos professores em uma dinâmica de percepção da própria voz e da voz do outro, por meio da leitura e gravação de textos com recursos do Ambiente Virtual de Aprendizagem. O registro reflexivo dos professores apresentou a escrita sobre a experiência do estudo da voz na formação continuada.

A fase de exploração do material foi um momento de organização em que busquei em um todo a voz e a fala de cada um, porém sem esquecer do coletivo. De acordo com Franco (2008), na exploração não encontraremos somente componentes racionais, lógicos, mas também ideológicos, emocionais e afetivos. Surgiram temas a partir de critérios relativos à teoria explorada no trabalho conhecimentos da voz, a voz identidade, a voz na profissão, a saúde.

Montamos e remontamos o nosso mosaico de fichas, lemos e relemos em um trabalho exploratório. Encontramos temas. Retornamos aos dados buscando as frequências e procurando a mensagem de cada professor, as observações registradas nos momentos coletivos e individuais, nos encontros presenciais e não presenciais. Após a exploração, realizamos o tratamento dos resultados com a categorização, descrição, análise (inferências e interpretações).

Segundo Bardin (1977, p. 117), as categorias da análise da pesquisa surgem por meio de uma classificação de elementos, por reagrupamento com critérios previamente definidos. Procuramos seguir o princípio da pertinência, buscamos nos documentos tratados e dados gerados a criação das categorias. De acordo com Bardin (1977, p. 120), uma categoria é considerada pertinente quando está adaptada ao material da análise e quando pertence ao quadro teórico definido.

Desse modo, seguimos os procedimentos metodológicos e organizamos as informações, apresentamos a análise por meio de texto e gráficos, conclusão com revisão do conteúdo para melhor compreender o significado das novas informações da pesquisa e padrões existentes. Todos os dados e informações trabalhados compuseram esta pesquisa que objetiva analisar o impacto do curso “Usos e Desusos da Voz Docente” e a possibilidade de essa formação continuada ser um espaço para a promoção da saúde vocal dos docentes da SEEDF.

4.1 Primeiro Momento: Voz técnica... Locutores críticos da formação continuada

Os cursos de formação continuada na Secretaria de Educação do Distrito Federal estão sob a responsabilidade da Subsecretaria de Formação Continuada

dos Profissionais de Educação do Distrito Federal - EAPE¹⁷. A esta compete planejar, promover, coordenar, avaliar e executar ações de aperfeiçoamento dos profissionais da rede pública de ensino do Distrito Federal. Considera a Lei de Diretrizes e Base (LDB) e o Plano Nacional de Educação (PNE), prevê que a formação dos profissionais da educação deve garantir a todos uma formação continuada em sua área de atuação, levando em conta as necessidades, demandas e contextualizações dos sistemas de ensino; as Diretrizes Nacionais de Formação Inicial e Continuada da Educação Básica; o Currículo da Educação Básica da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal e as Leis Distritais nº 5.105/2013 e nº 5.106/2013; o Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos (2003) e as Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos, normatizadas pela Resolução Conselho Nacional de Educação nº 1/2012.

Assim, a formação continuada dos profissionais de educação no Distrito Federal está em consonância com as políticas educacionais e tem como referência a formação crítico-emancipadora dos sujeitos que dela fizerem parte, por meio do levantamento prévio das demandas de formação continuada, com base nas necessidades e prioridades da SEEDF e da definição dos temas que nortearão os cursos a serem ofertados, seguidos da divulgação, das inscrições e da formação de turmas, considerando o público-alvo da SEEDF¹⁸.

As Diretrizes de Formação Continuada da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal fundamentam-se na Pedagogia Histórico-Crítica:

Diretrizes de Formação Continuada fundamentam-se em uma concepção de educação baseada nos pressupostos teóricos da Pedagogia Histórico-Crítica (SAVIANI, 2012, 2013) e da Psicologia Histórico-Cultural (VIGOTSKI, 2001, 2002, 2003), assim como na avaliação formativa (Diretrizes de Avaliação Educacional 2014/2016 SEEDF). Desse modo, os profissionais da educação são tratados como sujeitos que constroem a história, nas relações sociais, e que compreendem e questionam suas práticas sociais. Assim, admite-se uma educação voltada para a superação das contradições sociais, garantia das aprendizagens para todos no contexto escolar, e compreende-se ainda que a formação continuada deva favorecer a produção de ideias e de ações dos profissionais da educação voltadas para esse fim. (Diretrizes de Formação Continuada EAPE-DF, 2014. p. 40¹⁹)

¹⁷Decreto n. 37.140 de 29 de fevereiro de 2016.

¹⁸Portaria nº 503, DE 14 de novembro de 2017. Dispõe sobre a organização administrativa e pedagógica do Centro de Aperfeiçoamento dos Profissionais de Educação (EAPE) da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF).

¹⁹www.se.df.gov.br/diretrizes-pedagogicas-2

http://www.educacao.df.gov.br/wp-conteudo/uploads/2018/02/Diretrizes-de-FormaContinuada_05fev19.pdf

A partir das diretrizes, as propostas de cursos de formação continuada são submetidas à gerência responsável para avaliar e autorizar a realização da formação pelo professor-formador. A primeira proposta do curso de formação na área de voz foi para atender a uma das atribuições da EAPE de elaborar material didático-pedagógico e a uma demanda interna da Gerência de Educação à Distância (GEaD). Desse modo, o objetivo do curso, a princípio, foi instrumentalizar, com as competências e habilidades necessárias, a produção de material didático, que são os vídeos para compor o ambiente virtual de cada curso na modalidade a distância. Assim, o curso proposto seria desenvolvido na preparação da voz do professor para a produção de videoaulas. Foi apresentado aos professores discentes um programa com carga horária, conteúdos e avaliação do uso técnico da voz no processo de gravação.

Retomamos alguns conceitos das perspectivas teóricas assumidas nesse processo de formação para darmos início ao trabalho, fazer a experiência pessoal e coletiva como guia no desenvolvimento do pensamento e da ação pedagógica do grupo de professores envolvidos na formação continuada em uma nova proposta de um curso destinado à promoção da saúde vocal docente. Sempre retomando o pensamento de que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção (FREIRE, 2006).

Dessa forma, nos passos da pedagogia histórico-crítica, refletimos uma formação que não deve partir de uma anúncio de programa e conteúdos predefinidos sem a participação dos professores nos processos de planejamento, desenvolvimento e avaliação. Assim, buscamos trabalhar a Pedagogia histórico-crítica que se fundamenta nos pressupostos do materialismo histórico-dialético proposto por Max, que tem com fundamentos: a interpretação da realidade (visão do mundo); a prática articulada à teoria (práxis); a organização dos homens em sociedade para a realização da vida (materialidade); a natureza histórica sobre a organização que os homens realizam através de sua história (concreticidade).

O ponto de partida da lógica dialética é a contradição, sendo que o movimento dialético está na realidade, para uma especificidade teórica e um retorno para a realidade. Um processo que Saviani (1999) expõe como:

Um movimento da síncrese -visão caótica do todo - à síntese -uma totalidade de determinações e de relações- por meio da mediação da análise - abstrações e análises mais simples- constitui um processo seguro de novos conhecimentos – o método científico - e para o processo de

transmissão-assimilação de conhecimentos – o método de ensino. (SAVIANI, 1999, p. 83, grifo nosso).

A teoria histórico-cultural de Vigotsky também embasa a pedagogia histórico-crítica. O homem é um ser histórico e social que se diferencia das outras espécies pela capacidade de modificar a natureza por meio de seu trabalho, dos instrumentos criados e aperfeiçoados ao longo do desenvolvimento humano e da linguagem. O conhecimento, na perspectiva histórico-cultural, é construído na interação sujeito-objeto a partir de ações socialmente mediadas. As funções psicológicas são característica humana e foram abordadas por Vigotsky por meio de dois construtos principais: internalização e mediação.

A internalização é um processo de (re)constituição, no nível individual, de funções originárias do (no) nível social (VIGOTSKY, 2000), ou seja, as influências sociais criam condições para a absorção do conhecimento proveniente do contexto. Dessa forma, o desenvolvimento humano, de acordo com essa teoria, é um processo de fora para dentro. Consiste na transformação de uma atividade externa para uma atividade interna e de um processo interpessoal para um processo intrapessoal.

A mediação, a relação entre sujeito e objeto, não acontece diretamente, mas é mediada por um elemento intermediário. A relação homem/mundo é mediada por sistemas simbólicos (OLIVEIRA, 1993, p. 23).

Propusemos um trabalho para chegarmos a uma prática consciente dentro da perspectiva histórico-crítica sempre tendo como base alguns pressupostos da perspectiva histórico-cultural: o homem se constitui e se desenvolve a partir de sua relação com o outro; as funções psíquicas têm origem social e a atividade humana tem caráter mediado e semiótico; a apreensão do conhecimento se dá na interação do tipo sujeito-sujeito-objeto; os signos emergem na interação e são constitutivos da linguagem e da consciência (BRAGA, 2000, p. 110).

Buscamos a “Didática da Pedagogia Histórico-Crítica”, de Gasparin (2012), que tem seu referencial na teoria dialética do conhecimento, para nos auxiliar no caminhar da formação continuada, no planejamento como ação docente-discente. Esta ação consiste em vivenciar o plano de estudo elaborado anteriormente (GASPARIN, 2012, p. 161,). Na Teoria do conhecimento, a realidade material e a ação do homem sobre a realidade dão origem ao conhecimento humano. Entretanto, Gasparin (2012, p. 4) expõe que além da realidade material e da ação do homem, o

conhecimento surge da existência social dos homens, ou seja, da relação que temos uns com os outros.

O conhecimento de acordo com a teoria resulta do trabalho humano no processo histórico de transformação do mundo e da sociedade, através da reflexão sobre esse processo. O conhecimento, portanto, como fato histórico e social supõe sempre continuidade, rupturas, reelaborações, reincorporações, permanências e avanços. (GASPARIN, 2012, p. 4)

A didática da pedagogia histórico-crítica permite um trabalho que envolve teoria e prática, também envolvendo os educandos em uma aprendizagem significativa dos conhecimentos científicos e políticos, para que eles sejam agentes participativos de uma sociedade democrática e de uma educação política. Para desenvolver os procedimentos de acordo com a metodologia e os passos estruturados por Gasparin (2012), partimos das premissas: o professor tem conhecimento, tem vivência ou experiência; o conhecimento é importante e com ele o professor fará reflexões, tomará consciência e transformará a realidade.

Uma proposta didática para a pedagogia histórico-crítica foi estruturada por Gasparin e apresenta cinco passos que procuramos desenvolver em nossa formação continuada com a prática do planejamento estratégico e comunicativo.

A Prática Social Inicial, que mostra a vivência:

é uma contextualização do conteúdo. É um momento de conscientização do que ocorre na sociedade em relação àquele tópico a ser trabalhado, evidenciando que qualquer assunto a ser desenvolvido em sala de aula já está presente na prática social, como parte constitutiva dela (GASPARIN, 2012, p. 33)

A Problematização, que identifica os problemas e explicita o conhecimento e como será construído:

É o momento do processo em que a prática social é posta em questão, analisada, interrogada, levando em consideração o conteúdo a ser trabalhado e as exigências sociais de aplicação do conhecimento. (GASPARIN, 2012, p. 34)

A Instrumentalização, que é a relação sujeito-objeto pela ação do aluno e mediação do professor. Momento de construção do novo conhecimento na fala de Saviani:

instrumentalização é o momento em que os estudantes se apropriam dos [...] instrumentos teóricos e práticos necessários ao equacionamento dos problemas detectados na prática social [...] Trata-se da apropriação pelas

camadas populares das ferramentas culturais necessárias à luta social que travam diuturnamente para se libertar das condições de exploração em que vivem. (SAVIANI, 2007, p. 71)

A Catarse, que é a síntese do aluno, sua nova postura mental. Saviani explica dizendo que catarse é

[...] trata-se da efetiva incorporação dos instrumentos culturais, transformados agora em elementos ativos de transformação social. [...] os conteúdos tornam-se verdadeiramente significativos porque passam a fazer parte integrante e consciente do sistema científico, cultural e social de conhecimentos [...] (SAVIANI, 2007, p. 72)

A Prática Social final, como a nova atitude prática do educando. Como Gasparin (2012) expõe

A Prática Social Final é a nova maneira de compreender a realidade e de posicionar-se nela, não apenas em relação ao fenômeno, mas à essência do real, do concreto. É a manifestação da nova postura prática, da nova atitude, da nova visão do conteúdo no cotidiano. É, ao mesmo tempo, o momento da ação consciente, na perspectiva da transformação social, retornando à Prática Social Inicial, agora modificada pela aprendizagem (GASPARIN, 2012, p. 149).

No desenvolvimento de nossa práxis, consideramos algumas questões relevantes colocadas pelo autor, como: é fundamental que os discentes vivam o processo prática-teoria-prática e o essencial do processo é a (re)construção do conhecimento ligado à vida do educando, tanto em sua dimensão cotidiana próxima quanto na dimensão mais ampla da estrutura social na qual se vive (GASPARIN, 2012, p. 162).

4.2 Segundo Momento: “O Grito e o despertar”

No primeiro encontro com os professores inscritos no curso, eu, formadora e também autora do curso e desta pesquisa, apresentei o programa e o objetivo daquela formação. Imaginei apresentar um curso perfeito e necessário para os professores. Era o “meu” curso de formação continuada com minhas supostas ideias sobre o que deveria ensinar aos professores sobre a voz docente. Fui formada, como muitos professores, uma profissional que deveria repassar aos alunos conhecimentos, sem se preocupar com a prática desenvolvida, nem com a contribuição do aluno no seu processo de aprendizagem. Porém, a construção da minha identidade profissional ouviu muitas “vozes” que me levaram a conhecer um

mundo em processo de transformação, e à vista disso sou um construto desse mundo em transformação. Construimos nossa identidade pela relação com os outros (VIGOTSKY,2000). E para uma ação formadora, percebi que precisava refletir e mudar o momento em que me encontrava e pautei minha ação inicial como nos dizeres de Shön (2000):

A reflexão-na-ação tem uma função crítica, questionando a estrutura de pressupostos do ato de conhecer-na-ação. Pensamos criticamente sobre o pensamento que nos levou a essa situação difícil ou essa oportunidade e podemos, neste processo, reestruturar as estratégias de ação, as compreensões dos fenômenos ou as formas de conceber os problemas (SHÖN, 2000, p. 33).

O momento surgiu e o problema se apresentou, e assim a reflexão em torno do que seria necessário fazer para buscar uma solução. Dessa forma, procuramos dialogar com a situação e estruturar o caminho da formação para solucionar os problemas que surgiram, ou melhor, os problemas que são o contexto do professor e se a formação continuada pode trabalhar para a mudança.

No momento de apresentação aos professores, eles foram solicitados a expor questões em relação a algum aspecto sobre o uso da voz e à produção de mídias educativas. Os professores expuseram suas dúvidas e desvelaram as diferentes realidades do grupo, no conhecimento, ou melhor, no pouco conhecimento do uso adequado da voz como recurso pessoal de trabalho. Para alguns era uma fala presa na garganta, para outros um grito de socorro, uma voz doente, vozes de educadores que estavam silenciando, segundo seus relatos, mas conforme sua narrativa também surgia um despertar mútuo entre todos os presentes da condição de professores sem conhecimentos e cuidados com o seu recurso pessoal de trabalho: a voz. De acordo com Ferrer Cerveró (1995, p. 178), compartilhar a historicidade narrativa e a expressão biográfica dos fatos percorridos se converte em um elemento catártico de des-alienação individual e coletiva, que permite situar-se desde uma nova posição no mundo.

Assim, foi o início de uma nova proposta de curso, pois direcionamos pensamento e fala para organizar nossas experiências e não experiências sobre o uso da voz. Um momento de escuta, reflexão, autoanálise para o processo de formação entre participantes. De acordo com Nóvoa (1992, p. 26), a troca de experiência e a partilha de saberes consolidam espaços de formação mútua, nos quais cada professor é chamado a desempenhar, simultaneamente, o papel de

formador e de formando. Encontramos na formação continuada a possibilidade de formar-se a partir da experiência de todos.

O início da conversa gerou dados, conseqüentemente, mudanças no caminhar do planejamento e no desenvolvimento. Na relação entre formadora e professores em formação, surgiram momentos de escuta, participação, diálogos na expressão das necessidades do grupo. Foram feitos registros diários a partir da minha observação, da observação dos professores, de si, do outro e do coletivo, um momento em que suas vozes concordam com Freire (2008) de que não existem pessoas sem conhecimento. Elas não chegam vazias. Chegam cheias de coisas. Na maioria dos casos, trazem junto consigo opiniões sobre o mundo, sobre a vida.

No momento e espaço da formação continuada trouxeram suas percepções, seus interesses, problemas. Na voz do professor, o desvelar do seu contexto, uma prática inicial “preciso falar”... vozes de depoimentos:

[...] “Estou perdendo potência ao falar. Tenho distúrbio de tensão mandibular.” (professora, pedagoga, participante do curso “Usos e desusos da voz”, 2016).

[...] “Não sei usar a minha voz. Tenho muito pigarro e falo muito alto ou gritando”. (professora, pedagoga, participante do curso, 2016).

[...] “Quero aprender a usar a voz. Entonação para não prejudicar minhas cordas vocais.” (professora, psicopedagoga, participante do curso, 2016).

[...] “Meu ouvido e garganta doem muito quando falo.” (psicopedagoga, participante do curso, 2016)

[...] “Nunca recebi orientação como professor da SEE. Fiz um curso antes de entrar. (professor de Filosofia, participante do curso, 2016).

[...] “Comprei o microfone, mas quero aprender a usar a voz.” (professora de História, participante do curso, 2016).

[...] “Uso apito para poupar a voz” (professora de Educação Física, participante do curso)

[...] “Nunca fiz nada relacionado à voz.” (professor, pedagogo, participante do curso, 2016).

[...] “Quero respirar certo para cantar e cuidados preventivos para falar.” (professora de Educação Artística e Música, 2016).

[...] “Ouvi falar de cordas vocais: fendas e calos”. (professora de Biologia, participou do curso, 2016).

[...] “Particpei de uma oficina de voz com a Equipe da Secretaria e me encaminharam para o Hospital de Base. Não fui. Agora estou no curso para saber o que tenho.” (professora de História, 2016).

“Tenho conhecimentos básicos: evitar o fumo, comer maçã e ingerir água. Quero saber mais para cuidar. (professor de Artes Plásticas, 2016).

“Quero saber que negócio é esse de respiração costodiafragmática.” (professor, Letras, participou do curso, 2018).

[...] “Tenho problema de voz” (professora, Letras, participou do curso 2016).

[...] “Recebi orientação da equipe da SEE em uma oficina “Práticas de Saúde Vocal preparando a voz para a sala de aula.” (pedagoga, participou em 2016).

[...] “Quero ampliar a minha voz”. (Professora de Educação Física, participou do curso 2016).

Após os relatos, muitas questões surgiram para mim como professora-formadora...iniciar primeira proposta do curso e ignorar o contexto apresentado pelos professores seria promover uma formação bancária (FREIRE, 2006), uma ação controladora do meu saber e do saber dos professores, de modo a não tornar o professor participante do processo de formação que atendesse a seus interesses.

Pensamos como Freire, que o educando e o educador são sujeitos da sua história e do seu aprendizado ao longo da vida e que ambos são capazes de buscar melhores condições de pertencimento e posicionamento na vida. Compreendi que o grupo de professores se posicionou e “gritou”, sem autoritarismo, para uma formação continuada que os ouvisse e, assim, entendi o meu papel de formadora e o saber de Freire de que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção (FREIRE, 2006, p. 52).

O momento evidenciava que a profissão docente demanda conhecimentos que vão além de uma transmissão de conteúdos, informações e técnicas sobre a voz docente. Desenvolvemos um trabalho, na formação continuada, que modificasse a realidade, que permitisse uma experiência. Não queríamos uma formação tradicional, mas uma reflexiva, crítica e participativa. Em seus estudos, Nóvoa (1991b) definiu dois modelos de formação contínua e nos levou a refletir a formação continuada entre o não e o sim:

1 - Modelos estruturantes (tradicional, comportamentalista, universitário, escolar), organizados previamente a partir de uma lógica de racionalidade científica e técnica, e aplicados aos diversos grupos de professores. 2 - Os modelos construtivistas (personalista investigativo, contratual, interativo-reflexivo), que partem de uma reflexão contextualizada para a montagem dos dispositivos de formação contínua, no quadro de uma regulação permanente das práticas e dos processos de trabalho. (NÓVOA, 1991b, p. 21).

Nossa base de pensamento para a nova proposta do curso foi o sim. O sim para uma formação continuada no modelo construtivista “interativa- reflexiva” pois, como Nóvoa (1991), acreditamos em uma formação contínua/continuada

impulsionadora de mudanças na educação e na profissão docente, um desenvolvimento profissional além de estudos formais dos espaços de educação. Nesse aspecto lembramos Freire (1989), que fez referência à formação como um fazer permanente que se refaz constantemente na ação.

A profissão docente é uma profissão em construção e por isso necessita de um processo formativo que permita transformações diante de novas realidades. Hoje, a voz é entendida como um importante instrumento de trabalho do professor e pode ser cuidada e preservada. Porém, o professor precisa se perceber como um profissional da voz, falar de suas necessidades de formação para enfrentar a realidade na qual está inserido, pois pesquisas evidenciam a existência de um sistema de ensino em que as condições de trabalho e intensificação das atividades são aspectos propícios para o quadro de problemas vocais (ALVES; ARAUJO; XAVIER NETO, 2010; KARMANN; LANCMAN, 2013; MENDES *et al.*, 2015; SILVA *et al.*, 2016; VALENTE; BOTELHO; SILVA, 2015). O professor é o profissional da voz que menos demonstra conhecimentos a esse respeito, o que, às vezes, impossibilita seu crescimento pessoal e profissional para mudar o quadro e buscar práticas promotoras da saúde vocal numa perspectiva individual e coletiva.

Assim, buscamos um processo formativo com os professores ativos e participantes, de modo a permitir uma clareza de suas condições de trabalho no que tange à estrutura dos ambientes, como nas relações pessoal e interpessoal vividas diariamente. Buscamos fazer com ele uma reflexão crítica que deve conduzi-lo para que seja capaz de analisar a realidade social, histórica e cultural, possibilitando uma transformação, uma maior autonomia e emancipação, a reflexão crítica preconizada na pedagogia crítica de Freire (1987). Na perspectiva de Vigotsky (1984), seria o sujeito professor modificando o seu meio social, ao mesmo tempo em que é mudado por ele.

Então, meus constantes pensamentos em voz alta (minha postura de sempre questionar a melhor forma para mediar o processo formativo dos profissionais que buscaram na formação continuada uma possibilidade...) levaram-me a questionar: como traduzir em ação aquele contexto, em um processo formativo para os professores depois de ouvi-los e perceber que a primeira proposta de curso era a minha proposta e que naquele momento havia uma contradição entre o objetivo da formação ofertada e o objetivo da formação desejada? Minha ação de formadora exigia a coerência freireana (1989).

A questão da coerência entre a opção proclamada e a prática é uma das exigências que educadores críticos se fazem a si mesmos. É que sabem muito bem que não é o discurso o que ajuíza a prática, mas a prática que ajuíza o discurso (FREIRE, 1989, p. 25)

São vozes que “gritaram” no sentido conotativo, lógico, pois no sentido denotativo o ato de gritar em um contexto fonoaudiológico e pedagógico é uma ação profissional e pessoal do professor a ser evitada. A literatura na área de voz se refere a alguns hábitos vocais nocivos à voz que contribuem para a diminuição das habilidades vocais, entre os quais está o grito. O grito é um hábito nocivo à voz do professor que pode causar distúrbios vocais. Entretanto, o grito é usado como recurso da voz, algumas vezes, para inibir a indisciplina que causa dificuldades para desenvolver o trabalho do professor. Mas compreendemos que essa ação, no processo de ensino, atualmente não justifica quando trabalhamos para um ensino libertador e democrático. Formar professores para uma educação vocal, usando o seu próprio recurso pessoal profissional (a voz) por meio de diálogos, reflexões, ouvir e ser ouvido também permite construir relações democráticas e professores com vozes mais funcionais e saudáveis.

Nesse contexto, refletimos que a formação do professor perpassa o desenvolvimento profissional e pessoal, podendo chegar positivamente ao desenvolvimento institucional. Para Nóvoa (1997), a formação contínua/ continuada de professores sai da centralidade do espaço acadêmico para uma visão profissional, pessoal e de organização, a partir do contexto escolar, ou seja, a formação contínua/continuada do professor deve considerar as necessidades do trabalho docente como profissional que busca um fazer de qualidade, mas também busca melhoria enquanto indivíduo.

Para nós, um indivíduo que se perceba além de um aprendizado estático, finalizado, para promovermos mais ações formativas a partir da percepção dos professores (PENTEADO, 2007); compreender os sentidos da voz para os professores (BRASIL, 2015); analisar e discutir queixas e sintomas sobre a ótica do professor quanto ao uso da voz na prática e identificar condições que interferem direta e indiretamente no desempenho vocal (LUCESI; MOURÃO; KITAMURA, 2009; SILVERIO, *et al.*, 2008)

O professor trouxe, no momento do curso, um pouco de desconhecimento sobre a sua própria voz, o que nos levou a uma reflexão sobre o aspecto citado por Nóvoa de que a formação contínua/ continuada dos professores tem deixado de lado

o desenvolvimento pessoal, confundindo “formar e formar-se” (NÓVOA, 1997). Na trilogia da formação contínua, ele expõe uma nova visão necessária que é o desenvolvimento pessoal, profissional e o desenvolvimento organizacional.

Destacamos e unimos nossas intenções de formação para a pessoa do professor. O professor é a pessoa e uma parte importante da pessoa é o professor (NÓVOA, 1991b, p. 23). Acompanhando esse pensamento, refletindo fonaudiologicamente, o professor é a pessoa, e uma parte importante da pessoa é a voz. A voz que está em cada pessoa, em cada professor, como um recurso pessoal profissional que necessita ser valorizado.

Assim, a caminhada para a nova formação continuada do professor iniciou valorizando a pessoa, o professor e a sua experiência vocal. Replanejamos o curso conhecendo a realidade do grupo de professores, por meio da própria voz articulando, ressoando, ouvindo e permitindo construir o seu próprio processo de formar e formar-se. Por assim entendermos, estar em formação implica um investimento pessoal, um trabalho livre e criativo sobre os percursos com vista à construção de uma identidade, que é também uma identidade profissional. (NÓVOA, 1992b, p. 25).

Os professores que participaram do primeiro encontro presencial do curso foram chamados a contribuir com o planejamento das aulas, pois muitas vezes ouvimos que a participação em cursos é cansativa e não motiva. Desse modo, os professores foram estimulados a uma interação comunicativa respondendo a questões que norteariam a dinâmica dos encontros e a teoria sobre voz.

Buscamos, com essa atividade, facilitar o diálogo entre os professores, de modo a permitir uma maior visão dos aspectos individuais e coletivos do grupo, pois acreditamos que cada professor é capaz de fazer autorreflexão de suas ações no uso da voz. Assim, no ambiente de formação, ouvindo e ouvindo-se solidariamente, buscamos uma ação mais consciente, no uso da voz, para modificarmos a realidade de conflito, até então relatada no curso por alguns professores... *“Não sei usar a minha voz”*. (professora, pedagoga, participante do curso, 2016).

4.3 Terceiro Momento: Replanejar “Vozes que falam”

De acordo com as diretrizes de formação, iniciamos o curso em um momento de construção, de (re)planejar a partir dos sujeitos, os professores em formação:

os profissionais da educação são tratados como sujeitos que constroem a história, nas relações sociais, e que compreendem e questionam suas práticas sociais. Assim, admite-se uma educação voltada para a superação das contradições sociais, garantia das aprendizagens para todos no contexto escolar, e compreende-se ainda que a formação continuada deve favorecer a produção de ideias e de ações dos profissionais da educação voltadas para esse fim (Diretrizes de Formação Continuada EAPE- DF, 2014, p. 40).

O trabalho de repensar o curso no coletivo necessita de um movimento dialógico e o planejamento pensado a partir das especificidades de cada participante e das diferenças de realidades, de modo a possibilitar orientações dentro e fora do espaço da sala de aula, pois o processo de autopercepção da voz que se deseja na formação continuada precisa ocorrer em todo o tempo de aprendizado da teoria e da prática.

O desenvolvimento do curso, com encontros mais reflexivos do que instrutivos, envolvendo a formadora e os professores nas conversas, contribuem de forma significativa no processo de tomada de consciência dos professores; para mim, como formadora, a consciência de muitas incertezas. Nesse aspecto, Freire (1987) me chama atenção de que é preciso reconhecer a educação como um ato político e ideológico e que o educador deve se colocar sempre aberto a todas as possibilidades para que seus educandos tenham condições de escolher os caminhos que querem percorrer.

Decidimos “dar voz ao docente” para “cuidar da voz docente”. Assim, cada professor colocou-se nos diversos momentos na posição de ouvinte e falante diante do grupo, expressando suas questões em situações coletivas e individuais, presenciais e virtuais. Era o processo de construção de uma formação no seu espaço, nas necessidades do professor, a partir de saberes e vivências profissionais, por entendermos, como Libâneo (2004), que:

a formação continuada pode possibilitar a reflexividade e a mudança nas práticas docentes, ajudando os professores a tomarem consciência das suas dificuldades, compreendendo-as e elaborando formas de enfrentá-las. De fato, não basta saber sobre as dificuldades da profissão, é preciso refletir sobre elas e buscar soluções, de preferência, mediante ações coletivas. (LIBÂNEO, 2004, p. 227).

Imagem 1 - Momentos constantes de ouvinte e falante no processo formativo



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2017).

Imagem 2 - Espaço da sala do curso organizado para o diálogo, a reflexão, a participação



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2017).

Nesse contexto de criar a reflexividade no curso, criamos a estratégia de propor um quadro interpretativo que revelasse a relação entre as percepções dos professores para a proposição de ações formativas. Nesse processo há o âmbito da intervenção técnica, da interação entre indivíduos e a dialogicidade, tendo em vista possibilitar ações educativas. Denominamos o trabalho como Planejamento (uma composição de regras) Estratégico (que influencia o outro e a possibilidade de outra situação) Comunicativo (ação dialógica). Dessa forma, criamos a possibilidade da participação de todos, em todo o desenvolvimento do curso Usos e Desusos da voz

Docente. O Planejamento Estratégico Comunicativo–PEC incentivou a desejada ação dialógica, pois entendemos como Freire que:

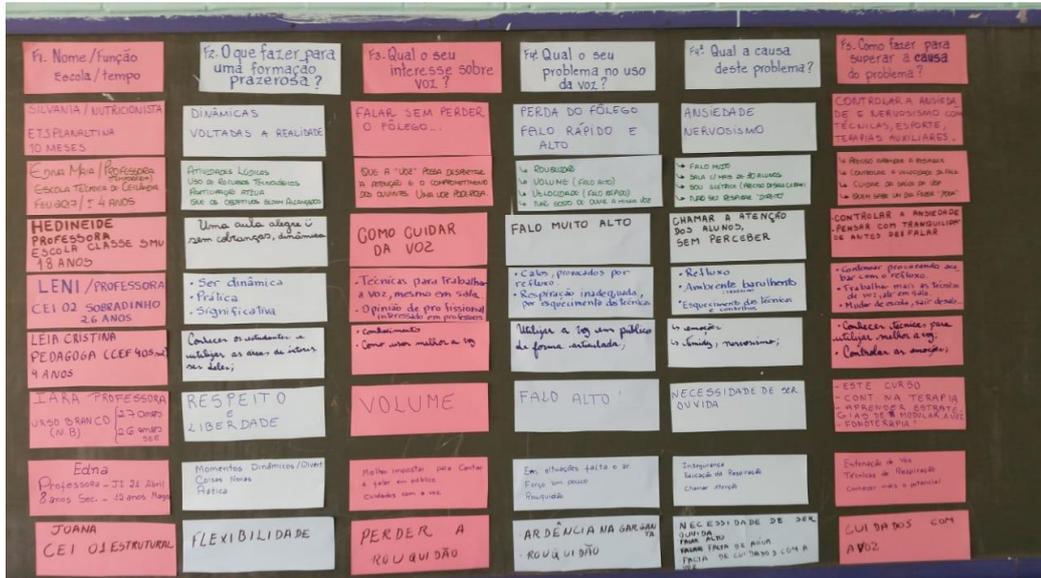
A dialogicidade não nega a validade de momentos explicativos, narrativos, em que o professor expõe ou fala do objeto. O fundamental é que o professor e alunos saibam que a postura deles, professor e alunos, é dialógica, aberta, curiosa, indagadora e não apassivada, enquanto fala ou enquanto ouve. O que importa é que professor e alunos se assumam epistemologicamente curiosos (FREIRE, 2006, p. 96).

Realizamos, a cada início do curso, um PEC conduzido por questões que permitissem a contextualização do conteúdo, a identificação dos problemas e causas, bem como soluções autorreferidas pelos professores. Mediamos o processo por meio de questões apresentadas aos professores com a intenção de identificar o grupo, conhecer seus interesses sobre voz, expressar a existência ou não de problemas e refletir sobre possíveis soluções. Cada questão era registrada em uma ficha, respondida por escrito, e o professor a apresentava para o grupo, e fixava a ficha observando a posição do próprio nome e a pergunta.

Dessa forma, no término desta atividade realizada com todos, observamos que professores se permitiram ser colaboradores de sua própria formação e desenvolveram a estratégia do planejamento; suas interlocuções registradas em fichas construíram um mosaico de interesses, problemas, causas e soluções para o desenvolvimento do estudo da voz no ambiente da formação continuada.

Nessa ação pedagógica, também conciliamos procedimentos importantes no processo de consciência do professor, usados em parâmetros de avaliações fonoaudiológicas, mas no curso trabalhamos uma perspectiva formativa e educativa: a propriocepção, a percepção auditiva e a psicodinâmica vocal. A ação colaborou para a instrumentalização teórica e prática, os conteúdos foram surgindo e mediados na ação dialógica. Dessa maneira, definimos no coletivo os planos de ação, o percurso e a estrutura da formação continuada.

Imagem 3 - PEC- Mosaico de interesses/ problemas e causas/ soluções sob a percepção dos professores das condições do desempenho vocal



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2017).

Imagem 4 - PEC - Análise coletiva para classificação, reagrupamentos, temas e conteúdos específicos



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2017).

4.4 Terceiro Momento: Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) “Diálogos no Mundo Virtual”

O curso de formação “Usos e desusos da voz docente” também foi desenvolvido utilizando recursos do ensino a distância. A partir da avaliação institucional de cada formação ofertada, verificamos que os professores relatavam

sobre a dificuldade de locomoção do local de trabalho para a EAPE e vice-versa. Assim, em nossa proposta escolhemos uma forma de ensino que não limitasse o processo formativo ao espaço físico do Centro de Formação de Educadores do DF-EAPE. Propusemos o curso semipresencial, ou seja, uma formação híbrida com encontro e atividades presenciais no prédio físico da instituição e encontros e atividades no ambiente virtual de aprendizagem. Dessa forma, desenvolvemos o curso por meio da combinação de encontros e atividades presenciais e online.

Segundo Oliveira (2008), a Educação a Distância (EaD) é entendida como um processo educativo que envolve diferentes meios de comunicação capazes de ultrapassar os limites de tempo e espaço e tornar acessível a integração com fontes de informação e com o sistema educacional, de modo a promover a autonomia do estudante por meio de estudo flexível e independente.

A EAPE utiliza o Moodle para desenvolver os cursos em EaD. O Moodle é uma plataforma de aprendizagem a distância baseada em *software* livre. É um sistema de gestão do ensino e aprendizagem desenvolvido para auxiliar os educadores a criar cursos presenciais, com recursos do ensino a distância (SABATINI, 2007).

Na plataforma temos o Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) para organizar e desenvolver as atividades. Utilizamos as diversas ferramentas do AVA de acordo com a proposta pedagógica do curso. De acordo com Filatro (2004), o AVA dispõe de diversos recursos que favorecem a comunicação e a interatividade, promovendo um processo de ensino-aprendizagem dinâmico e colaborativo. Esse ambiente virtual não visa somente disponibilizar conteúdos, mas proporcionar a interatividade e a interação entre pessoas e grupos e, por consequência, a construção do conhecimento (SILVA, 2012, p. 18).

Assim, organizamos um espaço de formação virtual que proporcionasse o desenvolvimento do pensamento reflexivo e dialógico, além de possibilitar o trabalho da psicodinâmica vocal.

Na prática, uma atividade de desenvolvimento da percepção auditiva. Os professores registram e relatam sobre as lembranças perceptivo-auditivas da voz de seus professores quando estiveram na posição de discentes; refletiram sobre qual a voz mais marcante e como eles sentiam o impacto de suas vozes. Essa é uma prática bastante interessante quando observamos que muitos registraram as vozes de frequência vocal mais grave que transmite uma impressão de pessoas

autoritárias e enérgicas; outros recordaram de professores que apresentavam uma articulação imprecisa e que passava a impressão de desinteresse de comunicar e ser entendido, ou quando, como minha professora do ensino básico, fato que relatei no meu memorial, transmitia uma perda de controle emocional na sua inexatidão articulatória com seus gritos. De acordo com Amato (2010), tomar consciência da imensidão de vozes que nos cercam a todo o momento é uma boa estratégia para aprender a identificar a postura vocal mais adequada para cada situação e saber expressar-se melhor pela sua voz.

No momento do relato sobre a própria voz, alguns professores identificaram tipos de vozes: roucas, transmitindo ao ouvinte a impressão de cansaço; voz comprimida, dando a impressão de esforço, tensão, entre tantas características apresentadas. Algumas reflexões foram feitas como qual a reação emocional e comportamental dos ouvintes (alunos) com vozes que transmitem a impressão de cansaço, tensão, desequilíbrio. Percebemos que a voz é um recurso importante nesse processo de comunicação do professor com o aluno e no processo de aprendizagem.

Além de momentos de reflexões sobre as impressões transmitidas pela voz ao ouvinte, os professores fizeram várias gravações da própria voz. Todos foram estimulados a fazer leituras e gravar em mídias de áudio, para depois avaliá-las e também permitiram a avaliação dos colegas de curso. O uso do ambiente virtual possibilitou, além da transmissão das gravações, a criação de fóruns que permitiam a análise das vozes quanto à clareza e articulação, adequação da intensidade, capacidade de envolvimento emocional, respiração e capacidade de reação e correção de erros depois de interferências.

Utilizamos ferramentas de interação e avaliação de forma interativa para acompanhar e propor práticas de novos conhecimentos sobre o uso da voz. Segundo Freire (2006), no processo de ensino e aprendizagem com uso das TICs, o conhecimento deve ser construído entre professores e alunos. Para que isso aconteça, o professor deve estimular o envolvimento do aluno no seu aprendizado, despertando sua curiosidade sobre o que ele irá aprender.

Dessa forma, optamos por uma abordagem contextualizada com os participantes. O professor visualiza um tema em vídeos ou arquivos (PDF) e depois propõe uma reflexão no fórum, buscando a relação com a realidade de cada professor em formação. Uma das atividades interessantes foi o trabalho de

dublagem, na qual os professores se permitiram brincar com a voz e iniciar um trabalho de possibilidades com a voz. Um vídeo era apresentado e o som retirado, inclusive a voz dos personagens. O professor fazia uma dublagem criando texto e voz.

Outra atividade que despertou interesse foi a de conhecer os rostos por trás das vozes, o que despertou a curiosidade para dubladores²⁰ famosos e conhecer pessoas que emprestam suas vozes a diversos personagens. Nessas atividades trabalhamos a respiração, a programação de cada frase, a entonação. Brincar com a voz foi uma excelente forma de fazer o professor perceber várias possibilidades e potencialidades da voz.

O planejamento do curso no ambiente virtual foi realizado a partir de questões colocadas no encontro presencial e atendia às necessidades de leituras, postagens de vídeos e principalmente arquivos de áudio, permitindo um processo de avaliação da qualidade da voz. Assim, utilizamos arquivos para postar conteúdos de aprofundamento solicitados nos encontros presenciais, compartilhar atividades e socializar experiências. Os cursos de formação contínua, de acordo com Nóvoa (1992b, p. 18), mais do que lugar de aquisição de técnicas e de conhecimentos, são o momento-chave da socialização e da configuração profissional.

4.5 Quarto Momento: Produto final “Doe a sua voz”

Destacamos o quarto momento do curso como um momento de avaliação de todo o processo desenvolvido durante a formação continuada. Desenvolvemos teorias e práticas sobre o uso da voz profissional, por meio de ações de promoção da saúde vocal, capacidade de atenção, percepção e autopercepção, técnica vocal, o autocuidado e reconhecimento da própria voz dentro de suas potencialidades e limitações.

Assim, o quarto momento foi aquele em que solicitamos ao professor em formação que apresentasse um resultado de aprendizagem, ou seja, como o professor incorporou as novas ações no cuidado com a voz em um uso profissional. De acordo com Behlau, *et al.* (2001a), é importante verificar como o professor executa sua tarefa, quais são as adaptações e os recursos utilizados por ele.

²⁰O termo "dublagem" vem do francês *doublage* que significa substituição de voz. O dublador é a pessoa que tem a função de ceder sua voz e interpretação, em idioma local, a um ou vários personagens, a fim de substituir a voz dos atores ou dubladores originais de filmes, animações, seriados, documentários, programas de televisão estrangeiros etc.

Propusemos, para cada professor em formação, produzir um material em áudio para uma avaliação perceptivo-auditiva da formadora e de autopercepção sobre a produção vocal de cada um e entre todos do grupo.

O material em áudio era Tecnologia Assistiva²¹ - um livro sonoro: falado ou audiolivro. De acordo Jesus (2011), o livro falado é a reprodução de obras literárias com o mínimo de interferência de interpretação de terceiros; ao contrário, o audiolivro é a reprodução com a dramatização da leitura, trilha sonora e efeitos especiais. Um exemplo de audiolivro no Brasil foi a gravação da Bíblia Sagrada, por Cid Moreira, no período dos anos 1990.

Desse modo, o trabalho constituiu-se na produção de um livro sonoro de uma história infantil de acordo com a escolha de cada professor. O material produzido para avaliar a produção vocal depois foi doado para a audioteca²² do Centro de Ensino de Deficiente Visual de Brasília. Assim, criamos a campanha “Doe a sua voz” entre os participantes do curso de formação “Usos e desusos da voz docente”.

Realizamos visita ao Centro de Ensino Especial de Deficientes de Brasília e adquirimos informações sobre a técnica de gravação de livros para pessoas com deficiência visual. Além do conhecimento técnico, descobrimos a dificuldade do trabalho, pois cada livro tem um projeto gráfico singular. Então, os docentes seguiram o material de orientação²³ com os critérios e adaptações para o livro se tornar acessível à pessoa com deficiência visual.

A técnica de gravação exigiu dos professores um controle de voz e fala para realizar a atividade de ledor²⁴ no processo de gravação. De acordo com Amato (2010), a prática da performance falada de textos auxilia no desenvolvimento de posturas, padrões de fala, técnicas de apresentação, trabalha a desinibição, a interpretação e desenvolve a propriocepção.

Seguimos dois momentos de avaliação do material produzido: no primeiro, a escuta do material pelo grupo, seguida do depoimento sobre a experiência de produzir o livro falado; no segundo, a formadora seguiu os critérios de Amato (2010, p. 122): estudo e preparação, afinidade com o texto escolhido, clareza e articulação

²¹Tecnologia Assistiva são recursos tecnológicos para auxiliar pessoas com deficiência em suas atividades cotidianas. <http://www.bengalalegal.com/livros-sonoros>.

²² Audioteca: local que armazena livros falados em mídia (CD).

²³ O material de orientação é fornecido a todos que desejam realizar o trabalho de ledor. A biblioteca Braille Elmo Luz mantém um cadastro de leitores, também para leituras presenciais de acordo com a necessidade dos estudantes deficientes visuais e o horário de disponibilidade do ledor voluntário cadastrado.

²⁴ Ledor pessoa que lê ou grava para pessoas com deficiência visual.

na performance, adequação da intensidade vocal, ajuste da dinâmica vocal à leitura do texto (no caso do livro falado não há interpretação ou criação de vozes) e capacidade de envolvimento emocional.

A legislação prevê que todo e qualquer livro pode ser transcrito para o Braille ou ser gravado, sem que se paguem direitos autorais, desde que não haja comercialização. A primeira informação gravada será a seguinte: “Este livro está sendo gravado por (nome do leitor) e ele é para uso exclusivo da pessoa com deficiência visual, não podendo ser comercializado de acordo com a Lei nº 9.610 de 19 de fevereiro de 1998²⁵”.

A proposta do curso de formação da voz nos levou para outros sentidos além do professor sentir a própria voz; descobriu que poderia doar a voz para um público que tem na voz humana a visão do mundo. Muitos ouviram dos profissionais que lidam diariamente com a produção de materiais para as pessoas DV que dificuldades podem ser ultrapassadas à medida que tomamos consciência do importante trabalho que podemos fazer levando o conhecimento através da nossa própria voz. Dessa maneira, com a realização de todo o trabalho com a voz percebe-se que a única pessoa que conhece a própria voz é o falante, por isso é importante ter conhecimentos sobre a voz, desenvolver nossa percepção, permitir-se interpretar melhor as necessidades de nossa saúde vocal. Seja amigo da sua voz!²⁶

Imagem 5 - Livro Falado produzido pelos professores como prática de avaliação



Arquivo pessoal da pesquisadora dos livros falados. (2016, 2017, 2018).

²⁵ Lei dos Direitos Autorais: Lei nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Publicação: Diário Oficial da União. Seção 1. 20/02/1998. p. 3

²⁶ Com o *slogan* SEJA AMIGO DA SUA VOZ ! foi desenvolvida a campanha de saúde vocal dos anos de 2005 e 2006. Disponível em: https://www.sbfa.org.br/campanhadavoz/Historico_das_Campanhas_da_Voz.pdf.

5 VOZES QUE SE CRUZAM: DIÁLOGOS PARA FORMAR-SE E FORMAR NO CURSO “Usos e Desusos da Voz Docente”

5.1 Práticas para formar-se ... percepções e autopercepções

Ao criar as possibilidades de dialogar, não só como docentes de várias áreas e atuações, mas como observadores de nossa própria voz, e de experimentar na prática as discussões e diálogos sobre como percebemos o uso da própria voz na profissão, percebemos que estávamos transitando em fases de formação do professor com carências no que se refere a conhecimentos teóricos e habilidades pessoais para sentir e perceber o próprio corpo e também uma autopercepção vocal.

Em um primeiro diálogo, a reflexão de que o professor é um profissional formado para perceber e mediar as necessidades do outro e, nesse caso, o outro são os alunos. Entretanto, aprender a olhar para si mesmo, perceber-se e cuidar de si, ter ações de autocuidado, autopercepção não são práticas ensinadas nos cursos de formação de professores. De acordo com as reflexões dos professores, o foco está nos conhecimentos técnico-pedagógicos e na aprendizagem do aluno. Algumas vezes, segundo nossas inferências no curso, o olhar cuidadoso pode surgir, porém no momento do absenteísmo de suas atividades laborais, ou seja, no momento do quadro de doença, ele surge no consultório médico e na terapia da voz.

De acordo com alguns estudos, essa falta de conhecimento do professor pode ocorrer porque futuros professores desenvolvem práticas docentes como requisitos da formação, porém o fazem sem orientação sobre a voz, e algumas vezes criam um padrão vocal inadequado para sua vida profissional. Assim, os professores se veem numa vida profissional com pouca ou nenhuma possibilidade de dialogar sobre sua própria voz, tornando-se evidente a fala de alguns professores que dizem nunca terem pensado no seu jeito de falar, ou como sua voz é percebida pelo ouvinte.

Realizamos, com os professores, no Planejamento Estratégico Comunicativo, momentos em que se pretendia desenvolver habilidades perceptivas auditivas e percepções da voz, pois o professor precisa formar-se, desenvolver conhecimentos pessoais sobre a própria voz para ter uma fala precisa e uma voz adaptada; mas para isso é necessário trabalhar a capacidade de leitura do seu contexto desfavorável para a existência de uma realidade favorável. Todo o processo foi

transversal porque não foi uma ação ou momento isolado do curso. As atividades envolvendo propriocepção, percepção auditiva e psicodinâmica vocal visaram desenvolver habilidades de reconhecimento e autorreconhecimento do corpo e da voz sob a perspectiva dos professores. Esse momento foi possível na formação a partir da dinâmica dialógica, reflexiva e participativa que possibilitamos e com a qual conduzimos o curso. Desenvolvemos a expressão verbal dos professores relacionando-a à aprendizagem individual e coletiva, instigando-os a exporem suas experiências, conhecimentos, dúvidas, incentivando e promovendo a autorreflexão.

5.2 Propriocepção

Trabalhamos a propriocepção como prática educativa para o desenvolvimento de habilidades perceptivas da voz. A propriocepção, de acordo com Lent (2001), é o termo que descreve a percepção do próprio corpo e inclui a consciência da postura, do movimento, das partes do corpo e das mudanças no equilíbrio, além de englobar as sensações de movimento e de posição articular. Em uma linguagem fonoaudiológica, se refere à percepção de si mesmo em suas nuances internas, como resposta ao estímulo externo (AMATO, 2010, p. 55). Assim, buscamos uma tomada de consciência do professor ao ser solicitado a falar sobre o que está sentindo no corpo e na voz, ele passa a ter um olhar, uma consciência de corpo e pode expressar experiência e saber. Desejamos uma competência comunicativa, professor formador e em formação, para estabelecer relações de ensino-aprendizagem efetivas e como estratégia de ensino, o que definimos como “Dar voz ao docente, para cuidar da voz docente”.

A tomada de consciência da própria voz e a dinâmica fonatória de outros é muito importante para o professor para iniciar a educação vocal, pois depois de tomar consciência da imensidão de vozes que o cercam na vida, de acordo com Amato (2010), aprenderá a identificar a postura vocal mais adequada para cada situação; saberá expressar-se melhor pela sua voz, dizendo muito mais apenas pelos sons que seu corpo emite através das pregas vocais (AMATO, 2010).

Envolvemos o professor em várias ações que permitissem aprimorar a propriocepção e estabelecer uma relação harmoniosa corpo-voz com o trabalho de profissionais de outras áreas que, convidados, aceitaram realizar oficinas, conversas e atividades práticas. Esse trabalho de parceria permitiu identificar diferentes

necessidades dos grupos, como a realização de uma palestra sobre “Voz e a Alimentação” com uma nutricionista porque o grupo precisava de orientações. Aspecto ressaltado por Amato (2010) quando comenta que uma parte considerável de profissionais da voz não se preocupa com a alimentação, tomando-a apenas como um condicionante estético e não como um fator de saúde física e vocal. Por isso, é preciso desenvolver a consciência de que a alimentação é uma parte essencial do autocuidado de uma pessoa e de sua voz. A emissão da voz é uma atividade física, muscular e racional com gasto energético e que necessita de um corpo bem nutrido e equilibrado (AMATO, 2010, p. 64).

A tomada de consciência corporal proporcionou diversas atividades como yoga da voz, cantoterapia, dança, atividades de relaxamento físico-mentais, postura corporal entre outras atividades verificadas necessárias em cada grupo, de cada ano da formação. Nesse momento de trabalho interdisciplinar os professores ampliaram seus conhecimentos sobre a voz na perspectiva de outros profissionais que propõem um trabalho terapêutico por meio da voz humana. Assim, permitiu encontros favoráveis dos alunos com novas práticas para a vida profissional e pessoal. Como a Cantoterapia que trabalha a voz cantada com exercícios vocais buscando na arte de cantar harmonia entre mente e corpo e despertou o interesse de alguns professores para praticá-la na vida diária. De acordo com Behlau e Pontes (1995), a integração corpo-voz é um dos parâmetros básicos pelos quais podemos avaliar o equilíbrio emocional de um indivíduo. O corpo e a voz devem expressar a mesma intenção. (BEHLAU; PONTES, 1995, p. 124). Assim, percebemos a importância desse trabalho diversificado e compartilhado com profissionais de outras áreas.

5.3 Percepção Auditiva Vocal

A habilidade para compreender a fala é considerada como um importante aspecto medível da função auditiva humana. Ela é importante para a maioria das atividades da vida cotidiana e um pré-requisito para a participação no mundo sonoro. A habilidade para se comunicar, necessária para a manutenção da vida, está relacionada à capacidade de trabalho e equilíbrio psicológico do homem. A compreensão da fala é essencial para uma comunicação normal e é dependente das habilidades de percepção auditivas (ALMEIDA; SANTOS, 2003).

A percepção auditiva envolve a recepção e a interpretação de estímulos sonoros através da audição. Nessa percepção se reconhecem algumas habilidades como detecção do som, sensação sonora, discriminação, localização, reconhecimento, compreensão, atenção e memória e, sendo assim, parte do processamento auditivo. De acordo com Behlau e Pontes (1995, p. 17), a audição é essencialmente uma função neurossensorial, enquanto a voz depende fundamentalmente da atividade muscular. Assim, podemos considerar a voz como resultante de fenômeno auditivo e corporal, ou seja, a voz e a audição são fenômenos que se relacionam e se completam. Segundo Ishii, Arashiro e Pereira (2006, p. 285), a audição é um importante sentido para o monitoramento de um padrão vocal adequado. Para que se tenha uma boa voz, no mínimo é preciso saber ouvi-la. Desta forma, conhecimentos na área da audição e voz permitirão um cuidado e aperfeiçoamento no seu uso na atividade profissional, principalmente o professor, quando visto como um profissional da voz.

Segundo Pereira, Nava e Santos (2002, p. 79), o processo de recepção e integração do sinal acústico é possível porque o sistema auditivo desempenha as seguintes habilidades:

Síntese: habilidade de identificar sons de fala de forma distorcida, porém complementar;

Figura-fundo: habilidade de identificar o sinal de fala em presença de outros sons competitivos;

Atenção seletiva: monitorar determinado estímulo auditivo significativo, mesmo que a atenção primária esteja voltada a outra modalidade sensorial ou que exista a presença de um ruído de fundo;

Atenção: habilidade para deter-se num determinado estímulo durante um período de tempo;

Localização: habilidade de determinar o local de origem da fonte sonora;

Detecção do som: habilidade de identificar a presença do som;

Memória: habilidade para armazenar e reter o estímulo auditivo, arquivar as informações para poder recuperá-las quando necessário;

Compreensão: habilidade para estabelecer relações entre o estímulo linguístico e o seu significado para adequada interpretação do significado;

Discriminação: capacidade de detectar diferenças entre os padrões de estímulo sonoro (frequência, intensidade, duração - sons da fala);

Reconhecimento: identificação correta de um estímulo sensorial por meio de conhecimento previamente adquirido;

Fechamento: habilidade para reconhecer o sinal acústico quando partes dele são omitidas;

Ordenação temporal: capacidade de identificação da ordem em que os eventos ocorrem.

A percepção auditiva propicia o *feedback* da produção da voz e nos ensina a reconhecer intenções e desejos na sonoridade da fala.

De uma forma básica e para a compreensão do funcionamento da audição, descrevemos o início: o som captado na orelha externa no pavilhão auricular passa pelo conduto auditivo externo, fazendo vibrar a membrana timpânica e esta movimentará a cadeia ossicular formada por três ossículos (martelo, bigorna e estribo). O estribo movimentará os líquidos que estão na cóclea, excitando as células do Órgão de Corti, transformando os estímulos em impulsos elétricos, que passarão por vias nervosas até chegarem ao nervo auditivo e chegarem ao córtex cerebral, região do cérebro que interpretará os sons²⁷.

Essa é uma descrição básica do processamento auditivo, a captação do som até sua percepção e interpretação; uma sequência de transformações de energia, sonora, mecânica, hidráulica e finalizando com a energia elétrica dos impulsos nervosos que chegam ao cérebro; assim, realizando a função auditiva humana na habilidade para compreender os sons, no caso de nossa abordagem, a percepção do som, de estímulos sonoros da fala.

O reconhecimento da fala por meio da escuta é uma importante ação educativa para desenvolver a autopercepção; como nos referimos acima, para educar a voz é essencial aprender a ouvi-la. Sabe-se que para produzir fala inteligível há uma dependência, em grande parte, das habilidades para processar os paradigmas do espectro acústico e da prosódia da fala, e que essa apreciação constitui a base construtora da audição e da linguagem (PEREIRA; NAVAS; SANTOS, 2002).

Quando falamos, destacamos dois momentos de percepção da fala. Um quando a pessoa fala e é ouvida e o som transmitido chega através do ar (via aérea). Essa é a voz da pessoa quando gravada, ou seja, a voz é ouvida a partir de

²⁷ Para ilustrar o funcionamento da audição sugerimos o vídeo trabalhado no curso sobre como a audição funciona <https://youtu.be/FLUwYCHFVas>

vibrações que viajam através do ar (via aérea), e segue o caminho da audição (o que está descrito no parágrafo anterior). Em outro momento, a pessoa ouve sua própria voz e o som chega por duas vias: o som da voz pelo ar via aérea/audição, e também por via óssea/sensação²⁸pela vibração dos ossos do corpo. Nesta via, a percepção da voz é uma frequência mais para grave²⁹, porque os ossos abafam as frequências mais agudas.

Desse modo, não foi raro, em nossa prática no trabalho com a voz, encontrarmos pessoas que não se identificam com a própria voz ou apresentam um estranhamento quando ouvem a voz gravada.

De acordo com Pascal Belin (2012), professor de Psicologia da Universidade de Glasgow, pesquisador de percepções vocais, nós não ouvimos nossas vozes como as outras pessoas ouvem, e por isso, ficamos surpresos com o resultado da gravação de nossa voz.

A otorrinolaringologista Chris Chang (2013 apud MACARINI, 2015) explica que quando ouvimos nossa voz gravada o processo de recepção do som não tem mais a ver com a cóclea, mas com o ar. A voz que ouvimos gravada é a voz que todas as outras pessoas ouvem.

Nesse estranhamento com a própria voz, Behlau, Pontes, Moreti (2018) explicam que na produção da voz há um fator psicológico que faz com que a percepção da própria voz seja diferente. Para eles, projetamos em nossa voz uma série de desejos e mitos sobre o que gostaríamos de ser, mas ao ouvir a própria voz, ouvimos a realidade física, que muitas vezes não corresponde ao desejo do indivíduo falante.

Dessa forma, para uma atividade de reconhecimento, os autores sugerem ouvir a voz sem restrições, em gravação de áudio, analisar o tipo de voz e o impacto que ela pode causar ao ouvinte. Gravar a voz e ouvir-se para obter uma avaliação real de como os outros percebem a sua emissão. Assim, também consideramos a atividade de gravar a própria voz como um modo de se familiarizar e aceitá-la como sua qualidade vocal individual. Behlau e Ziemer (1988) expressam que o indivíduo precisa compreender a voz em dois níveis: como sentido que fornece *feedback* de

²⁸Para melhor sentir a "audição óssea" tape os ouvidos e emita um som qualquer prolongando de boca fechada. Para dar ênfase à voz transmitida pelo ar, coloque suas mãos por detrás das orelhas em concha e fale, empurrando o pavilhão para frente da orelha externa.

²⁹Uma característica do som é a sua velocidade de propagação. A velocidade de propagação de uma onda sonora não depende da sua frequência, mas, sim, exclusivamente, do meio em que ela se propaga, ou seja, meios diferentes promovem velocidades diferentes. Assim, podemos dizer que justifica a percepção diferenciada do som por via aérea e o som por via óssea. <http://www.brasilecola.com/fisica/ondas-sonoras.htm>

nossa voz (parâmetros vocais), sendo um dos apoios para uma produção vocal natural e equilibrada, e o outro, como instrumento de análise das dimensões não físicas da voz (discurso psicoemocional intrínseco a cada emissão), ou seja, a percepção auditiva propicia o *feedback* da produção da voz e nos ensina a reconhecer intenções e desejos na sonoridade da fala. Sentir a sua voz é se reconhecer em suas limitações e possibilidades de expressão e comunicação.

Acreditamos que trabalhar a autopercepção auditiva auxilia o indivíduo a reconhecer os elementos de sua voz, da mesma forma a psicodinâmica vocal que tem por finalidade o trabalho de reconhecimento. Segundo Behlau e Ziemer (1988), os elementos de produção da voz foram condicionados durante a vida e reconhecê-los abre a possibilidade de descobrir uma expressão natural e espontânea na voz.

Lembramos e justificamos a abordagem desse tópico, percepção auditiva para o processo formativo, devido à estreita relação voz e audição que exige um bom funcionamento das estruturas auditivas, às vezes não referenciadas, com sua devida importância para a voz e sendo uma das condições fundamentais para uma boa comunicação. Assim as estruturas anatômicas que compõem o aparelho auditivo precisam estar em estado e funcionamento adequados para poder captar o som, percebê-lo, compreendê-lo e finalmente reproduzi-lo.

A capacidade de percepção corporal é inerente ao ser humano, e a propriocepção é uma experiência física. Perceber conscientemente nosso corpo e suas sensações faz qualquer experiência mais intensa, e usar esse mecanismo para ouvir e sentir a própria voz pode permitir um uso mais consciente da voz, de suas limitações e possibilidades de expressão e comunicação.

Dessa maneira, construir o programa do curso criando possibilidades de ouvir as necessidades dos professores, fundamentá-las teoricamente e experimentar na prática as discussões nos remete à importância da formação continuada que investe na pessoa e na sua experiência (NÓVOA,1991) com a intenção de trazer para os processos formativos os saberes e conhecimentos construídos pelos professores no processo histórico de construção da sua identidade profissional.

Neste trabalho, destacamos e incluímos na ideia do autor a formação da identidade vocal do professor, por meio da voz como recurso identificador (BEHLAU; PONTES,1995). Cada indivíduo carrega sua história em todas as suas manifestações: na voz, na maneira de falar, na postura e nos gestos. Os fatores refletidos na psique do indivíduo, vindos de sua experiência social e emocional,

serão refletidos na sua voz, criando uma identidade vocal externalizada nas relações comunicativas. De acordo com Amato (2010):

A voz é produto de fatos sociais, internalizados pelo indivíduo e refletidos na sua voz, que novamente expressará para o meio social o que foi internalizado pela pessoa. Há uma relação circular voz e sociedade, pois sociedade e voz influenciam-se mutuamente. (AMATO, 2010, p. 56).

Promover a formação continuada do professor por meio do saber de sua experiência e diálogos pode permitir um processo de predisposição deles para reflexões, construções e mudanças.

Para Bondía (2002), o saber da experiência se dá na inter-relação conhecimento e vida humana, mediada pela experiência. Desse modo, no saber da experiência não é a verdade do que são as coisas que importa, mas o sentido ou o sem-sentido do que nos acontece. O sujeito é quem define o que tem sentido e o que é sem-sentido no seu processo formativo. A experiência está relacionada ao próprio sujeito e aos diálogos feitos por ele entre o conhecimento, a sua identidade pessoal e a sua vida.

O saber da experiência é um saber que não pode separar-se do indivíduo concreto em quem encarna. Não está, como o conhecimento científico, fora de nós, mas somente tem sentido no modo como configura uma personalidade, um caráter, uma sensibilidade ou, e definitivo, uma forma humana singular de estar no mundo que é por sua vez uma ética (um modo de conduzir-se) e uma estética (um estilo). (BONDÍA, 2002, p. 27)

Buscamos na dinâmica do grupo ouvir, falar, dialogar sobre si, pois são ações importantes para o professor iniciar um aprendizado de autopercepção e tornar a formação continuada uma experiência para além de informações ou técnicas.

Destacamos que o professor sem muitos conhecimentos sobre a voz docente necessita de um esforço individual e coletivo para encontrar caminhos formativos diferentes que lhe permitam vivenciar a sua formação por meio de saberes da experiência e não por informações. Estar na formação continuada para viver uma experiência de formação. Quando nos referimos à experiência, nos baseamos na ideia de Bondía (2002), que define a experiência como:

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o

automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (BONDÍA, 2002, p. 24).

A partir desta visão de experiência, acreditamos que o envolvimento do professor no planejamento, desenvolvimento e avaliação do processo formativo e no diálogo com o grupo permitirá uma experiência que toque e promova mudanças no seu entendimento e percepção da voz, levando-o a descobrir e desenvolver, por si mesmo, suas capacidades e ações de promoção da saúde vocal nos vários aspectos como no social, no familiar, que o envolvem no uso da voz, mas principalmente no aspecto profissional.

5.4 Psicodinâmica Vocal da Autopercepção

A Psicodinâmica Vocal é um procedimento que permite a identificação das características de uma pessoa por meio de sua voz. Segundo Behlau e Pontes (1995), é o procedimento básico para identificarmos uma pessoa por meio de sua voz.

A psicodinâmica vocal é a descrição do impacto psicológico produzido pela qualidade vocal do indivíduo, considerando-se aspectos fonatórios, elementos de velocidade e ritmo. A relação entre aspectos de personalidade, sentimentos e emoções. Esta avaliação realizada pelo profissional da voz, fonoaudiólogo, permite descrever a impressão transmitida pela voz usada no contexto de comunicação. (BEHLAU, 2001, p. 118)

Para Gayotto (1997), os parâmetros vocais, na psicodinâmica vocal, permitem ao ouvinte o reconhecimento de especificidades físicas e emocionais do falante, por meio das características sonoras da voz, configurando um “tipo de voz”. O termo “tipo de voz” é entendido e definido por Behlau e Pontes (1995, p. 72) como:

o padrão básico de emissão de um indivíduo e está relacionado com a seleção de ajustes motores empregados, quer ao nível de pregas vocais e laringe, quer ao nível do sistema de ressonância, o que diz respeito principalmente à dimensão biológica da voz. Porém, além dos dados relativos às escolhas anatômicas e mecânicas, o tipo de voz carrega elementos das outras duas dimensões, psicológica e sócio educacional.

Desse modo abordaremos, como referência, parâmetros básicos: Respiração, Frequência/Altura, Intensidade, Articulação e Ressonância/ Timbre. Parâmetros dinâmicos: Projeção e Volume, Curva Melódica/Entonação, Ritmo e Andamento.

Behlau e Pontes (1995, p. 129) destacam que os parâmetros trazem informações ricas sobre o impacto da voz no ouvinte, ou seja, a psicodinâmica vocal é a leitura da voz e dos efeitos dessa voz pelos ouvintes. O objetivo do trabalho de psicodinâmica vocal é:

levar o indivíduo a reconhecer os elementos de sua qualidade vocal que foram condicionados durante a sua vida, por meio da conscientização desses elementos. Assim, o paciente poderá realizar as mudanças necessárias até redescobrir uma expressão vocal espontânea. Pelo trabalho da psicodinâmica vocal o indivíduo traz ao consciente as informações que sua qualidade de voz contém e os efeitos da sua voz sobre o ouvinte. (BEHLAU; PONTES, 1995, p. 211)

Lembramos que a leitura vocal tem uma relação congruente com as dimensões biológica, psicológica e socioeducacional na produção vocal e, conseqüentemente, na impressão do tipo de voz transmitida ao ouvinte, que necessita sempre estar sendo considerada no desenvolvimento de qualquer trabalho que almeje uma conscientização do falante no uso da voz e na relação com o ouvinte. É a interpretação que fazemos ao ouvir uma pessoa como “a voz do professor que transmite calma, já a de outro, nos deixa agitados!” Dessa forma, pensando no autocontrole para o uso da voz mais consciente, ter informações sobre os diversos parâmetros vocais (respiração, altura, intensidade, ressonância, articulação, curva melódica, dentre outros) permite ao profissional um controle da sua intenção no discurso.

5.4.1 Respiração

De acordo com Behlau e Pontes (1995), o parâmetro da Respiração “indica o ritmo de vida” e esta se modifica diante de estímulos internos ou externos, havendo uma relação entre a respiração e as características emocionais em um dado momento. Assim, uma respiração calma e harmônica sugere equilíbrio das emoções. Respiração curta e rápida indica ansiedade e agitação. O Bloqueio respiratório é uma defesa a situações e sentimentos, como, por exemplo, uma situação de perigo que nos provoca medo, um momento de ansiedade que nos deixa, como costumamos expressar, “sem voz”.

5.4.2 *Frequência*

A frequência nos dá parâmetros de altura e entonação. A frequência de vibrações das pregas vocais produzindo a onda sonora permite sons agudos, médios e graves. Behlau e Pontes (1995) mostram como a altura tem relação direta com a produção vocal do indivíduo. Sons agudos são emitidos em momentos alegres. Já os sons graves, em situações sérias. Pessoas mais autoritárias e enérgicas fazem uso de vozes mais graves e pessoas menos enérgicas, ao contrário, utilizam vozes mais agudas. A intenção do discurso também está presente na relação extensão vocal³⁰ e entonação. A entonação é a combinação de alturas sucessivas.

5.4.3 *Intensidade*

A Intensidade se refere à amplitude da onda sonora, diferenciando os sons em fortes e fracos. Segundo Behlau e Pontes (1995, p. 100), a sensação psicofísica relacionada à intensidade é como julgamos um som, considerando-o forte ou fraco. A literatura aponta como intensidade de conversação habitual 65 dB, a intensidade máxima de grito ou projeção vocal entre 100 e 110 dB. Para Behlau e Pontes (1995), a intensidade no aspecto fisiológico relaciona-se diretamente com a resistência que a glote oferece à passagem do ar; no aspecto psicológico, a intensidade expressa como se lida com a noção de limite próprio e de limite do outro, e é um elemento que “permite numerosas interpretações” como:

Intensidade adequada: transmite a ideia do indivíduo que tem a exata consciência da dimensão do outro e refinado controle de projeção da voz no espaço. Intensidade elevada: pode transmitir franqueza de sentimentos, vitalidade e energia, mas também falta de educação e de paciência, atitude invasiva e ainda pode ser um recurso para intimidação ou resultado de um modelo vocal familiar. Intensidade reduzida pode indicar “falta de experiência nas relações interpessoais, timidez, medo da reação do ouvinte, complexo de inferioridade, educação repressora e auto-imagem negativa”. Para esses autores, determinados parâmetros se inter-relacionam devido à facilitação na dinâmica laríngea. Colocam que “intensidade e frequência são parâmetros interdependentes, e vozes agudas tendem a ser mais intensas [...]” (BEHLAU; PONTES 1995, p. 133-134, grifo nosso).

³⁰ Extensão vocal é o número de notas da mais grave até a mais aguda que um indivíduo pode emitir. São três tipos de extensão vocal: 1- Extensão potencial, que são todas as notas graves e agudas emitidas por um indivíduo, independentemente da qualidade destas notas e do esforço necessário para sua emissão dependendo mais da constituição do aparelho fonador. 2- Extensão da voz cantada ou tessitura vocal são todas as notas emitidas com facilidade e de sonoridade agradável ao ouvinte. 3- Extensão de voz falada ou tessitura da voz falada inclui todas as notas que são utilizadas na conversação de forma a não causar fadiga vocal. (BEHLAU; PONTES, 1995, p. 90).

Lembramos que o parâmetro intensidade também está relacionado ao volume de voz de acordo com o ambiente. O que é forte em um determinado ambiente pode ser fraco em outro, por exemplo, falar para uma pessoa e falar para um grupo. Assim, o professor necessita, algumas vezes, no exercício de suas atividades, tratar a noção de espaço, ouvintes e o seu parâmetro de intensidade na dinâmica vocal.

5.4.4 Articulação

A Articulação, conforme Behlau e Pontes (1995), são os ajustes motores dos órgãos fonoarticulatórios na produção dos sons e no encadeamento na fala. Cada som da fala tem configuração própria no trato vocal. Para Gayotto (1997), a articulação é a mecânica que movimenta os órgãos. Para Silva (2000), os órgãos articuladores são ativos e passivos.

Os articuladores ativos são os compostos por estruturas que têm a propriedade de movimentar (em direção ao articulador passivo) modificando a configuração do trato vocal. São o lábio inferior (que modifica a cavidade oral), o véu palatino (que modifica a cavidade nasal) e as cordas vocais (que modificam a cavidade da faringe). Os articuladores passivos são o lábio superior, os dentes superiores, o palato (sendo que o véu palatino pode atuar como articulador ativo na produção de segmentos nasais ou como articulador passivo na articulação de segmentos velares).

Behlau e Pontes (1995) dizem que quanto maior a destreza dos órgãos, maior a facilidade de articularmos corretamente as palavras. Do ponto de vista psicológico, eles afirmam que a articulação está relacionada com o quanto se deseja ser compreendido. O movimento dos órgãos fonoarticulatórios e a seleção de seus ajustes modificam o padrão final da voz, assim como no conteúdo interior a ser transmitido, ou seja, na psicodinâmica final. Os autores destacam as seguintes relações:

Articulação bem definida transmite clareza de ideias, desejo de ser compreendido, preocupação com o ouvinte. Enquanto uma Articulação imprecisa indica dificuldade na organização mental, desinteresse em comunicar-se e em ser compreendido. Articulação exagerada é utilizada por indivíduos com certo grau de narcisismo e afetação. Articulação travada nos dá sinal de agressividade e contenção de sentimentos, raiva. Inexatidão articulatória temporária: perda de controle emocional numa determinada situação (BEHLAU; PONTES, 1995, p. 134, grifo nosso)

5.4.5 Velocidade da fala

A velocidade da fala, de acordo com Behlau e Pontes (1995, p. 105-106), faz parte da articulação e as alterações de velocidade “comprometem a efetividade da transmissão da mensagem”. Na leitura da voz colocam que a velocidade lenta “desliga” o ouvinte e passa a impressão de lentidão de pensamento do falante, como também falta de organização das ideias. Enquanto uma velocidade elevada pode expressar vontade de omitir dados do discurso e ansiedade ou tensão.

Na expressão verbal do pensamento, a elocução e o ritmo desta, conforme Behlau e Pontes (1995), estão associados à agilidade de encadear os diferentes ajustes motores necessários para a fala e que, psicologicamente, relacionam-se também com a noção de tempo interior e com a rapidez mental do falante. Para Behlau e Pontes (1995, p. 134), ritmo é movimento, tensão e relaxamento, periodicidade e oposição. O ritmo continuamente regular e uniforme na fala a torna mecânica e artificial; já um ritmo excessivamente irregular “confunde o ouvinte e reduz a eloquência da comunicação”.

Assim, podemos compreender que cada indivíduo tem o seu ritmo de fala, e que algum ajuste na velocidade da fala e ritmo pode ser ajustado ou trabalhado.

5.4.6 Ressonância

No parâmetro Ressonância, Behlau e Pontes (1995) definem ressonância vocal como o conjunto de elementos do aparelho fonador, que se relacionam entre si, para uma moldagem e projeção do som no espaço. Para eles a ressonância consiste no reforço da intensidade de sons de determinadas frequências do espectro sonoro e no amortecimento de outras.

Todo órgão gerador de som apresenta uma frequência de ressonância natural do sistema, um som fundamental, sendo que os derivados desse som são chamados de harmônicos, e esses são amplificados.

Em referência ao mecanismo vocal humano, as pregas vocais são as estruturas geradoras do som, e as vibrações nelas produzidas fluem pelos tubos ressonantes do trato vocal. Segundo Behlau e Pontes (1995, p. 82), as caixas de ressonância são as cavidades da laringe, da faringe, da boca e do nariz.

Segundo Behlau e Pontes (1995), do ponto de vista psicológico, a ressonância está relacionada ao “objetivo emocional” do discurso. Situações de

tensão resultam em ressonância laringo-faríngea, que é utilizada por pessoas com dificuldade em trabalhar sentimentos de agressividade. O uso exagerado do foco laríngeo confere tensão à voz, enquanto o uso excessivo da faringe, além dessa tensão, confere à voz emitida uma característica de som metálico. Quando essas duas regiões estão muito ativadas, a voz apresenta-se comprimida ou tensa e estrangulada, geralmente encontrada em pessoas com dificuldade de trabalhar sentimentos de agressividade e que se encontram desgastadas ou sobrecarregadas.

Considerando a voz profissional, Behlau e Pontes (1995), alertam que não podemos esquecer a relação de dependência entre os fatores ressonanciais individuais anatomofisiológicos e os fatores externos do ambiente acústico. Dessa forma, o ambiente dos espaços escolares deve ser levado em conta, quando a formação envolve o professor.

5.5 Práticas para instrumentalizar: perspectivas discentes e mediação docente

Desenvolvemos a estratégia de construção do curso Planejamento Estratégico Comunicativo (PEC). O planejamento é uma composição de regras; estratégico, porque influencia o outro e a possibilidade de outra situação, e comunicativo por permitir ação dialógica entre todos os participantes e a leitura do contexto sob a perspectiva dos professores.

Dessa forma, trabalhamos com foco nas perspectivas dos discentes e organizamos um quadro interpretativo que revelasse as experiências e não experiências dos professores discentes em relação à voz, e a partir da interpretação individual e coletiva das necessidades planejamos as ações, os conteúdos, o programa da formação continuada com o objetivo de possíveis mudanças no contexto de promoção da saúde da voz docente.

No processo que constituiu o replanejamento, a estratégia do PEC foi desenvolvida em um processo contínuo a cada grupo de formação de cada ano, ou seja, as mesmas questões foram colocadas para todos os participantes do curso. Propusemos a ação dialógica, reflexiva e participativa como ação educativa, a análise de dados e o planejamento coletivo do curso referenciado nos passos da didática da pedagogia histórico-crítica. Também ocorreu a interação entre indivíduos/grupos mediados pela professora formadora ao levar ações e temas de

um grupo para outro grupo e o conteúdo integrar-se na ação formativa de ambos os grupos (ou não).

A estratégia do Planejamento Estratégico Comunicativo - PEC foi elaborada com os dados produzidos por 100 profissionais educadores. O PEC direcionou o curso de formação continuada, no primeiro momento. O segundo momento compôs os dados deste trabalho de pesquisa com dados gerados nos três anos de realização do curso. São dados constituídos após a Análise de Conteúdos nas perspectivas de Bardin (1977) e Franco (2008). A estratégia do PEC permitiu essa análise porque as fichas com os registros escritos compõem o acervo pessoal da pesquisadora e foram arquivadas na passagem dos anos, totalizando 100 registros.

O quadro apresenta avaliações de alguns professores sobre a estratégia do PEC para que pudéssemos continuar o trabalho de formação continuada. A avaliação pode esclarecer o ganho que foi alcançado nessa atividade de planejamento coletivo.

Quadro 1 - Trechos dos depoimentos escritos para avaliação da estratégia de Planejamento Estratégico Comunicativo- PEC

Questão reflexiva: A dinâmica de planejamento viabilizou a apropriação coletiva da temática de voz, a reorganização do curso a partir de suas necessidades e do grupo? (PEC)	
Professor	Respostas
Voz Masculina 1	[...] A proposta foi motivacional e criativa. Uma aplicação viva da pedagogia freiriana. O grupo se torna co-autor do planejamento, o que atende as necessidades prático/ teórico de cada indivíduo.
Voz Feminina 2	[...] superou minhas expectativas em propor atividades/temas do meu interesse e do grupo.
Voz Feminina 3	[...] a metodologia utilizada atingiu minha expectativa contribuindo para a troca de experiência entre os professores.
Voz Feminina 4	[...] a dinâmica enriqueceu e aprimorou o curso, pois todos se conheceram e o curso foi reformulado de acordo com as nossas ideias, interesses e sugestões...
Voz Feminina 5	[...] a formadora nos levou através do diálogo e da comunicação à problematização pessoal de cada aluno e o seu interesse no curso de forma que saiu de nossas necessidades [...] a forma com que as perguntas foram colocadas sempre voltadas para “eu” “seu” fez com que cada um pensasse em si.
Voz Feminina 6	[...] dinâmica bastante produtiva, contou com a participação de todos os alunos. Creio que todos se envolveram e se sentiram contemplados na reformulação da ementa do curso uma vez que oportunizou a todos falarem individualmente.
Voz Feminina 7	[...] viabilizou a participação de todos e o que desejam com o curso, falando e expondo suas dificuldades individuais, o que esperam aprender e sugestões. Com a dinâmica houve uma sintonia do grupo e reorganizamos o programa do curso, criou nova possibilidade de trabalho, calendário montado considerando a dinâmica do trabalho do professor.
Voz Feminina 8	[...] a dinâmica atendeu ao objetivo de reformular o curso de acordo com as necessidades e expectativas do grupo, pois cada um colocou suas opiniões, ideias e refletiu sobre o que realmente espera da formação continuada.

Voz Feminina 9	[...] a dinâmica boa para montar o curso atendendo o interesse de cada um e principalmente ouvindo...
Voz Masculina 10	[...] a dinâmica foi extremamente proveitosa. Despertou interesse e curiosidade pelo curso e fiquei feliz, pela primeira vez, em 15 anos, a SEE-DF proporciona uma formação que parece diferenciada daquela repetição pedagógica.

Fonte: Quadro organizado pela pesquisadora. Dados do relatório de avaliação do PEC. Os participantes foram identificados pelo termo descritivo “Voz Feminina” e “Voz Masculina”. (2016)

Após a análise das avaliações, com a aprovação do grupo, seguimos o caminho que surgia e se traçava para o desenvolvimento da estrutura do curso e do processo formativo. A investigação do estudo para a construção dessa nova abordagem do curso e organização incidiu sobre as informações contempladas na totalidade dos relatórios orais, nos registros escritos, nas discussões e na experiência da professora formadora. Buscamos um novo cenário para o processo formativo, mais colaborativo, de modo a aumentar a capacidade de autonomia do professor, à medida que é estimulado a buscar e ampliar o conhecimento de maneira ativa, tornando-se mais consciente da forma de lidar com seus recursos e elegendo prioridades na ênfase de uma atividade profissional mais protetora de sua saúde vocal e geral.

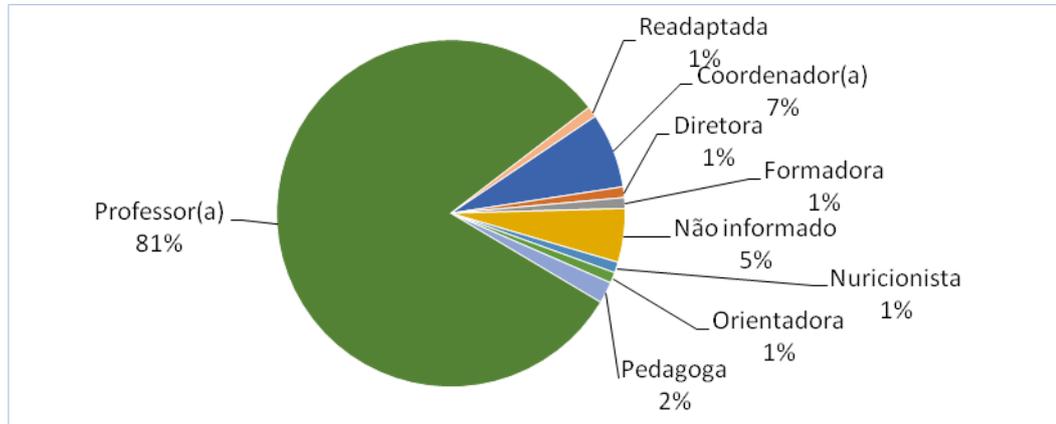
A condução da estratégia ocorreu a partir de cinco questões: P1- Nome, função, local de trabalho e tempo de atuação no magistério; P2- O que fazer para uma formação continuada prazerosa?; P3- Qual o seu interesse sobre voz? (motivação); P4- Qual o seu problema no uso da voz?; P4.1- Qual a causa desse problema? e P5- Como fazer para superar a causa do problema? Os tópicos a seguir apresentam dados qualitativos e quantitativos, analisados e organizados em gráficos e quadros interpretativos.

5.5.1 Professor, onde e como está a sua voz? A voz sob a perspectiva dos docentes (problemas, causas, soluções)

Na fase exploratória realizamos uma ação planejada para a aproximação e visão do contexto. Desse modo, por meio de três questões, buscamos a identificação do grupo (P1- Gráficos 1, 2, 3); a percepção do grupo de seu estado para participar da experiência da formação (P2- Gráfico 4) e dados para os interesses (P3- Gráfico 5).

P1- Nome, função, local de trabalho e tempo de atuação no magistério. Permitiu gerar dados de identificação dos profissionais participantes na fase de planejamento.

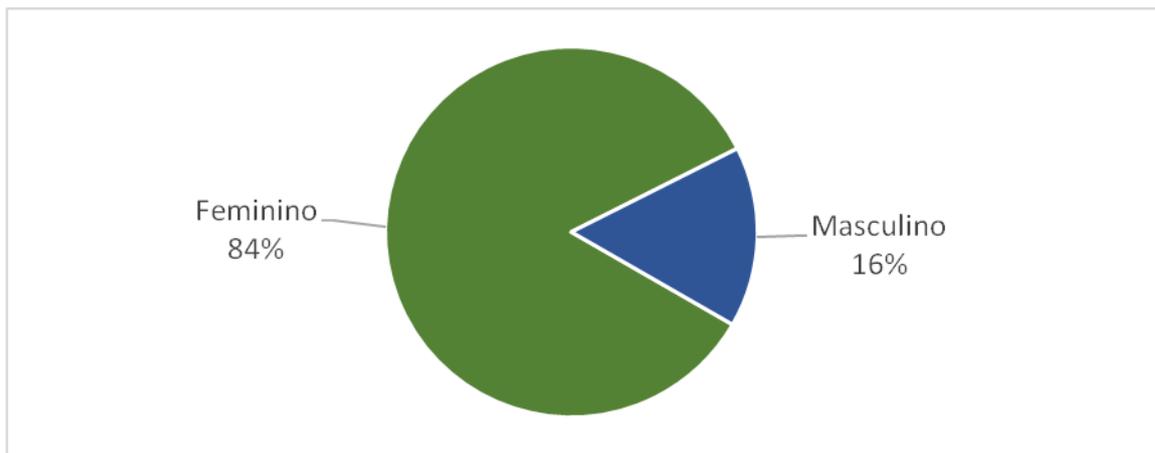
Gráfico 1 - Identificação da função desenvolvida no momento do curso



Fonte: Pesquisadora (2020)

Os participantes (81%) se declararam na função de professores da educação básica e 21% em outras funções, conforme apresenta o gráfico 1.

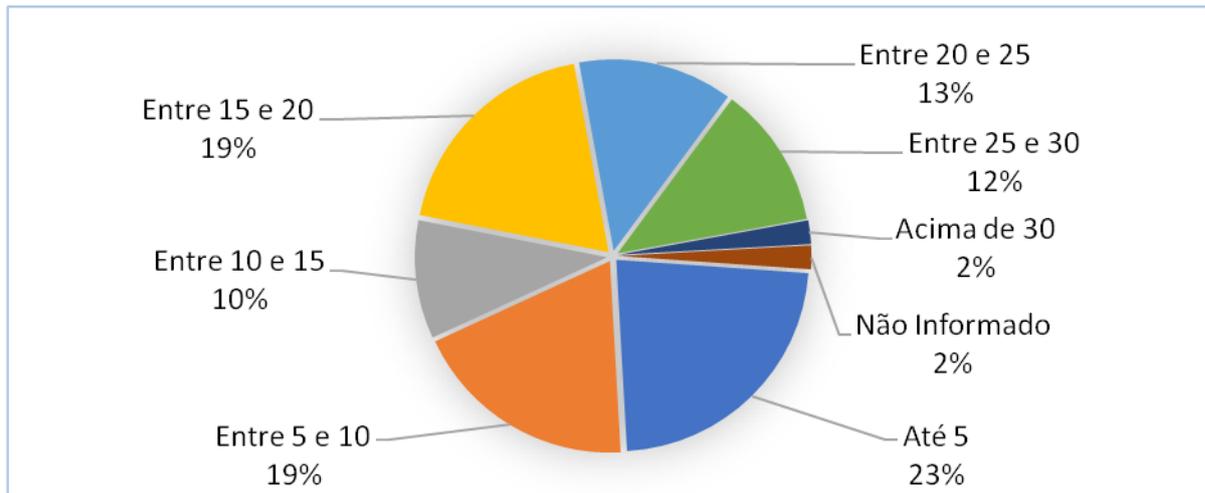
Gráfico 2 - Dado de Identificação do sexo



Fonte: Pesquisadora (2020).

O grupo se compôs de profissionais 84% do sexo feminino e 16% do sexo masculino.

Gráfico 3 - Tempo de atuação no Magistério (em anos) na SEEDF



Fonte: Pesquisadora (2020).

O tempo de atuação no magistério no referencial de 100 professores pesquisados é 23% até 5 anos, 19% entre 5 a 10 anos, também 19% de 10 a 15 anos.

5.5.2 Identificando os professores... Diálogos iniciais da prática social

Os profissionais da nossa pesquisa procuram a formação continuada, na grande maioria, por relatarem que entraram para a profissão sem qualquer preparo vocal. O relato de desconhecimento vocal é elevado: 79% do referencial de 100 professores relataram a falta de conhecimentos e aprendizagens em relação à voz e cuidados. Como também foi elevado o resultado da pesquisa feita por Quintanilha (2006), que concluiu que 83,5% dos 149 professores do ensino básico no Distrito Federal também declararam não haver recebido durante a formação de graduação nenhum tipo de conteúdos e conhecimentos sobre voz ou cuidados com a voz.

Essa realidade evidencia a necessidade de desenvolver mais programas para a formação do professor na rede de ensino, bem como a temática ser incluída em formações iniciais de Pedagogia e em outras licenciaturas para o profissional desenvolver conhecimentos sobre o uso da voz na profissão docente.

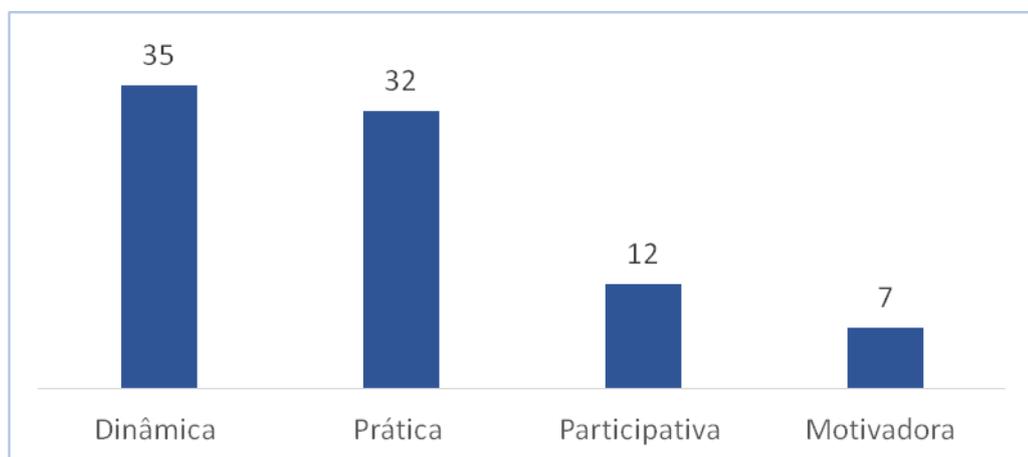
Em nossa pesquisa, a maior parte dos participantes (84%) são do sexo feminino. De acordo com Grillo e Penteado (2005), na grande maioria, a população de profissionais da área de educação é do sexo feminino, o que justifica a maior representatividade desse grupo nas pesquisas.

Quanto ao tempo de magistério, percebemos um grupo maior de professores interessados em conhecimentos da voz com menos de 10 anos na carreira, pois relatam a preocupação com a aquisição de conhecimentos sobre a voz, temendo futuros problemas vividos por outros colegas de trabalho e por encontrarem ambientes escolares propícios para desenvolver quadros de problemas vocais. Preocupação pertinente, pois em uma pesquisa sobre sintomas e perfil vocal de professores, Choi-Cardim, Behlau e Zambon (2010) evidenciaram que, mesmo sendo jovem, o acúmulo das atividades profissionais pode favorecer um número elevado de sintomas vocais, possivelmente prejudicando a saúde vocal do professor; outras pesquisas evidenciam o ambiente físico e a organização do trabalho (ALVES, 2010; KARMANN; LANCMAN, 2013; MENDES, 2015; SILVA *et al.*, 2016; VALENTE; BOTELHO; SILVA, 2015) como ambientes que apresentam estruturas e organizações relacionadas aos quadros de distúrbios vocais.

5.5.3 - O Curso de formação continuada sob a expectativa dos professores discentes

Após a identificação do grupo, os professores foram convidados a refletir sobre as estratégias de formação que proporcionariam a eles uma formação prazerosa. Os dados foram registrados no gráfico 4.

Gráfico 4 - Como realizar uma formação prazerosa



Fonte: Pesquisadora (2020).

Na perspectiva dos professores, uma formação prazerosa está relacionada em uma ordem de frequência da maior para a menor, de uma formação que fosse dinâmica, prática, participativa e motivadora.

O desenvolvimento do curso foi planejado coletivamente, com o grupo e a professora formadora, na busca de diferentes atividades, de recursos didáticos adequados para despertar o interesse e a permanência dos professores na realização da proposta de formação, pois eles assumiram o desinteresse em formações fundadas em aspectos somente teóricos e/ou práticas desvinculadas da realidade e necessidades do professor.

Nesse contexto, uma questão estava relacionada ao planejamento do curso, no que se refere à forma de organização do curso para a aprendizagem ser prazerosa, pois partimos da ideia de que só aprendemos o que nos interessa e o que nos dá prazer. Realidade também considerada na formação continuada de professores, porém recebida com certo estranhamento, quando colocada aos professores, porque muitos não haviam refletido antes (ou nunca haviam sido colocados a refletir) sobre a sua própria formação como um fazer prazeroso. Desse modo, para motivar o pensamento e a reflexão, apresentamos uma questão instigadora: O que fazer para uma formação prazerosa? Rubem Alves afirma (1995):

Mas eu creio que só aprendemos aquelas coisas que nos dão prazer. Fala-se do fracasso absoluto da educação brasileira, os moços não aprendem coisa alguma. E creio mais: que é só do prazer que surge a disciplina. É justamente quando o prazer está ausente que a ameaça se torna necessária (ALVES, 1995, p. 156)

De acordo com os professores, o curso dinâmico deve ser descontraído, incluir dinâmicas de grupo e atividades surpreendentes para envolver o professor. Sobre a prática, consideram que a formação deve conciliar atividades práticas e teóricas para a sala de aula, pois formações com conteúdos pedagógicos e que se desenvolvem de forma tradicional transmissão/reprodução são desinteressantes, quando se deseja formar professores reflexivos. A formação prazerosa participativa envolve o professor conversando, dialogando para começar a refletir sobre as questões da sua formação pessoal e profissional.

Questões levantadas pelos professores não devem ser ignoradas nos cursos, quaisquer que sejam seus objetivos. A motivação está para se expressar e comunicar o conhecimento, e também a falta desse, na interação com o grupo.

Assim, considerando os aspectos abordados para uma formação prazerosa pelos professores, nos envolvemos em um movimento participativo, reflexivo e comunicativo utilizando o próprio recurso pessoal do professor como instrumento de

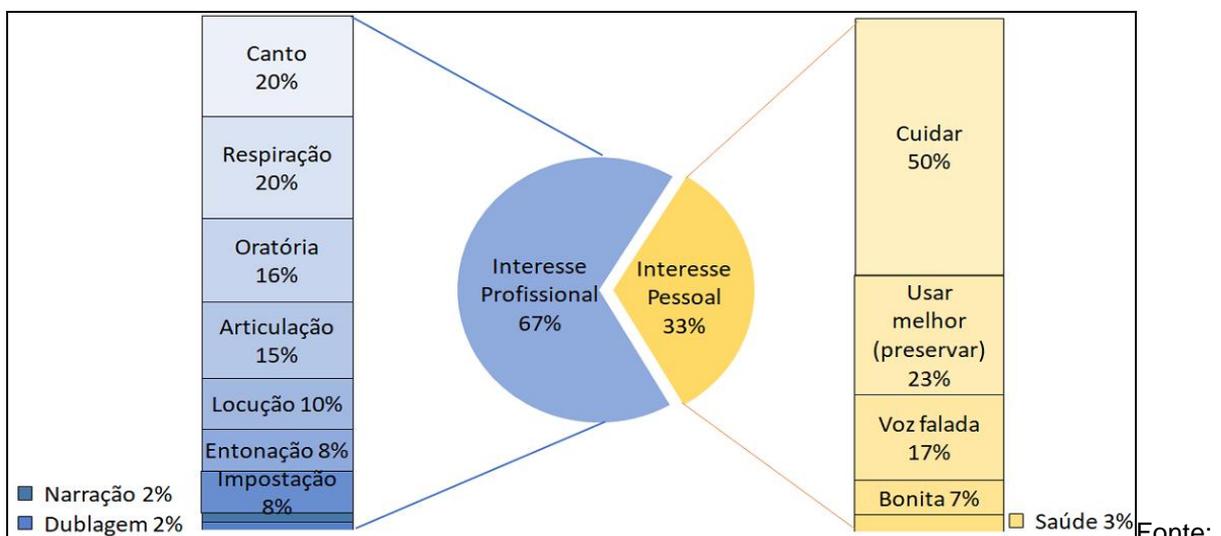
expressão e estudo: a voz. A dinâmica da formação continuada dialogada permite a produção da voz no momento adequado para o estudo da condição de uso da própria voz, ou seja, na formação o professor usa a própria voz para conhecê-la e desenvolver ações de autocuidado no espaço destinado ao seu desenvolvimento profissional.

A voz, que necessita ser entendida como recurso pessoal, compreendida no mecanismo vocal para ser compreensível e expressiva, pode ser educada para se fazer precisa no processo de ensino e aprendizagem.

5.5.4 A percepção dos professores sobre as condições vocais e o desempenho vocal: interesses, problemas, causas e soluções

Os dados do gráfico 5 correspondem aos interesses de conhecimentos dos professores em relação à voz. O grupo apresentou dois segmentos de interesses. O interesse profissional de 67% apresenta abordagens buscando técnicas para áreas do canto 20%, oratória 16%, locução 10%, narração 2% e dublagem 2%. Os demais desse grupo apresentam interesse na respiração 20%, articulação 15%, entonação 8% como impostação. O interesse pessoal apresenta em menor quantidade 33%, e dentre estes o interesse é 50% cuidar, 23% preservar, 17% usar a voz falada, 7% manter a voz bonita e 3% tem problema de saúde (alergias, sinusite, sintomas de refluxo).

Gráfico 5 - Interesses dos professores relacionados à voz humana

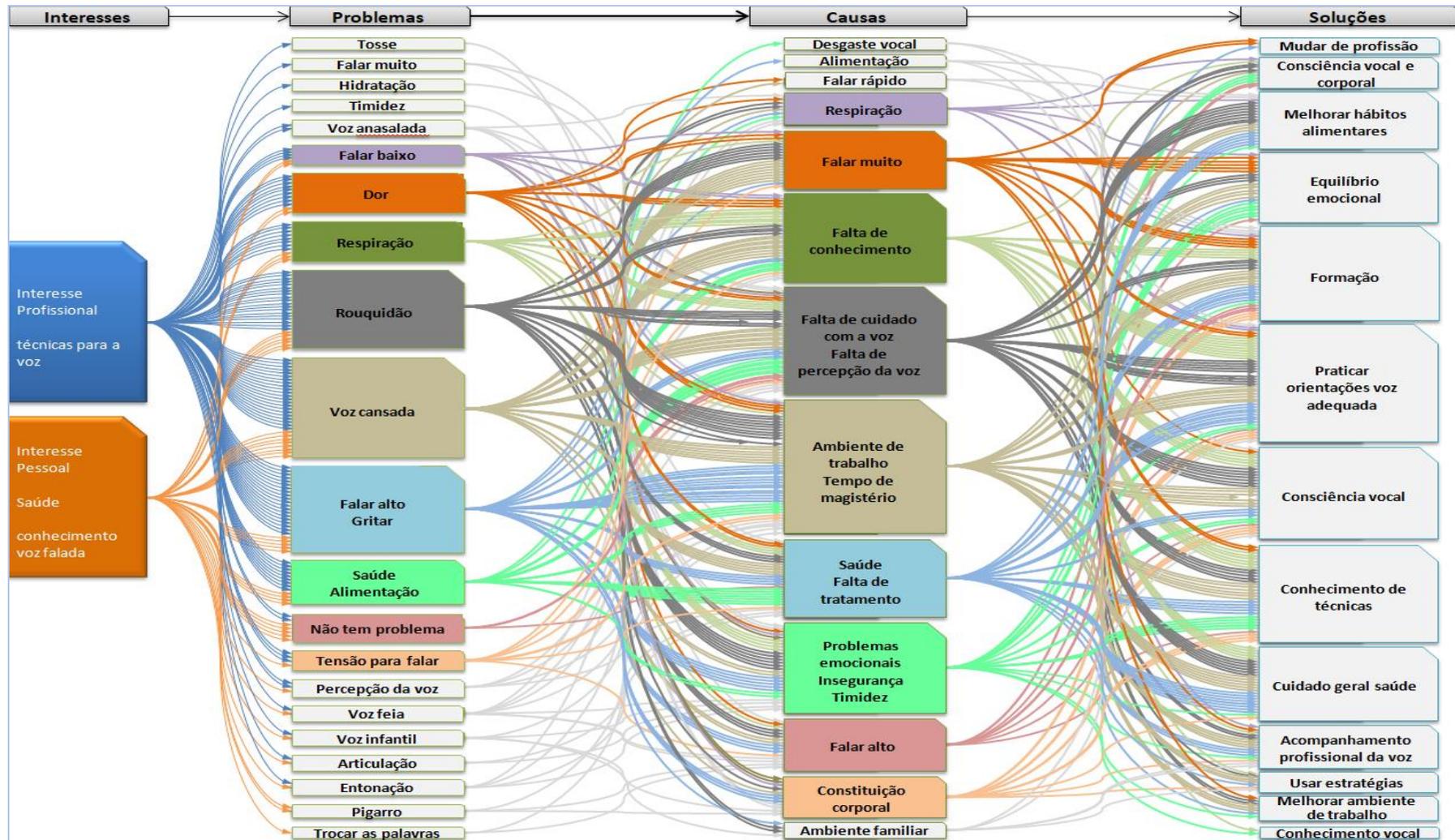


Pesquisadora (2020).

Fonte:

Já o **Quadro - 2** resume os dados e permite identificar uma correlação entre os dados problemas, causas e soluções sob a perspectiva dos professores. Na compilação observamos que os três problemas mais relacionados são a rouquidão, a voz cansada, o falar alto/gritar. Sendo que o professor que relacionou rouquidão a falar muito, a ambiente ruidoso, a problemas emocionais traz como solução orientações, melhorar hábitos, cuidado com a saúde. A voz cansada foi relacionada a causas como ambiente e tempo de trabalho, falar muito, falta de conhecimento. Tendo como solução consciência, orientação e cuidado com a saúde. Quanto a falar alto, a relação maior está com o ambiente de trabalho e o tempo de magistério e problemas emocionais; como solução, orientações, formações, melhoria no ambiente de trabalho.

Quadro 2 - Análise da correlação de problema/ causa/ solução/ sob a perspectiva dos professores



Fonte

:Pesquisadora (2020). O quadro apresenta o levantamento de dados e a análise que busca identificar as relações interesse, problema, causa e solução sob a perspectiva dos professores. Cada coluna representa um agrupamento de queixas a partir da perspectiva do professor, formando um quadro da realidade sentida pelos professores participantes do curso. Desse modo, identificamos nos quadros centrais coloridos estão as queixas mais faladas (maior frequência) e que também estão indicadas com a maior quantidade de setas. Entre interesses, problemas e causas, as cores estão correlacionadas (Ex.: do quadro laranja sai seta de cor laranja; do quadro azul sai seta azul). Os quadros em cor cinza são as questões menos citadas, mas não desconsideradas no processo de formação. Também em cor cinza na última coluna as soluções dos professores. Isso permitiu à professora formadora acompanhar os dados autorreferidos pelos educadores e a relação para definir as estratégias do processo educativo da voz docente.

5.5.5 - Diálogos instrumentais...

A maior parte dos professores apresentou que tem interesse profissional, 67%, tem a voz como instrumento de trabalho e necessita de técnicas para o aprimoramento de suas características. Desses, os maiores interesses são em canto e respiração 20%; oratória 16% e articulação 15%. O professor com interesse pessoal tem a voz como um recurso pessoal e precisa de orientações. No percentual, 50% demonstraram preocupação com cuidados com a voz, seguidos de 23% de uso melhor.

Os professores usam a voz como instrumento de trabalho (FERREIRA, 1995, 2000; SERVILHA, 1998). Porém, muitos não receberam orientações sobre saúde vocal em sua formação para desenvolver a atividade docente, apresentando um despreparo (BEHLAU, 2005; SERVILHA, 1998). Assim, acreditamos que a falta de conhecimentos e a percepção do despreparo está levando a um interesse maior desses profissionais em formações que os preparem para usar a voz e falar melhor.

Percebemos o interesse para moldar voz, a forma de falar (articulação, pronúncia, entonação, ritmo etc.) e a preparação para a utilização de sua comunicação, de acordo com o que é a sua realidade, atingir uma boa comunicação no ambiente de trabalho que se expõe ao excesso de barulho, alunos agitados, salas inadequadas acusticamente e horas seguidas de aulas a ministrar sem o momento de repouso e solicitando um uso excessivo da voz por parte dos professores.

Assim, o grupo de maior interesse necessita de orientações sobre cuidados com a voz para trabalhar no ambiente e condições de trabalho nas instituições de ensino. Isso faz com que encontremos uma variedade de temas e, conseqüentemente, de formas de abordagens para investigar qualidades vocais inatas e quais poderiam ser adquiridas com o treino vocal.

Os professores apresentam necessidades específicas quanto à assistência fonoaudiológica, tanto em relação aos aspectos comportamentais quanto aos relacionados ao ambiente de trabalho (PENTEADO; ROSSI, 2006). Considerando a assistência adequada de acordo com os interesses e necessidades do professor, observamos, na amostra pesquisada, professores interessados na prática de técnicas vocais sem a preocupação com o estado de saúde e das condições do trato vocal para a produção da voz; desejam ensinamentos apenas para atender à

necessidade da atividade de interesse à qual se expõe como professor. Assim, a percepção de alguns professores considera a preparação do grupo para a voz do canto, da oratória, da locução, da impostação suficiente com a aprendizagem de exercícios e treinos, como treinos respiratórios, articulatórios, entonação, sem o conhecimento das condições da estrutura e funcionamento do aparelho vocal, ou seja, o trabalho de técnica vocal sem o trabalho de saúde vocal.

O outro grupo com interesses pessoais deseja orientações sobre saúde vocal para cuidar visando reabilitar, preservar e manter a voz bonita. Mas, os que desejam cuidar procuraram a assistência fonoaudiológica do curso devido a queixas vocais, sem procurar uma avaliação clínica realizada por otorrinolaringologista e fonoaudióloga especialista. Dessa forma, podemos levantar a hipótese da necessidade de um trabalho conjunto entre professor formador e equipe especialista para triagem e avaliação clínica, pois a experiência da formação evidenciou a necessidade de avaliações vocais concomitantes com a formação continuada. É necessária uma proposta de acompanhamento dentro da rede de ensino que realize abordagens de avaliação, orientações, aprimoramento e tratamento, ou seja, um trabalho conjunto que receba, avalie, forme e acompanhe o professor nas várias fases da carreira, ou seja, em toda a sua vida ativa na rede de ensino público do DF.

Quando correlacionamos os interesses aos problemas (Figura 2), encontramos um grupo pequeno de professores sem qualquer tipo de queixa e por isso desejavam manter a voz saudável exercendo a profissão de professores. Os demais, independentemente do interesse profissional ou pessoal, apresentam percepções de problemas/queixas como sintomas de rouquidão, dor, cansaço ao falar, ressecamento da garganta (os mais diagnosticados na avaliação clínica nessa população).

A percepção do professor, traduzida na relação com a função e o trabalho, o ambiente, ajuda a selecionar ações a serem realizadas na formação e direciona o planejamento para as necessidades do professor, da mesma forma que permite um processo de aconselhamento para procurar outros profissionais que possam ajudá-lo a trabalhar a favor de sua saúde vocal, bem como a geral. Um sintoma fonatório de voz cansada pode estar relacionado apenas a abuso vocal, ou pode indicar alteração na fisiologia laríngea; a secura pode ser um sintoma sensorial mais frequente em indivíduos alérgicos ou pode ocorrer após o esforço físico ou quando a umidade do ar é baixa (BEHLAU *et al.* 2001a)

É importante desenvolver um trabalho de formação correlacionado ao comportamento do indivíduo e a autorreferências na criação de um espaço de um processo educativo. Ribas, Penteado e Garcia-Zapata (2014) propõem ações fonoaudiológicas constituindo espaços sociais e processos educativos que promovam a sensibilização, a atenção e a percepção do professor acerca da própria voz.

Os temas, os conteúdos e as ações educativas desenvolvidos no curso foram selecionados a partir da percepção do professor sobre as condições da própria voz. Os termos identificando problemas, causas e soluções foram correlacionados (Quadro 2) e, de acordo com a frequência apresentada, agrupados. Assim, compusemos o programa do curso de acordo com as necessidades de conhecimentos do professor.

O processo educativo reflexivo permite uma consciência vocal e corporal se pensamos na voz como parte da própria vida e da identidade do indivíduo. Nossa voz é o resultado de características físicas e do ambiente em que vivemos e não basta um conhecimento de exercícios e técnicas. O conhecimento básico da fisiologia e anatomia pode ampliar a experiência consciente com a própria voz.

Diálogos permitiram conhecer questões relacionadas ao uso vocal em sala de aula, às estratégias de economia vocal, à rotina profissional, às condições e recursos de trabalho. Como sons emitidos com a boca (assovios, apitos), gravação de aulas, atividades com o auxílio de alunos monitores. A dinâmica e organização dos espaços de trabalho apresentam fatores que interferem na produção vocal do professor e não se deve priorizar a intervenção somente abordando o aspecto doença. Questões sociais e culturais que envolvem o ambiente de trabalho devem ser abordadas (PENTEADO; PEREIRA, 1999). Como relembramos com esses autores, o professor não é orientado como profissional da voz e sobre a atenção à saúde vocal.

A participação de todos no planejamento permitiu informações gerais e necessárias de aspectos da respiração, articulação, projeção da voz, alimentação. Desse modo, criamos momentos de integração nos intervalos com um olhar sobre a voz e sobre a saúde geral.

5.5.6 Teorias e temas da voz humana abordados no curso

A abordagem de temas e conteúdos foi programada em uma sequência que permitisse ao professor a experiência de um processo crescente de informações, conscientizando-o de ser possuidor de um recurso pessoal, a voz que o identifica, que necessita de cuidados e é um importante instrumento profissional. Na minha experiência na formação, verifiquei a importância de o professor desenvolver o autoconhecimento do corpo para uma melhor compreensão do funcionamento das estruturas que produzem a voz e a fala para utilizá-las com consciência de suas potencialidades e limitações. Amato (2010) mostra que a tomada de consciência corporal, aliada ao desempenho vocal, é de extrema relevância para o profissional da voz.

A voz está em cada um e faz parte da história constitutiva do indivíduo, mas também é constituída na relação com o outro, recebe influências internas e externas. Nosso corpo somos nós, como bem expressaram Bertherat e Bernstein (1982)

Nosso corpo somos nós. É nossa única realidade perceptível. Não se opõe à nossa inteligência, sentimentos, alma. Ele os inclui e dá-lhes abrigo. Por isso tomar consciência do próprio corpo é ter acesso ao ser inteiro... Pois corpo e espírito, psíquico e físico, e até força e fraqueza, representam não a dualidade do ser, mas sua unidade (BERTHERAT; BERNSTEIN, 1982, p. 14 *apud* AMATO, 2010, p. 54).

O corpo registra e comunica uma história de vida e a cada abordagem o professor procurava se encontrar para formar sua identidade vocal com mais proximidade, mais liberdade com o seu instrumento de expressão e trabalho. Acreditamos que o professor necessita de uma relação íntima com a sua voz, para um desenvolvimento vocal adequado ao seu ser, pessoa individual, social e profissional. Ele será tanto mais saudável quanto mais conhecimento tiver das potencialidades e limitações do seu aparelho fonador. Iniciamos nossa base teórica refletindo sob a perspectiva dos professores de seus interesses sobre a voz. Uma estratégia centrada no professor para lhe permitir perceber que a voz estudada faz parte de cada um, como recurso pessoal e profissional. Assim, definimos os tópicos: Minha voz, minha vida; minha identidade; minha profissão e minha saúde.

Neste momento de produção escrita da pesquisa, registramos a abordagem teórica trabalhada no curso, como fisiologia, anatomia, características da voz falada porque foi um programa estruturado a partir das questões abordadas pelo grupo, um

momento valioso de construção coletiva de temas e conteúdos para o curso, e desejamos que, no momento de leitura da pesquisa, esse registro possa se tornar uma fonte de aproximação desses conteúdos e temas às leituras de formação de outros professores.

A experiência da formação revelou a ausência de momentos que levem o professor a falar sobre promoção da saúde do profissional de educação antes de estar em um quadro de adoecimento, principalmente em relação à voz.

Voltamos a destacar dados que justificam nossa pesquisa e que nos levam a reafirmar a necessidade da formação do professor voltada a diálogos, reflexões e compartilhamento de conhecimentos que gerem ações de manutenção e melhoria da saúde. Medeiros (2010) identificou o adoecimento de professores e os distúrbios de voz como a terceira causa de readaptação³¹ dentro da rede de ensino do DF.

Em 2014, o Distrito Federal contabilizou a emissão de mais de 29 mil atestados médicos, sendo o número total de servidores na SEEDF de aproximadamente 35 mil. Segundo publicação do Conselho Nacional de Secretários de Estado de Administração (CONSAD), o índice de absenteísmo-doença nos servidores do DF, em 2011, foi de aproximadamente 48%.

Trabalhamos o conteúdo em uma linguagem acessível a iniciantes do curso e aos futuros leitores professores deste trabalho de pesquisa que estão tendo, provavelmente, um primeiro contato com assuntos como anatomia e fisiologia, características da voz falada, psicodinâmica da voz, quando nos referimos à frequência e intensidade da voz. Os conteúdos foram decorrentes da abordagem solicitada nas dúvidas, nas verdades e mentiras ouvidas sobre a voz e na falta de conhecimento do professor sobre as suas pregas vocais. Você já viu o funcionamento das pregas vocais? Alguns professores, mesmo realizando o exame de laringoscopia para a avaliação admissional, não demonstraram curiosidade para ver o exame, e essa realidade criou uma situação bastante peculiar ao encontrar professores que nunca viram uma prega vocal em funcionamento. Essa era a situação “obscena” do curso que necessitava de todo o cuidado para apresentar o trato vocal e a estrutura das “lindas pregas vocais”! (Esta é a minha visão de profissional apaixonada pela voz, mas observei, na reação de alguns professores, que nem todos comungavam com a minha visão de “lindas pregas vocais!”). Para

³¹ Readaptação é a investidura do servidor em cargo de atribuições e responsabilidades compatíveis com a limitação que tenha sofrido em sua capacidade física ou mental verificada em inspeção médica. (Art. 24; Lei n.º 8.112/90)

alguns era uma imagem cheia de interpretações que renderam bons momentos de descontração. Por exemplo, um momento hilário foi iniciar a falar das pregas vocais, por meio, de uma pequena história (apenas incentivadora para falar sobre características da anatomia das pregas vocais). Escolhi três professores para participarem e falei que uma amiga estava com um problema com o marido e precisava de um conselho para não se separar, pois ela estava usando muito uma parte do seu corpo, esta estava ficando vermelha e irritada. Coloquei a foto das pregas vocais em uma caixa, mostrei rapidamente para cada professor e solicitei que cada um descrevesse a imagem da foto e o conselho que daria a minha amiga para tirar a irritação. Então, surgiram respostas como “não posso falar o que vi na caixa. É isso mesmo!?” “Elas estão vermelhas e inchadas”; “Elas parecem com uma outra parte do corpo feminino” “São muito feias” “Sua amiga precisa parar de esfregar”. Finalmente, após ouvir os comentários e supostas ideias da imagem vista de relance na caixa, todos foram apresentados as pregas vocais, e que minha amiga precisava parar de falar muito, pois estava irritando as pregas vocais e o marido!!

Consideramos que esse foi um momento válido no processo da formação, por permitir um olhar lúdico e leve para trabalhar um conhecimento novo da anatomia e da fisiologia não abordado na maioria das formações dos professores. Desenvolvemos estratégias como a apresentação de vídeos selecionados da internet produzidos para fins educativos, além de solicitar que os professores olhassem os próprios exames. A tecnologia nos auxiliou bastante ao oferecer materiais (vídeos e imagens) mais próximos da realidade, diferentemente de algum tempo atrás, em que os estudos perpassavam apenas pela exploração de desenhos e imagens estáticas apresentadas nos livros e atlas de anatomia.

5.5.6.1 *Minha Voz, Minha Vida*

A sonoridade do meu ser

Está na voz

A vida que respiro:

Inspiro e expiro

Ar: Fonte de energia

Vai ar, volta ar

No movimento das pregas

Fonte de vibração

(pregas vocais e laringe)

Um fluxo de ar

Molda na face, assinala diferenças

Amplifica

Um som ressonante

Fonte de ressonância (faringe, boca, nariz)

Choro, riso, falo e canto

A vida que aspiro

Produzo a minha voz

Nesta voz agradável

A sonoridade do meu ser,

Minha voz, minha vida.

Autora: Ivonete da Silva Oliveira

Planalto Central, Brasília, verão de 2020.

5.5.6.1.1 Requisitos da Anatomia e Fisiologia para o Trabalho Educativo da Voz Docente

Ao perguntar sobre conhecimentos necessários para o professor usar bem a voz, os participantes, embora de áreas de formação diferentes, falaram da necessidade de conhecer o assunto: aspectos fisiológicos e anatômicos da voz para o uso consciente. Conhecimentos específicos que não estão relacionados, na maioria, aos currículos das formações iniciais de professores. Há uma carência na formação do professor, e o fato de que futuros professores desenvolvem períodos de prática docente como parte de seus estudos, mas o fazem sem a adequada educação vocal, os conduz a um padrão vocal inadequado para sua vida profissional (SIMBERG, RÖNNEMAA, 2004).

Neste trabalho não pretendemos discorrer sobre toda a complexidade da anatomia e fisiologia da produção da voz, mas apresentamos alguns conceitos e

definições, gerais e básicos, que se tornaram necessários para nossas interlocuções e análises da percepção sobre a voz como um produto do nosso corpo, produzido por ações involuntárias e voluntárias.

5.5.6.1.2 A Voz

A voz é uma função neurofisiológica inata, pois se desenvolve num paralelismo com o desenvolvimento orgânico do indivíduo (MOTA *et al.*, 2010 *apud* SILVA, 2012), estando presente desde o nascimento por meio do choro do bebê (SILVA, 2012). A voz é o som mais complexo e sofisticado produzido pelo nosso corpo. (BEHLAU *et al.*, 1997)

A voz humana pode ser definida como o som emitido no ambiente, produzido pela passagem do ar pelas pregas vocais e modificado nas cavidades de ressonância e estruturas articulatórias.

Apesar de iniciarmos nossos conhecimentos sobre a fisiologia da voz a partir do processo físico que ocorre na laringe, quando o som é produzido, o processo da produção vocal se inicia antes, pois é o cérebro que comanda todo o processo de entrada e saída do ar, da posição e vibração das pregas vocais e da produção do som da voz e a fala.

5.5.6.1.3 O Mecanismo para Gerar a Voz Humana³²

A voz é produzida a partir da relação equilibrada e harmônica de três fontes: a fonte de energia, de vibração e de ressonância.

A fonte de energia é o ar. O pulmão produz o fluxo de ar, que funciona como um combustível para a produção da voz. Para a produção da voz há uma sequência de movimentos coordenados. De acordo com Behlau, Azevedo e Madazio (2001), a teoria mioelástica-aerodinâmica estudada pelo médico holandês Jamwillem Van den Berg (1920-1985):

combina a interrelação de forças de duas naturezas: a da elasticidade dos músculos laríngeos e as forças físicas aerodinâmicas da respiração. A compreensão desta teoria está intimamente relacionada à descrição do efeito de Bernoulli, cuja aplicação refere-se ao fato de que o aumento da velocidade das partículas de ar, quando passa pela laringe, reduz a pressão entre as pregas vocais, desencadeando o efeito de sucção, que aproxima

³² Para uma ilustração do processo descrito sobre a fisiologia da voz sugerimos o vídeo utilizado no curso: Como funcionam as pregas vocais <https://youtu.be/hjXTET3IFtU>

as pregas entre si, seguidas de um retrocesso elástico, que promove nova adução glótica e o recomeço de um novo ciclo vibratório. (BEHLAU, AZEVEDO, MADAZIO, 2001, p. 34-35).

Há outras teorias sobre a produção da voz³³, sendo a teoria mioelástica-aerodinâmica a mais divulgada e que conceitua a produção do som a partir da elasticidade dos músculos laríngeos e a força física aerodinâmica da respiração (pressão do ar que sai dos pulmões e passa entre as pregas vocais). Todo esse movimento deve ser realizado em um processo equilibrado, harmônico, entre as estruturas do sistema e as funções, pois uma desordem poderá levar a uma alteração vocal. Como na passagem excessiva de ar pela laringe pode-se criar um tipo de voz³⁴ soprosa ou, ao contrário, uma voz sussurrada.

O número de vibrações que as pregas realizam em um segundo, velocidade dos ciclos vibratórios, é a frequência da voz do indivíduo. Mas essa frequência dependerá de características das estruturas, como o comprimento: quanto maior a prega vocal, mais grave será a voz. Quanto maior a velocidade dos ciclos vibratórios, mais alta é a frequência do som emitido, o que quer dizer que mais agudo será o som da voz produzida.

A fonte de vibração geradora da voz dos indivíduos encontra-se na região média do pescoço, no esqueleto da laringe, e é denominada de pregas vocais (BEHLAU, AZEVEDO, MADAZIO, 2001). Sua movimentação necessita do ar, um fluxo expiratório de ar. Os sons produzidos pela vibração das pregas vocais na laringe se chamam fonação. Esses sons são semelhantes ao de um barbeador elétrico (BEHLAU; REHDER, 1997).

A fonação é uma função neurofisiológica inata, ou seja, natural do indivíduo. A laringe é um órgão curto e se situa na linha mediana do pescoço, diante da quarta, da quinta e da sexta vértebras cervicais. As funções da laringe: passagem do ar durante a respiração; proteção das estruturas respiratórias impedindo a entrada de objetos sólidos e líquidos; produção do som da voz. Para o processo de fonação (produção do som da voz), a laringe é composta por cartilagens, músculos e ligamentos em um formato triangular. Na parede da laringe há um conjunto de cartilagens. Três são ímpares (cartilagem tireoidea, cricoidea e epiglote) e três são

³³ BEHLAU, M. Voz: o livro do especialista, 1. Rio de Janeiro: Revinter, 2001. cap. 1, p. 32-36. Para conhecimento, neste livro a autora faz referência a outras teorias para explicar a produção da voz.

³⁴ O tipo de voz refere-se ao padrão básico de emissão de um indivíduo. Está relacionado com os ajustes da dimensão biológica, como também da psicológica e da socioeducacional. (BEHLAU, 2001).

pares (cartilagem aritenoide, cuneiforme e corniculada). O par de cartilagens aritenoides é o que influencia nas tensões e posições das pregas vocais.

As pregas vocais encontram-se na área interna da laringe (pense na forma de um triângulo, na posição horizontal, tendo a ponta direcionada para a frente (face) e a base para trás (nuca), uma fenda ântero-posterior, chamada vestíbulo da laringe, onde encontramos duas membranas: a prega vestibular e a prega vocal.

A fonte de ressonância é um conjunto de órgãos que promove a amplificação do som da fonação e outros que se ajustam para modular o som para a fala.

O som que sai da laringe é muito fraco. Ele passa por uma série de cavidades, que modelam o som para a voz que ouvimos de uma pessoa. As fontes de ressonância e articulação são: cavidades da laringe, da faringe, da boca e do nariz. A fonte de articulação refere-se ao processo de ajustes dos órgãos fonoarticulatórios (lábios, língua, véu palatino, mandíbula e dentes). Segundo estudos de Lopes (2002), a modelação do som da fonação é continuada nos órgãos supraglóticos (faringe, nasofaringe, orofaringe e cavidade oral) até sua saída pelos lábios. O ar também sai pelo nariz formando os sons nasais.

Os diferentes sons de uma língua são produzidos nestas estruturas acima da laringe. Os sons são articulados por meio dos movimentos da língua, dos lábios, da mandíbula, dos dentes e do palato que necessitam ser corretamente relacionados nas palavras, para que seja produzida uma fala com sons audíveis e uma mensagem compreensível. Sobre o processo de produção do som da voz, Behlau, Azevedo, Madazio (2001, p. 26) assim se expressa:

a laringe produz a fonação, enquanto que o trato vocal produz a voz. A voz é fonação acrescida de ressonância. Assim sendo, do ponto de vista físico, a voz é o som produzido pela vibração das pregas vocais, modificado pelas cavidades situadas abaixo e acima dela, ditas cavidades de ressonância. Estas modificações podem ocorrer de diversas formas e em associações como, por exemplo, a interrupção momentânea do fluxo de ar, formando alguns sons consonantais.

5.5.6.1.4 As Características da Voz: Qualidade Vocal

Qualidade vocal é o termo técnico das características que identificam uma voz por meio de atributos que identificam o indivíduo. Antes se usava apenas a palavra “timbre”. As variações na qualidade vocal dizem respeito à produção da voz como um todo. São aspectos que podem modificar a voz de acordo com o contexto, as condições físicas e psicológicas da pessoa. Behlau e Ziemer (1988); Behlau *et al.*

(2001b) considera como principais dimensões que interferem na produção das diferentes qualidades vocais: a biológica, a psicológica e a socioeducacional.

A dimensão biológica diz respeito às características anatômicas e fisiológicas: sexo, idade, saúde geral, estrutura física geral e específica dos órgãos que formam o aparelho fonador, bem como a sincronia do funcionamento dos componentes da laringe entre si e com os demais órgãos. Exemplificando: na caracterização da voz na dimensão biológica, podemos pensar na frequência fundamental das vozes entre indivíduos de diferentes idades e sexos. O tamanho das pregas vocais influencia a movimentação, ou seja, à medida que o comprimento natural das pregas vocais aumenta, o som fica mais grave.

Desse modo, nos bebês recém-nascidos a frequência fundamental³⁵ é bastante aguda, ao redor de 400HZ; em mulheres adultas a frequência média está em 200HZ; e em homens adultos, situa-se em 100HZ (BEHLAU, AZEVEDO, MADAZIO 2001). No controle de frequência da voz, pregas vocais alongadas vibram mais rapidamente e produzem um som mais agudo.

A dimensão psicológica fornece informações sobre a personalidade do indivíduo e o estado emocional no momento da produção da voz. São as impressões transmitidas pelo tipo de voz (BEHLAU, *et al.* 2001b). Como na intensidade³⁶ forte ou fraca, no tom (a inflexão emocional aplicada à sua voz) uma expressividade do indivíduo e pode caracterizar seus aspectos emocionais: raiva (voz gutural, forte), medo (voz trêmula, fraca), sensualidade (voz sopro, fraca).

A dimensão socioeducacional são os valores que são adquiridos de uma determinada cultura. Os parâmetros relacionados à qualidade vocal recebem influências expressando-se por meio do sotaque, dos regionalismos, de qualidades vocais que identificam grupos de indivíduos ou profissionais. Como a fala por meio de gírias que marca o tempo, o modo de vida e valores de um falante. Por exemplo, as falas que marcam o tempo e região... “Deixei de ser aquele cara joia que transava o amor no maior breu, curtindo adoidado. Nem tchum para as coisas do coração...” (RIBEIRO, 2007, p. 8). Uma pessoa nascida na região de Minas Gerais, mineira, é identificada quando fala: /uai só//, /Trem danado de bão/, /Belzonte/.

³⁵ As pregas vocais quando vibram produzem ondas sonoras. A Frequência Fundamental (F) é o número de vibrações que as pregas vocais realizam em um segundo. A medida usada é Hertz (HZ). Alta frequência é um som agudo e baixa frequência é um som grave.

³⁶ As ondas sonoras carregam energia. A Intensidade Sonora (I) mede a quantidade de energia que uma onda sonora é capaz de transferir a cada segundo em uma área de 1m². A medida usada é o Décibel (Db). Alta intensidade é um som forte e baixa intensidade é um som fraco.

Dessa maneira, a produção do som da voz apresenta uma correlação nas dimensões biológica, psicológica e socioeducacional. Assim, a voz sofre modificações segundo movimentos diferenciados das regiões anatômicas de cada indivíduo, sofre interferências emocionais, sociais, culturais, por isso não podemos ter uma voz padrão e que define a voz dentro de parâmetros como normal.

Considerando toda essa complexidade de relações, alguns pesquisadores e estudiosos da voz evitam usar o termo voz “normal” e usam o termo voz “adaptada”. Behlau, Azevedo e Pontes (2001) apresentam o seguinte conceito para a voz, justificando o uso do termo “adaptada” em substituição ao termo voz “normal”:

A voz deve ser produzida pelo falante, de modo adaptado, sem esforço adicional e com conforto, identificando corretamente o sexo e a faixa etária a que pertence; por outro lado, a voz deve ser adaptada ao grupo social, profissional e cultural do indivíduo, o que é definido pelos ouvintes, por consenso não necessariamente consciente (BEHLAU; AZEVEDO; PONTES, 2001, p. 65).

A produção da voz não apresenta um padrão definido, pois há um número de fatores e de modificações nesse processo. Mas desejamos que a voz seja agradável para os participantes do processo comunicativo: falantes e ouvintes. Usamos o termo subjetivo “agradável”, na área da fonoaudiologia, para o tipo de voz que passa a impressão ao ouvinte de que o falante não está realizando esforço, tensões ou transtornos durante a produção do som da voz e fala, ou seja, um som com uma boa adaptação às características do indivíduo e produzida sem dificuldades ou desconforto.

De acordo com Behlau, Azevedo, Pontes. (2001), um som dito de boa qualidade para os ouvintes é a eufonia, e o contrário é a disfonia. Desse modo, uma boa voz adaptada (normal) é aquela produção vocal:

- com uma qualidade aceitável socialmente;
- a produção não interfere na inteligibilidade da fala;
- permite o desenvolvimento profissional do indivíduo;
- apresenta frequência, intensidade, modulação e projeção apropriadas para o sexo e a idade do falante;
- transmite a mensagem emocional do discurso.

Sendo a produção da voz um movimento de forças, podemos aceitar que a própria pessoa pode fazer mudanças na sua própria voz, ou seja, ela modifica os

parâmetros (tipo de voz, intensidade, frequência, ressonância...) que compõem a qualidade vocal. De acordo com Dragone:

o falante não percebe e comanda cada músculo intrínseco da laringe, mas tensões musculares, comandos respiratórios, capacidade de movimento das regiões envolvidas na articulação do som entre outros elementos são passíveis de serem observados e sentidos pelo falante, e a adequação desses padrões gera modificações nas diversas regiões envolvidas na produção da voz (DRAGONE, 2007, p. 58)

Dessa forma, a percepção de nossa voz falada pode ser trabalhada. Trabalhamos na formação do professor o autoconhecimento do corpo buscando a própria voz na própria experiência corporal, por meio de conhecimentos de compreensão de como o corpo funciona, a importância do processo respiratório, a produção da voz e o equilíbrio do corpo, que entre outros conhecimentos permite ao professor controlar elementos e comandos possíveis para a produção da voz de maneira mais consciente de limitações, potencialidades e produzir a sua melhor voz adaptada nos seus diversos contextos de discurso.

5.5.6.2 *Minha Voz, Minha Identidade*

Eu sou som...
No corpo sou um Ser
anatomofuncional
Que a evolução processa.
No ar que amurilha sou voz,
Vozeio, ressoo, articulo, falo.
No interagir com o outro
Encontro minha identidade
Única, própria, timbre que marca
Minha emoção
Meu sentimento
Meu estado de paixão
Na frequência, na ressonância
Na projeção.

Encontro o meu ser

Na voz que está em mim.

Minha voz, minha identidade.

Autora: Ivonete da Silva Oliveira.

Planalto Central, Brasília, outono de 2020.

Minha voz é só minha. A voz é uma expressão com características absolutamente individuais, como ocorre com a impressão digital. No processo evolutivo acerca das alterações biológicas sofridas pelo indivíduo, no período gestacional, ocorre a definição de características anatômicas e fisiológicas que formarão um tipo de voz, e depois, ao longo da vida, também formamos uma identidade vocal.

Dessa forma, nascemos dotados de uma voz que empregamos naturalmente desde os primeiros momentos de nossa existência, e as aquisições da fala ocorrem naturalmente por meio da interação com outros seres humanos.

O desenvolvimento da voz acompanha o desenvolvimento do ser humano. A cada fase, do nascimento à senescência, a voz apresenta suas características e singularidades. No início da vida do bebê, a sua voz é a própria manifestação de suas sensações em sons e a intenção do seu discurso. As vozes dos bebês são caracterizadas por uma qualidade vocal delgada, devido ao trato vocal encurtado e em forma de funil. Pregas vocais curtas e grossas com uma porção membranosa de 5,5 a 7mm para meninos e meninas 4,5 a 5,5mm. Frequência fundamental aguda (acima de 250HZ).

De acordo com Behlau e Pontes (1995), em 1968, Washockert e Col realizaram um detalhado estudo sobre o choro de bebês indicando a possibilidade de o choro infantil discriminar diferentes estados emocionais³⁷. Essa possibilidade de respostas diferenciadas, desde o nascimento, a partir das emoções, mostra que nossa dinâmica vocal é o reflexo de nossa psicodinâmica. Esta será desenvolvida

³⁷ Na pesquisa identificaram quatro sinais vocais : Sinal de Nascimento: o tempo médio é de 1 segundo de duração. O sinal de nascimento é geralmente uma emissão de som surdo, tenso ou estridente, com sons plosivos, por causa da expulsão de líquido amniótico. Sinal de Dor: é o sinal que possui o tempo mais longo. É uma emissão aguda, em torno de 530Hz, estridente e com queda dessa frequência na sustentação. Sinal de Fome: a emissão nesse caso é variável, passando de grave a agudo rapidamente. Verificam-se também sons plosivos. Sinal de Prazer: a hipernasalidade (som audível mais nasal) é a característica principal desse sinal. A emissão nunca é surda, tensa ou estridente. Há um relaxamento vocal em todo o aparelho vocal do bebê, ao contrário dos outros sinais, em que se visualiza tensão nas vocalizações. (BEHLAU; PONTES,1995, p. 45)

durante toda a nossa vida, segundo Behlau e Pontes (1995). Logo, as modulações vocais utilizadas pelos bebês terão sons mais articulados (a fala) e o ambiente determinará a aquisição de um código linguístico (a língua) para se comunicar.

No período da infância até a puberdade, a laringe é semelhante entre os sexos e é difícil realizar a diferença entre esses falantes. Mas a chamada mutação fisiológica (muda vocal) apresenta um período de desequilíbrio que ocorre para a maioria das pessoas, sendo nos homens ao redor de 13-15 anos, aumento da estatura física e da laringe e pregas vocais (ANDREWES; SUMMERS, 1988; *apud* BEHLAU, PONTES, 1995, p. 47) quando a voz se torna levemente rouca e instável, e nas mulheres é ao redor de 12-14 anos. Problemas na muda vocal no sexo feminino existem em grau mais discreto como uma laringe fixa e elevada comparando-se a visibilidade que se tem com a muda vocal dos meninos, cujas alterações mais comumente observadas são voz instável, desafinada e grossa (GIL *et al.*, 1994 *apud* BEHLAU, PONTES, 1995, p. 47).

O passar do tempo e o término da muda vocal surgem na voz adulta. As diferenças anatômicas e fisiológicas entre os sexos evidenciam diferenças significativas entre homens e mulheres. Segundo Behlau e Pontes (1995), a frequência fundamental média para homens adultos (faixa de idade 18 a 45 anos de idade) falantes do português brasileiro é 113HZ, e para mulheres 204HZ. A faixa de frequência fundamental estável para os homens é até os 60 anos, enquanto nas mulheres os estudos mostram que a partir dos 50 anos há uma diminuição, quando ocorre o período da menopausa, e pode ser considerada a muda vocal feminina.

Nos homens a estrutura da laringe quanto à posição vertical é mais baixa, as pregas vocais são maiores e mais largas comparando-as com as das mulheres. As estruturas da face, como a forma, o tamanho, a densidade e a tensão influenciam a produção vocal. Como por exemplo, estudos realizados por Oliveira e Pinho (2001) mostram que indivíduos com a face curta têm sua frequência mais para agudos e os com face mais longa tendem para os graves. Estudos de Brasil, Yamasaki e Leão (2005) corroboram com Oliveira e Pinho (2001) sobre o perfil vocal masculino que se diferencia basicamente por estruturas: do trato vocal ser maior, mais longo e as pregas vocais mais compridas e largas, a laringe em posição vertical mais baixa em relação às mulheres.

A voz acompanha o desenvolvimento do organismo. Desse modo, a senescência vocal acompanha os eventos biológicos do organismo que mudam

estrutura e função de diversas partes do corpo. As principais alterações vocais, de acordo com Behlau e Pontes (1995) são:

Aumento da frequência fundamental nos homens e redução da frequência fundamental nas mulheres; redução do tempo máximo de fonação, o que gera frases curtas e constantes respirações. Aumento no grau de nasalidade e redução na intensidade da fala, o que dificulta o volume e projeção vocal. Menor tessitura vocal³⁸, o que torna a qualidade monótona. Aumento das pausas articulatórias, redução da velocidade, o que não captura o ouvinte, reduzindo a efetividade da transmissão da mensagem. (BEHLAU; PONTES, 1995, p. 50-51).

O período de máxima eficiência vocal³⁹ está entre os 25 e 50 anos (BEHLAU; PONTES, 1995). Mas não podemos considerar somente os aspectos anatômicos e fisiológicos, pois a voz é também um reflexo da história de vida de cada falante. A voz deve ser sempre pensada em relação à saúde geral do indivíduo, em relação ao seu corpo todo, ao seu estado de saúde geral. Segundo Sataloff (1991), todo o sistema corporal afeta a voz; Souza Mello (1988) afirma que todo o corpo colabora na produção da voz; Bloch (1979) refere que as condições ideais para uma boa produção vocal adequada correspondem a um estado de saúde geral dentro das melhores condições possíveis.

Segundo Behlau e Ziemer (1988), geralmente chegamos à idade adulta com “o que restou de nossa voz”. Mas os cuidados com a voz e a saúde geral do corpo são comportamentos necessários e que permitem uma produção vocal mais agradável até o nosso último respirar. Assim, é de grande importância o conhecimento sobre as limitações e potencialidades da própria voz e, segundo Behlau e Pontes (1995), qualquer desvio, dificuldade ou problema dos órgãos que compõem o aparelho fonador deverá ser identificado, avaliado e tratado para que se mantenha uma voz saudável para uma comunicação livre e eficiente em todas as fases da vida. Esse conhecimento torna-se essencial, principalmente quando a voz é utilizada como um recurso na profissão.

Na comunicação oral do ser humano, utilizamos a voz e esta indica informações físicas e culturais do falante. Desse modo, conhecer procedimentos que auxiliam a identificação da voz também nos permite a autopercepção para o

³⁸ A tessitura vocal ou extensão é o conjunto de notas do mais grave ao mais agudo que um indivíduo consegue emitir. Existem três tipos de extensão vocal: a potencial, da voz cantada e a da voz falada. De acordo com Behlau e Pontes, a extensão vocal (ou tessitura) para a fala é o número de notas que o falante usa na conversação habitual sem gerar fadiga vocal. (BEHLAU; PONTES, 1995, p. 93, p. 133)

³⁹ Conforme Behlau e Pontes, o processo de deterioração vocal é denominado Presbifonia. Este processo não está apenas relacionado à variável tempo cronológico, ou seja, à idade do indivíduo, mas também, a outras variáveis: a saúde geral, o treino de voz e a história de vida do indivíduo. (BEHLAU; PONTES, 1995, p. 93)

conhecimento das possibilidades e limitações desta, bem como um uso da voz menos abusivo.

Abordamos conhecimentos sobre a Psicodinâmica Vocal e a percepção auditiva, conforme Behlau e Pontes (1995), do resultado de seus estudos, para conduzir o professor a uma conscientização e melhor compreensão dos termos muitas vezes ouvidos ou falados por eles, mas que necessitam de esclarecimentos, como a referência de falar alto e voz aguda, como se falassem da mesma característica, sendo que um parâmetro é da frequência sonora (voz mais aguda e voz mais grave) e o outro é a intensidade sonora (volume mais ou menos alto). Voz aguda não se relaciona proporcionalmente à voz de volume alto, pois são parâmetros diferentes.

Em relação à intensidade, comentamos que uma voz de volume alto em uma sala de aula pode não ser o suficiente em um auditório e necessitar da amplificação desse volume com o uso do microfone. Porém, observamos a postura de alguns professores em palestras no ambiente de auditórios recusando-se a usar o microfone porque têm uma voz de volume alto e não analisam que as dimensões do espaço exigirão um esforço maior e que a falta do recurso de amplificação poderá causar abuso vocal. Behlau *et al.* (2001a) expõe, em relação a abusos, sobre a atitude de profissionais que, mesmo apresentando problemas vocais, muitas vezes continuam a utilizar a voz com a mesma demanda e evitam tomar providências, não buscando ajuda para minimizar o problema ou romper com os hábitos abusivos.

A percepção auditiva é trabalhada por ter uma relação estreita com a voz e passou a compor um conteúdo necessário no curso, desenvolvido após relatos que nos comoveram e conscientizaram os professores sobre a importância de providências no cuidado com a voz e a audição. Uma profissional participante do curso relatou que somente depois das conversas realizadas na formação continuada percebeu que estava com alguma dificuldade de compreender a fala de outras pessoas e decidiu fazer um exame, identificando uma perda auditiva em uma das orelhas.

Outro caso relatado foi de uma professora que percebeu sua dificuldade para ouvir quando estava na sala dos professores coordenando e uma colega chegou e iniciou uma conversa com ela; como naquele momento ela estava virada de costas para a colega, não ouviu a fala. Logo vieram as famosas frases: “Você está surda? Não me ouviu?” A professora, sabendo que podemos ter diferentes graus de perdas

auditivas, resolveu buscar ajuda, fez exames e foi detectada a perda auditiva. São relatos que comprovam que alguns professores negligenciam cuidados com a sua própria saúde e que comprometeram não somente o aspecto profissional, mas também sua vida pessoal e social.

5.5.6.2.1 Características da Voz Falada

Abordamos, neste trabalho, a ênfase na voz falada. Essa voz utilizada na comunicação oral e que fornece ou transparece informações físicas e culturais do indivíduo.

A produção da voz falada apresenta algumas características cujo conhecimento consideramos necessário, por parte do falante, como a fisiologia (mecanismos e funções) da voz falada para uma conscientização dos cuidados necessários com o aparelho fonador. E para assim, também, se evitar o mau uso e os abusos no uso da voz falada.

Os parâmetros da voz falada, de acordo com Behlau e Rehder (1997), estão no modo como ocorrem a Respiração, a Fonação, a Ressonância, a Qualidade Vocal, a Articulação, as Pausas, a Velocidade e o Ritmo, a Postura. Para uma melhor percepção da voz falada, podemos comparar essas características da fala com a voz cantada⁴⁰ que exige outras características, mais específicas, relacionadas às modificações fisiológicas, acústicas e musicais.

Na voz falada a respiração é natural e o ciclo de respiração (inspiração e expiração) varia conforme a emoção e o comprimento das frases e velocidade da fala. Durante a pausa, a respiração é mais lenta e nasal nas pausas longas, mas durante a fala, a respiração é bucal e mais rápida. Dessa forma, expiramos por nossa fonação (expressão vocal), controlando o ar que sai coordenado com a necessidade da produção do som. Assim, ocorre uma coordenação pneumofonoarticulatória, ou seja, um sincronismo das inspirações e expirações dos pulmões com a fonação e com a articulação. Há uma pequena movimentação pulmonar e expansão da caixa torácica. A falta de coordenação em toda essa movimentação pode se refletir na capacidade de falar uma oração e o final dela ficar quase inaudível por falta de ar.

⁴⁰ No livro Higiene vocal para o canto coral, destinado ao público leigo, as autoras apresentam um quadro comparativo das diferenças entre a voz falada e a cantada. (BEHLAU; REHDER, 1997)

A fonação produz um som laríngeo básico. Há uma discreta movimentação da laringe no pescoço. Na respiração em repouso, as pregas vocais estão separadas e a glote está aberta, e são formados os sons surdos ou desvozeados. Na respiração em que as pregas vocais se encontram unidas e a glote está fechada, o ar tem que forçar sua passagem, fazendo as pregas vibrarem, produzindo os ciclos vibratórios, e com isso temos os sons chamados sonoros ou vozeados. O atrito das pregas vocais é aumentado durante emissões com mais ênfase, ou nas ações de tossir, pigarrear. Lembrando que o tamanho e a espessura das pregas vocais são responsáveis pela caracterização individual da voz e, com isso, distingue-se o tipo de voz – infantil, masculina e feminina. Na fala, a prega vocal pode ter uma extensão curta ou longa e a mudança de frequência. Assim, teremos os parâmetros de intensidade/ volume (forte/ fraco) e frequência/altura do som (aguda/ grave).

A Ressonância é o volume de voz no ambiente. A ressonância pode ser equilibrada quando se utiliza de forma distribuída os três focos de ressonância: laringe, oral e nasal em condições naturais do trato vocal, sem uso particular de alguma cavidade, sem a necessidade de grande projeção da voz na conversação. Quando o foco está na região do pescoço, é ressonância oral (faríngea); o foco acentuado no nariz é ressonância nasal (hipernasal e hiponasal); com o foco no pescoço e sem oralidade, temos uma ressonância laringo-faríngea. Na fala, a Intensidade habitual ocorre ao redor de 64dB para conversação, com uma faixa de variação de cerca de 10dB. Mas, quando é necessária maior projeção vocal, geralmente usam-se inspirações mais profundas, com maior abertura de boca, sons mais agudos e mais extensos. O exemplo é quando desejamos chamar alguém distante e precisamos de mais ar para uma projeção adequada à necessidade do ambiente e momento. Também podemos exemplificar com o foco quando temos falantes com articulações muito travadas e uma ressonância laringo-faríngea.

A qualidade vocal (Timbre) é uma característica acústica da fala. A qualidade vocal pode ser neutra ou com pequenos desvios que identificam o falante, pois é gerada a partir da vibração da laringe em conjunto com as pregas vocais e das articulações de diversas cavidades como a boca, a traqueia, a garganta e outras estruturas que compõem o trato vocal. A qualidade da voz é extremamente sensível ao interlocutor, à natureza do discurso ou a aspectos emocionais da situação. Por exemplo, a qualidade da voz pode se apresentar trêmula em uma determinada situação.

A articulação dos sons da fala produz vogais e consoantes com duração definida pela língua que se fala. A fala é espontânea e articulada com o objetivo de transmitir a mensagem ao ouvinte, mas o padrão da voz falada sofre influências dos aspectos emocionais do falante e do discurso.

As pausas são individuais do falante e podem ocorrer por hesitação, por valor enfático ou, ainda, refletir interrupções naturais do discurso. São normais e aceitáveis, podendo ser silenciosas ou preenchidas por sons prolongados.

A Velocidade e o ritmo são parâmetros pessoais e dependem da característica da língua falada, personalidade e profissão do falante, objetivo emocional do discurso e fatores de controle neurológico. Geralmente ocorrem variações independentes da consciência do falante, mas podem ser reguladas de acordo com o objetivo emocional da emissão.

A Postura é variável, com mudanças constantes. As mudanças habituais na postura corporal não interferem de modo significativo na produção da voz falada. A linguagem corporal acompanha a comunicação verbal e a intenção do discurso.

5.5.6.3 *Minha Voz, Minha Profissão*

Profissão

Na voz

Sou artista.

Levo a arte

Falada ou cantada:

Na voz

Sou locutor, jornalista.

Levo notícia, eloquência:

Na voz

Sou mestre, conselheiro.

Transmito, educo:

Somos cada um

Um "tipo de voz"

Que sugestiona, persuade, seduz

Desperta sentimentos e emoções

Na arte de informar

Nas artes

Na arte de educar

Somos todos profissionais

Profissionais da voz.

Minha Voz, Minha Profissão!

Autora: Ivonete da Silva Oliveira

Planalto Central, Brasília, outono de 2020.

O homem, na produção da sua voz e fala, tem a capacidade de influenciar, informar, se expressar com o outro de forma criativa e consciente.

o homem é um animal que dispõe da faculdade de se comunicar na perspectiva de mudar sua própria realidade. A voz é o meio que torna possível a transmissão da palavra falada, coexistindo comumente com a linguagem, a fala, a língua e o pensamento. (VALLE, 1996, p. 73)

As tecnologias e a busca permanente por aperfeiçoamento profissional sempre exigiram conhecimentos. A preocupação em falar bem e fluentemente, influenciando o outro, levou o homem a desejar dominar a sua produção vocal.

Assim, há séculos homens buscam um desempenho adequado no uso de suas constituições anatômicas, na expressão de seus pensamentos, na articulação da palavra e no domínio da voz de acordo com o seu objetivo, o seu trabalho, a sua profissão.

Aristóteles foi o primeiro estudioso da oratória, escreveu a obra “A arte retórica” que desenvolvia a argumentação, e Demóstenes um orador que buscou no autoconhecimento e na aprendizagem meios que pudessem melhorar o seu discurso. Como exemplo, ele colocava várias pedras de pequena dimensão na boca para treinar a boa articulação. Desse modo, podemos inferir o quanto é antiga a necessidade do homem de aperfeiçoamento da voz e da fala para o uso profissional.

5.5.6.3.1 De voz para voz: Do Fonoaudiólogo que orienta para o Professor que usa a VOZ

Para um trabalho com a voz, o professor necessita conhecer os profissionais que o auxiliarão no desenvolvimento e aperfeiçoamento da voz. E também se identificar como um profissional da voz que necessita de conhecimentos e formação, pois o uso da voz depende de cada profissão, cada uma exige uma performance, uma preparação e cuidados. Para Ferreira *et al.* (1995 *apud* FERREIRA; FERREIRA, 2000, p. 164), o profissional da voz é aquele indivíduo que tem a voz como instrumento de trabalho. Assim, eles classificaram os profissionais em categorias: 1- Profissionais da arte: cantores, atores, dubladores; 2- Profissionais de comunicação: locutores, repórteres, telefonistas; 3- Profissionais da educação: professores, padres, pastores; Profissionais de *marketing*: vendedores, leiloeiros, camelôs; 4- Profissionais da indústria e comércio: diretores, gerentes, supervisores entre outros; 5- Profissionais do judiciário: advogados, promotores, juízes. Enquanto Jardim (2006, p. 75) apresentou uma classificação dos profissionais da voz de acordo com a posição com que a voz se coloca na profissão do indivíduo:

- ✓ A voz tem grande importância na atividade, são os profissionais da primeira categoria: cantor, ator, professor, apresentador, locutor, radialista, jornalista;
- ✓ A voz tem moderada importância na atividade, são os profissionais da segunda categoria: advogado, médico, terapeuta, dentista, fisioterapeuta, psicólogo, vendedor, secretária;
- ✓ A voz tem pequena importância na atividade, são os profissionais da terceira categoria: pedreiro, segurança, porteiro, empregada doméstica.

5.5.6.3.2 A Fonoaudiologia: Profissional que Cuida da Voz

A Fonoaudiologia é a ciência que estuda a Comunicação Humana, no que se refere ao seu desenvolvimento, aperfeiçoamento, distúrbios e diferenças em relação aos aspectos envolvidos nas Funções Auditivas Periférica e Central, Vestibular, Cognitiva, Linguagem Oral e Escrita, Fala, Fluência, Voz, nas Funções Orofaciais e na Deglutição. O fonoaudiólogo é o profissional, com graduação plena em Fonoaudiologia, que atua em pesquisa, prevenção, avaliação e terapia fonoaudiológicas na área da comunicação oral e escrita, voz e audição, bem como em aperfeiçoamento dos padrões da fala e da voz (Lei n.º 6.965/1981).

A Resolução 309 do Conselho Federal de Fonoaudiologia – CFFa (2005), de 1º de abril, revê e amplia o exercício da prática profissional nas escolas, determinando em seu Artigo 1º que:

Cabe ao fonoaudiólogo, na educação infantil, ensino fundamental, médio, especial e superior, desenvolver ações, em parceria com os educadores, que contribuam para a promoção, aprimoramento, e prevenção de alterações dos aspectos relacionados à audição, linguagem (oral e escrita), motricidade oral e voz e que favoreçam e otimizem o processo de ensino e aprendizagem, o que poderá ser feito por meio de:

a) Capacitação e assessoria, podendo ser realizadas por meio de esclarecimentos, palestras, orientação, estudo de casos entre outros; b) Planejamento, desenvolvimento e execução de programas fonoaudiológicos; c) Orientações quanto ao uso da linguagem, motricidade oral, audição e voz; d) Observações e triagens fonoaudiológicas, com posterior devolutiva e orientação aos pais, professores e equipe técnica, sendo esta realizada como instrumento complementar e de auxílio para o levantamento e caracterização do perfil da comunidade escolar e acompanhamento da efetividade das ações realizadas e não como forma de captação de clientes; e) Ações no ambiente que favoreçam as condições adequadas para o processo de ensino e aprendizagem; f) Contribuições na realização do planejamento e das práticas pedagógicas da instituição.

Dessa forma, conforme Giroto (2001), o fonoaudiólogo educacional visa à criação de condições favoráveis e eficazes para uma atuação voltada à prevenção e à promoção da saúde.

O fonoaudiólogo especialista em voz tem como possibilidades de atuação e pode propor ações diferenciadas em três aspectos: preventivo, clínico e de aperfeiçoamento vocal. Para o atendimento dos profissionais que usam a voz como instrumento de trabalho, o fonoaudiólogo estuda a voz humana em relação ao organismo, seu uso, e com isto pretende não somente resolver os problemas que surgem, como também ajudar a evitá-los, conscientizando e preparando vocalmente todos os profissionais que utilizam a voz como meio de trabalho.

Observamos a atuação do profissional em algumas áreas em um movimento de expansão, como no caso da educação, em que professores necessitam, a cada dia, de um trabalho especializado. É um espaço que está aparecendo à medida que o professor busca o profissional da voz. Para Amato (2010), é preciso desenvolver uma maior habilidade na percepção e no cuidado de sua voz, tendo em vista a importância da voz como instrumento de trabalho e em sua qualidade de vida.

O trabalho de saúde vocal realizado pelo profissional fonoaudiólogo refere-se a orientações sobre os hábitos e cuidados que devem ser realizados pelos profissionais da voz. Um trabalho que desenvolva a autopercepção e possibilite ao

próprio profissional definir suas prioridades com consciência para evitar prejuízos à saúde vocal e geral. De acordo com o Conselho Federal e Regional de Fonoaudiologia, esse é o profissional responsável pelo trabalho de habilitação e reabilitação da voz. Como sabemos das dimensões que envolvem o uso da voz, o profissional pode realizar o trabalho em conjunto com outros profissionais de outras áreas como o otorrinolaringologista, que é o responsável pelo diagnóstico e todos os demais procedimentos restritivos à área médica.

Desejamos que todos os indivíduos possuam uma voz saudável e pronta para ser usada nas mais variadas formas de expressão com toda a potencialidade e beleza, seja para cantar, discursar, dramatizar, contar histórias ou falar; cada qual com sua preparação, ou seja, a voz pronta para cumprir determinados objetivos.

Assim, o trabalho de saúde vocal necessita do acompanhamento do fonoaudiólogo para que o indivíduo tenha conhecimento de características pessoais e da condição vocal para que desenvolva uma boa voz adaptada e saudável. A técnica vocal permite a preparação da emissão vocal por meio da realização de exercícios físicos. A prática destes permite relaxamentos, aquecimentos, postura corporal, exercícios de controle respiratório, entre outros que visam ao desenvolvimento da consciência auditiva, da propriocepção e da psicodinâmica vocal do indivíduo.

5.5.6.3.3 O Professor: Profissional que usa a voz

Na literatura, o profissional da voz falada é o indivíduo que, para exercer sua profissão, deve depender de sua voz, sendo ela o seu instrumento de trabalho. Autores diversos procuram definir o profissional da voz (SATALLOF, 1991) como indivíduos que utilizam a voz de maneira continuada, os quais procuram, por meio de um modo de expressão elaborado, atingir um público específico ou determinado, sendo a voz a ferramenta fundamental, e a falta de cuidados pode causar lesões persistentes com sintomas que podem afetar a realização do trabalho e as relações efetivas. De acordo com Boone (1992), o profissional da voz é a pessoa que ganha seu sustento utilizando a sua voz. Enquanto isso, Behlau (2005) o define como o indivíduo que depende dela para sobreviver profissionalmente, com produção ou com qualidade vocal específica.

Em relação à voz docente, Amato (2010, p. 10) define que

A voz é um dos mais relevantes condicionantes da performance didática: a intensidade da voz, as pausas, a respiração adequada são essenciais para manter a atenção do alunado e garantir a eficaz transmissão de conteúdos, tarefa que faz com que cada docente adote diferentes estratégias de emissão vocal, criando uma identidade vocal própria.

A voz predominante da maioria dos professores é a voz falada. Mas alguns docentes podem usar a voz cantada para criar momentos lúdicos. O professor, em suas atividades laborais, está exposto a condições ambientais, de trabalho e de uso profissional que o predispõe às disfonias ocupacionais (RODRIGUES; AZEVEDO; BEHLAU, 1995 *apud* FERREIRA; COSTA, 2000). Dessa forma, o professor precisa de possível adequação do espaço e dinâmica de trabalho, bem como de orientações e normas que garantam sua saúde vocal.

Associação Brasileira De Otorrinolaringologia E Cirurgia Cérvico-Facial (ABORLCCF) no Consenso Nacional de Voz Profissional (CNVP) considera a voz profissional como a forma de comunicação oral utilizada por pessoas que dela dependem para sua atividade ocupacional. Assim, em um encontro de fonoaudiólogos e médicos, foram definidos alguns parâmetros sobre a voz profissional docente.

A Comissão Tripartite para a Normatização da Voz Profissional (2002) propõe uma orientação técnica abordando aspectos relacionados à saúde e à segurança no trabalho no exercício da atividade profissional de professor. O documento cita as ações e procedimentos recomendados para a prevenção da disfonia ocupacional:

1. Medidas ambientais, ergonômicas e organizacionais do trabalho: a) Hidratação: todo professor deverá ter acesso à água potável para hidratação conforme sua necessidade individual mediante oferta de garrafas ou bebedouros. b) Cadeira ergonômica e mesa exclusiva: o professor deverá ter em sala de aula, à sua disposição, cadeira exclusiva, conforme a NR 1781, e mesa. c) Pausas e intervalos previstos na Consolidação das Leis do Trabalho. d) Uso de microfone para mais de cinquenta alunos.
2. Programa de Prevenção de Riscos Ambientais – PPRA (NR 9): a) Avaliar a poeira em sala de aula. b) Conter aferições acústicas no decorrer da aula habitual. c) A construção das escolas deve ser prevista para que haja conforto ambiental térmico, acústico e ergonômico.
3. Programa de Controle Médico de Saúde Ocupacional-PCMSO (NR 7): a) Instituição de anamnese clínica. b) Utilização do Questionário de auto-avaliação (aprovado pelo Comitê de Ética Médica da UNIFESP – Escola Paulista de Medicina) nos exames admissional, periódico e demissional. c) Os demais procedimentos clínicos complementares de propedêutica armada deverão obedecer aos critérios de positividade da auto-avaliação associados aos fatores qualitativos da emissão vocal que são detectados ao exame clínico, indicados pelo examinador com a supervisão do médico coordenador do PCMSO. d) Procedimentos complementares à avaliação qualitativa vocal: laringoscopia indireta (detecção de alterações e lesões macroscópicas das PV) e audiometria tonal liminar em via aérea e óssea

nas frequências de 250 a 8000 Hz, realizada por profissionais capacitados de acordo com a legislação vigente.

4. Ações Educativas Gerais (NR 5): a) Durante a Semana Interna de Prevenção de Acidentes/Doenças do Trabalho deverão ser incluídas palestras sobre Higiene Vocal. b) Elaborar placas e cartazes educativos sobre Higiene Vocal. c) Estimular o cultivo de hábitos e qualidade de vida saudável para os professores. (Portaria 253 de 31/07/2002 - DOU)

O professor, como profissional da voz, necessita conhecer procedimentos para a promoção da saúde de sua voz e evitar o quadro propenso às disfonias ocupacionais. Mas, a predisposição docente às disfonias ocupacionais também necessita da ação de governantes e dirigentes políticos que promovam a saúde do profissional da voz considerando a realidade e contextos de trabalhos. Pesquisas evidenciam poucos planejamentos e a inexistência de uma legislação nacional que promova ações à saúde do professor. Sevilha *et al.* (2010), em sua análise da legislação a respeito de riscos ocupacionais, com destaque para aqueles relacionados à saúde e à voz do professor, verificam que a legislação trabalhista é ampla ao abarcar a diversidade de condições de trabalho. Assim, não garante um reconhecimento dos agravantes relacionados à atuação do docente no seu espaço de trabalho.

Dessa forma, há uma expectativa de um processo de reconhecimento dos problemas vocais do professor estar relacionado ao trabalho e assim fazer parte de um escopo legal que garanta ações de vigilância às condições do indivíduo, do ambiente físico e organizacional para evitar o Distúrbio de Voz Relacionado ao Trabalho (DVRT), definido como:

Distúrbio de Voz Relacionado ao Trabalho (DVRT) é qualquer forma de desvio vocal relacionado à atividade profissional que diminua, comprometa ou impeça a atuação ou a comunicação do trabalhador, podendo ou não haver alteração orgânica da laringe. Tendo como premissa o sistema classificatório de Costa, Pontes e Almeida (2013), três tipos de adoecimento relacionados ao trabalho podem ser definidos em distúrbios relativos à voz: à inserção do indivíduo no ambiente de trabalho, à constituição individual e ao uso de voz no ambiente de trabalho. (Ministério da Saúde, DVRT-11, PROTOCOLOS DE COMPLEXIDADE DIFERENCIADA, p. 11, Brasília-DF, 2018).

Entretanto, a voz considerada como um importante instrumento de trabalho para o professor ainda encontra um amparo legal pouco definido e em construção para o reconhecimento das várias questões que envolvem as condições no uso da voz profissional. Ferreira *et al.* (2009) consideram que há um grande número de

casas legislativas no Brasil, porém poucas são as leis propostas a favor da saúde do professor.

O processo de reconhecimento do distúrbio da voz como um agravo relacionado ao trabalho ainda continua inconcluso (FERREIRA *et al.*, 2015). Segundo Maeno (2015):

Após vários anos de discussão, um documento técnico-científico elaborado por múltiplas mãos foi a base de uma proposta de protocolo a ser publicado pelo Ministério da Saúde. Uma expectativa ao ser incorporado pelo Sistema de Saúde Único e o DVRT fosse considerado como uma alteração ocupacional pelo Ministério da Previdência Social. Até 2014 os distúrbios da voz continuam não enquadrados oficialmente como alterações ocupacionais, apesar de estudos da comunidade acadêmica sobre o uso excessivo da voz e a organização do trabalho relacionado a diversos sintomas e doenças (MAENO, 2015 *apud* FERREIRA *et al.*, 2015, p. 17)

Concordamos com todos os envolvidos nesse trabalho de reconhecimento e, de acordo com Ferracciu e Almeida (2014), o não reconhecimento da DVRT na legislação sobre saúde e segurança no trabalho, como também os critérios para notificação no SUS, acarreta um agravo na ausência de planejamento e adoção de medidas de integração pertinentes para o Ministério da Saúde, Trabalho e Emprego, para a Previdência Social e para a sociedade em geral, sobre as causas e determinantes dos distúrbios da voz e a promoção do processo educativo.

Dessa forma, é preciso desenvolver um trabalho com o professor conscientizando-o como um profissional da voz e também levando esse contexto sobre a voz ao profissional que necessita de conhecimentos, orientações e ações de promoção. Há outros espaços e outros profissionais que vão além do objetivo de reduzir a incidência de casos de alterações de voz entre os professores, por meio de um processo formativo. Desejamos, com esta pesquisa, também contribuir com dados concretos para que o distúrbio de voz seja reconhecido como doença ocupacional, pois em nossos levantamentos sob a perspectiva dos professores suas queixas também se relacionaram ao ambiente de trabalho e condições.

5.5.6.4 *Minha Voz, Minha Saúde*

E agora, professor?

Onde está a sua voz?

Como está a sua voz?

Presa na garganta
Na afonia⁴¹, na disfonia⁴²
De cada dia
No respirar da agonia
Sem ar, sem esperança
Sem cuidar
Na sua profissão
Não dá.
Precisa de eufonia⁴³
A voz é recurso
É instrumento
É registro, identidade.
E agora, professor?
Onde está a sua voz?
Como está a sua voz?
Ivonete da Silva Oliveira.
Planalto Central, Bsb, primavera de 2019.

Entendemos a voz como um importante meio de expressão sonora humana e um recurso pessoal de comunicação entre os indivíduos. A falta de conhecimento, aliada a um comportamento inadequado no uso da voz, compromete o processo de comunicação. Assim, a voz necessita de cuidados para cumprir o papel de promover a comunicação entre os indivíduos falantes.

A prática vocal estruturada com conhecimentos e compreensão permite produzir a voz a partir do funcionamento harmônico de todas as estruturas envolvidas em sua produção, favorecendo a saúde vocal. Cuidado básico em saúde vocal é pensar em uma voz (som) produzida com qualidade vocal, intensidade, frequência, ressonância; e uma fala (palavra) com respiração, articulação, velocidade e entonação adequadas para que a produção de uma voz adaptada

⁴¹ Afonia: ausência do som da voz.

⁴² Disfonia - distúrbio da comunicação oral que impede a produção natural da voz do indivíduo. (BEHLAU; PONTES, 1995)

⁴³ Eufonia: som agradável, sucessão harmoniosa de sons.

(normal) não dê lugar a uma voz disfônica. Quando nos referimos à voz profissional, desejamos além da saúde vocal, desejamos a produção de uma voz eficiente, ou seja, que atenda às necessidades do uso profissional.

Behlau e Pontes (p. 19,1995) inicialmente definiram a disфонia apenas como um sintoma em vários e diferentes distúrbios, ora como sintoma secundário ora como primário. Ampliando a definição Behlau, Azevedo, Pontes (2001) definem a disфонia⁴⁴ como um distúrbio de comunicação de modo que a voz não consegue expressar a mensagem verbal e emocional do indivíduo, ou seja, uma voz disfônica é uma voz que apresenta dificuldades na produção e emissão natural e pode surgir sob a forma de diversas alterações vocais, como: fadiga, respiração inadequada, esforço e sensações desagradáveis à emissão. Mas segundo os autores a disфонia apresenta um quadro complexo e cabem várias definições a partir de suas características.

Uma das classificações, que temos como referência, das disфонias, modificada e atualizada, foi apresentada por Pontes, Behlau *et al.*⁴⁵ (2001a, p. 66-73) que classificam as disфонias em:

- Disфонias Funcionais: apresentam alterações decorrentes do próprio uso da voz. Subdividem-se em: 1- Disфонias funcionais primárias: ocorrem pelo uso incorreto da voz, devido a um comportamento causado por duas situações: falta de conhecimento vocal e modelo vocal deficiente. 2- Disфонias funcionais secundárias: em nível biológico é uma falta de adaptação (anatômica e/ou funcional) das estruturas do aparelho fonador para a função de fonação. São variações anatômicas irrelevantes para o funcionamento vital da laringe, mas que podem interferir na função fonatória da laringe. 3- Disфонia funcional psicogênica: são as disфонias espasmódicas;
- Disфонias orgânicas: apresentam alterações em decorrência de doenças com causas independentes do uso da voz;

⁴⁴Segundo a Classificação Internacional de Doenças, décima versão (CID 10), a disфонia classifica-se como deficiência em duas categorias: Funções da voz (produção da voz em si mesma) e qualidade da voz (produção de características como o tom, a ressonância e outros). Fonte: Organização Mundial da Saúde. CID-10: classificação de doenças em português. 8ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; 2000.

⁴⁵ De acordo com os autores, a classificação parte da interpretação de um fato ou fenômeno a partir da realidade. Assim, esta classificação é de acordo com a experiência clínica do grupo. Há outras classificações na literatura: Perelló (1962), Fawcus (1992), Garcia-Tapia e Cobeta (1996) Sílvia Pinho (1998). Vários critérios podem ser utilizados na classificação das disфонias, visto que a voz é multidimensional e diversos aspectos podem ser observados e considerados. Como referencial neste trabalho de pesquisa, exploramos a classificação de Behlau, Pontes e Brasil (2001), por atender às necessidades da proposta de saúde vocal para conhecer e/ou aprimorar a voz docente.

- Disfonias orgânico-funcionais: alterações funcionais que evoluem para os órgãos envolvidos no uso da voz;
- Disfonias psicogênicas: alterações psicoemocionais.

De acordo com Behlau e Pontes (1995), muitos casos de disfonias funcionais estão relacionados à classe de professores, pois muito desses profissionais não têm uma formação e condições adequadas de trabalho. É o Distúrbio de Voz Relacionado ao trabalho presente na vida profissional do professor. Roy *et al.* (2004) afirmam que dentre os profissionais da voz falada, a categoria docente é a que apresenta maior prevalência de alterações vocais e disfonias.

O ambiente do trabalho docente e a falta de conhecimento expõem o professor a agentes agressores que podem influenciar a sua saúde vocal e geral nos ambientes escolares, na maioria das vezes, em salas de aulas com intenso ruído externo e interno. Externo, com salas que possuem janelas e portas voltadas para área de intenso ruído, como ruas de muito movimento ou escolas com estruturas de pátios centrais e fechados, estrutura recorrente nas escolas classes e jardins de infância na região de Brasília. As estruturas de espaços abertos e grandes do CAIC⁴⁶ contribuem para amplificar o som e provocar grande tempo de reverberação, segundo alguns professores participantes do curso de formação que desenvolvem atividades nessas unidades de ensino, realidade confirmada por Oiticica e Gomes (2004, p. 2.541) que identificaram escolas construídas no passado e que hoje estão criando condições de insalubridade com dificuldade da percepção sonora, provocando uma menor compreensão de fala do aluno e aumentando o nível de estresse do professor, uma vez que o esforço para ser compreendido e transmitir o conhecimento é aumentado.

Na busca de soluções para um ambiente físico adequado, Oiticica e Gomes (2004) destacam:

Defesa do ruído: é o estudo das condições acústicas aceitáveis nas construções, ocupando-se em isolar o ruído externo para promover o conforto dos usuários. 2- Controle de sons nos recintos: melhorar as condições de cada sala, considerando-a isenta do barulho externo. Estuda a forma de tratamento dos ambientes de modo a torná-los acusticamente satisfatórios (OITICICA, GOMES, 2004, p. 2.541)

⁴⁶ CAICs – Centro de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente com a intencionalidade de oferecer à comunidade um ensino integral, com atendimento médico/odontológico e também cursos profissionalizantes. Hoje funcionam apenas como uma instituição escolar. (educacao.df.gov.br)

A Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) dispõe uma escala de níveis de ruídos, dentre eles o nível confortável para o ambiente escolar:

35-45 decibéis (dB) para bibliotecas, salas de música, salas de desenho;

40-50 dB para salas de aula e laboratórios;

45-55 dB para áreas de circulação e comuns.

O desconhecimento de cuidados com a voz e o comportamento inadequado são aspectos que na atividade profissional do professor estão bastante presentes e esses podem provocar o mau uso ou o abuso vocal. De acordo com Fuess (2003), esse fator pode ocasionar lesões fonotraumáticas. Ainda de acordo com esse autor, o abuso vocal refere-se à utilização da voz acima dos limites saudáveis, mesmo com a utilização de uma técnica vocal. Em relação ao mau uso vocal, esse é caracterizado por desvios de padrões corretos da emissão, seja do tom e da intensidade, seja pela utilização da respiração e das cavidades de ressonância de forma incorreta. Fuess (2003) apresenta uma análise da conduta vocal e destaca os seguintes aspectos do mau uso:

- Utilização de uma respiração incorreta e insuficiente;
- Manutenção de posturas inadequadas para a emissão vocal;
- Tendência generalizada a manter tensão muscular na zona do pescoço, da mandíbula e da cavidade oral;
- Tendência a iniciar a fonação mediante ataque vocal brusco;
- Quanto às frequências tonais, observa-se o uso do tom conversacional abaixo do tom vocal do indivíduo. Esse tom vocal mais grave produz cansaço da musculatura laríngea;
 - Dificuldades para a colocação da voz nas cavidades de ressonância, produzindo timbres vocais roucos, com uso excessivo das cavidades larigofaríngeas;
 - Dificuldades de dominar a intensidade, aumentando-a não por uma adequada respiração e utilização das cavidades de ressonância, mas sim por um aumento do tônus muscular do pescoço e da laringe, com conseguinte esforço vocal.

O desconhecimento de preparação e conduta vocal adequada à atividade profissional pode levar ao surgimento de sinais e/ou sintomas de efeitos nocivos ao aparelho fonador. Os professores apresentam, na maioria das vezes, características

de abuso vocal ou mau uso pelas condições dadas às suas atividades profissionais. De acordo com Behlau (2005), o professor trabalha sem conhecimentos e mantendo uma conduta vocal inadequada:

O professor ensina sem preparação vocal, as condições de trabalho não favorecem a saúde de sua voz e ele desenvolve uma disfonia; como tem poucos recursos para se tratar, ou continua lecionando e piorando sua condição ou reduz sua jornada de trabalho e passa a ganhar menos ainda e passa a ter menos recursos para se tratar; o estresse adicional agrava a sua situação e é, por vezes, muito difícil interromper esse circuito. (BEHLAU, 2005, p. 312)

Trabalhamos uma formação docente que promova o conhecimento e a compreensão do seu principal instrumento de trabalho que é a voz, pois mesmo sendo a voz o principal instrumento de trabalho dos professores, há ainda ausência de orientação e preparo vocal mínimo referente ao uso profissional da voz na realidade do professor brasileiro (DRAGONE,1996; BEHLAU *et al.* 1997).

5.5.6.4.1 Educação e Saúde na formação do Professor

A Organização Mundial de Saúde (OMS) define saúde como um estado dinâmico-social e socioeconômico, como resultado do indivíduo às condições do meio onde vive e trabalha. As experiências e vivências constituirão a sua história, de modo a viver condições e momentos de saúde/doença ao longo da vida. Dessa forma, podemos inferir que a promoção da saúde do indivíduo está relacionada à aquisição de informações necessárias diante das condições do meio para interferir na promoção de sua saúde.

Assim, pautar a saúde na formação do professor é pensar em uma ação voltada para educação em saúde. Segundo a OMS, a educação em saúde é entendida como sendo uma combinação de ações e experiências de aprendizado planejado com o intuito de habilitar as pessoas a obterem controle sobre fatores determinantes e comportamentos de saúde. Marcondes (1959 *apud* SANTOS, 1988) define educação em saúde como sendo um conjunto de atividades que sofrem influência e modificação de conhecimentos, atitudes, comportamentos, sempre em prol da melhoria da qualidade de vida e de saúde do indivíduo.

As pesquisas na área da fonoaudiologia apontam para a necessidade de ações educativas relacionadas à formação do professor na temática sobre saúde vocal e saúde em geral. Segundo Smith *et al.* (1997 *apud* ORTIZ *et al.*, 2004), a

classe docente é a que apresenta maior prevalência de alterações vocais e disfonias, além de diversos problemas de saúde em função do exercício da profissão e, como já citamos, há uma ausência de orientação e preparo vocal mínimo referente ao uso profissional da voz na realidade do professor brasileiro (DRAGONE, 1996; RODRIGUES; AZEVEDO; BEHLAU, 1995).

O fonoaudiólogo que atua em saúde do trabalhador e no papel de mediador de um processo educativo em saúde necessita de um trabalho pautado no diálogo e na troca de conhecimentos para propiciar condições de desenvolvimento, reflexão, transformação e mudança junto à comunidade e a toda a sociedade (GONÇALVES, PENTEADO; SILVÉRIO, 2005). Dessa forma, as ações educativas não devem se limitar apenas à transmissão de informações e técnicas sobre a voz e a saúde, mas possibilitar o desenvolvimento da consciência crítica e reflexiva visando a uma mudança de comportamentos prejudiciais à saúde.

Em nossa visão pedagógica, consideramos o desenvolvimento profissional como um *continuum*. Nóvoa (1995, p. 26) destaca a importância de uma formação dialógica, à qual denominou "redes de autoformação participada", pois a interação com os pares e o diálogo entre os professores constituem momentos privilegiados de formação. O diálogo entre os professores é fundamental para consolidar saberes emergentes da prática profissional (NÓVOA, 1995).

De acordo com Buss e Carvalho (2009), a promoção da saúde é uma estratégia promissora para enfrentar os múltiplos problemas de saúde que afetam as populações humanas e seus entornos. Neste estudo a população são os professores profissionais de educação, que necessitam de mudanças em sua formação. Os procedimentos de avaliações, triagens e encaminhamentos no sistema educacional não se mostraram meios eficazes de prevenção de alterações da comunicação (PENTEADO, 2002, p. 37). Dragone *et al.* (2010) também enfatizam que existe uma grande distância entre a realização de trabalhos sobre a voz do professor e a implementação das mudanças sugeridas pelos seus resultados.

Assim, também ressaltamos a importância de um trabalho pautado na realidade, com diagnóstico situacional para um melhor trabalho de promoção da saúde, como Penteado (2002, p. 28-37) sugere: a visão da saúde e sua promoção implicam buscar estratégias para a ação fonoaudiológica que incorpore características dialógica, reflexiva, participante e problematizadora, as quais possibilitem aos sujeitos identificar e analisar os determinantes de suas condições

de vida e saúde e que ofereçam alternativas para controlá-las, melhorando e transformando a sua realidade. Segundo essa autora, a perspectiva da promoção da saúde é uma possibilidade para a prática fonoaudiológica no campo da saúde do trabalhador para o encontro da Fonoaudiologia com a realidade de vida da população.

Assim, o objetivo deste trabalho é analisar o impacto da formação continuada e a possibilidade desta como ação educativa, por meio do desenvolvimento do curso “Usos e Desusos da Voz” em ambiente dialógico que desperte a consciência, a autopercepção e o autocuidado visando à promoção da saúde vocal.

5.5.6.4.2 Ações desenvolvidas na SEE-DF para a promoção da saúde vocal docente

A Política Integrada de Atenção à Saúde do Servidor Público do Distrito Federal foi instituída no Decreto nº 33.653, de 10 de maio de 2012. Já a Portaria nº 55, de 21 de maio de 2012, estabeleceu o Manual de Saúde e Segurança do Trabalho do Servidor Público do DF, como também oficializou o Programa de Saúde Vocal (ROCHA, 2012 *apud* FERREIRA *et al.*, 2015, p. 49).

O professor, como profissional da voz, necessita conhecer e/ou aprimorar a voz para diminuir o absenteísmo docente, melhorar a qualidade de vida. Nessa profissão é grande o número de pedidos de licença médica e de readaptação de cargos e funções de professores que deixam de ministrar aulas por problemas de voz (PINTO, FURCK, 1988).

Neste contexto, identificamos a Subsecretaria de Segurança e Saúde no Trabalho (Subsaúde)⁴⁷ que desenvolve o Programa de Saúde Vocal (PSV), que visa promover e prevenir diversos distúrbios vocais dos servidores do GDF, especificamente os professores da Secretaria de Educação do Distrito Federal – SEEDF. O trabalho é realizado por equipe multiprofissional com médico otorrinolaringologista e fonoaudiólogas. Entre as ações realizadas no programa, estão triagem, exame de videolaringoscopia, grupo de suporte vocal. As atividades desenvolvidas são curtas oficinas e palestras realizadas, algumas nas instituições de ensino, sobre hábitos vocais para os professores da instituição.

⁴⁷ Decreto Nº 34.023, de 10 de dezembro de 2012; Art.36º a Art.41º.

Outro programa que faz parte da ação da equipe de fonoaudiólogos é o Programa de Saúde Auditiva (PSA). Este visa à prevenção, orientações e tratamento adequado à Perda Auditiva Induzida pelo Ruído (PAIR) relacionada ao trabalho⁴⁸.

No organograma da SEEDF identificamos que em 2015 foi criada a Coordenação de Gestão de Pessoas, vinculada à Subsecretaria de Gestão de Pessoas (SUGEP), que passou a desenvolver políticas públicas voltadas a promover qualidade de vida e bem-estar no ambiente de trabalho para os servidores. Atualmente, Gerência de Apoio e Desenvolvimento de Pessoas (GADEP). De acordo com o Artigo 115, inciso II do Manual de Procedimentos Administrativos (2019), as ações estão voltadas a:

II. Promover, no âmbito da Secretaria, ações de valorização, motivação, integração, troca de experiências;

O Conceito é desenvolver pessoas: É proporcionar conhecimento ao indivíduo, por meio de ações para melhoria na qualidade de vida e para o desenvolvimento das habilidades pessoais, a fim de potencializar a construção do conhecimento humano para realizações pessoais e profissionais em sua integralidade (MANUAL DE PROCEDIMENTOS ADMINISTRATIVOS SERVIDORES DA SEEDF⁴⁹, 2018, p. 36)

Dentre as ações está o Programa DEBEM, que visa congrega projetos, planos e ações destinados à promoção de bem-estar e qualidade de vida no ambiente de trabalho, bem como à prevenção do adoecimento dos profissionais da educação. (MEDEIROS; ANDRADE; AGUIAR, 2018, p. 29-30). Na composição da equipe, a presença do profissional com formação na área de fonoaudiologia viabiliza ações que envolvam a promoção da saúde vocal dos servidores.

A Subsecretaria de Formação Continuada dos Profissionais da Educação (EAPE) tem políticas na perspectiva da formação continuada ser um processo permanente de desenvolvimento profissional e de (re)construção de saberes, pois considera a atualidade, as alterações do mundo do trabalho e as demandas a partir das dimensões pessoais e profissionais.

Compõe a política de formação continuada o desenvolvimento da pesquisa que permite ao professor-formador encontrar-se como pesquisador e ser (DEMO, 2003) um sujeito ativo, crítico, questionador de forma a estabelecer uma melhor compreensão da realidade e buscar ações interventivas.

⁴⁸ Outros programas de prevenção e grupos de saúde geral desenvolvidos pela Subsaúde podem ser consultados no site <http://www.economia.df.gov.br>.

⁴⁹<http://www.educacao.df.gov.br/2019/04/Manual-de-Procdimentos-Administrativos-SUGEP.pdf>

Para atender à especificidade do trabalho docente em relação ao uso da voz na profissão, diante das necessidades e motivos levantados pelos professores, desenvolvemos uma proposta inicial de curso. Trabalhamos a partir dos saberes dos professores e buscamos ampliar o conhecimento no curso sobre a voz do professor. Entretanto, nosso estudo foi além do curso e realizamos um levantamento sobre quais trabalhos e propostas de atividades são realizadas no âmbito da SEEDF para a promoção da saúde vocal do professor.

Neste momento do trabalho de pesquisa, após a realização do curso, continuamos nosso processo de formação porque, segundo Curado Silva (2011), o professor que se põe como pesquisador participa do seu próprio processo de formação como produtor de conhecimento. Como profissionais interessados conheceram o contexto de ações educativas sobre a voz.

Em conversas elucidativas com profissionais da área de educação, da fonoaudiologia, no levantamento com os professores participantes do curso e na leitura de documentos, identificamos algumas atividades no âmbito da SEEDF de promoção da saúde vocal, que apresentamos no quadro 3:

Quadro 3 - Identificação de Ações educativas de promoção da saúde vocal na SEEDF

Tipo de evento	Realização	Programa/ ação
<ul style="list-style-type: none"> • Palestras • Oficinas • Cursos • Avaliação • Programas 	<ul style="list-style-type: none"> • Equipe PSV • DISER • EAPE • Escola e fonoaudióloga convidada 	<ul style="list-style-type: none"> • Palestra Dia da Voz⁵⁰ • Uso da voz do profissional de educação • Preparando a voz para a sala de aula • Curso de voz para profissionais da Carreira Assistência • Usos e Desusos da Voz Docente do Ensino Básico (90h, 120h)

Fonte: Pesquisadora (2020).

A realização de programas e a busca de formas para enfrentar os fenômenos do presenteísmo⁵¹ e absenteísmo (MEDEIROS; ANDRADE; AGUIAR, 2018;

⁵⁰O dia 16 de abril é o "Dia Mundial da Voz". A comemoração foi iniciada no Brasil, em 1999, e a partir de 2003 passou a ter expressão internacional, com diversos eventos organizados também nos Estados Unidos, Europa e Ásia. O objetivo é promover a conscientização da população sobre a importância da voz humana para a promoção da saúde. Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia. <https://www.sbfa.org.br/campanhadavoz>. Acesso em: 19/08/2019.

OLIVEIRA *et al.*, 2015) na educação pública do DF apresenta desafios na visão dos profissionais envolvidos nessas ações. De acordo com Medeiros, Andrade e Aguiar (2018), a busca pela construção de uma política de saúde e bem-estar no ambiente de trabalho não constitui tarefa fácil. Segundo Oliveira *et al.* (2015 *apud* FERREIRA *et al.*, 2016, p. 935), implantar um programa de promoção de saúde vocal é um desafio imenso, pois o quantitativo de professores em exercício da rede é grande, enquanto há um número pequeno de fonoaudiólogos. A dinâmica do encontro entre a equipe e o professor é outro desafio quando o professor não se dispõe ou não se interessa em sair da escola para participar de oficinas e palestras.

Entre desafios e ações, os profissionais também relataram a importância do trabalho para promover mudanças. A experiência na implementação do Programa DEBEM revelou a importância dessa iniciativa que indicou uma disposição da instituição e dos servidores para terem relações mais humanizadas e eficazes no enfrentamento dos desafios de promoção da saúde na educação pública do DF. A equipe do Programa de Saúde Vocal destaca as ações:

É fundamental que projetos como este ganhem cada vez mais espaço dentro das instituições de ensino, a fim de apoderar o professor de informações que o auxiliem a realizar o seu trabalho com saúde e qualidade, visto que a maioria desses profissionais relata nunca ter recebido, durante a graduação, magistério ou vida profissional, qualquer orientação sobre a voz e sobre os cuidados necessários para mantê-la saudável. (OLIVEIRA, *et al.*, *apud* FERREIRA; SILVA; GIANNINI, 2015, p. 53).

O trabalho de pesquisa constante e essencial para buscar novos conhecimentos e ações. De acordo com Demo (2001)

A pesquisa é fundamental para descobrir e criar. É o processo de pesquisa que, na descoberta, questionando o saber vigente, acerta relações novas no dado e estabelece conhecimento novo. É a pesquisa que, na criação, questionando a situação vigente, sugere, pede, força o surgimento de alternativas. (DEMO, 2001, p. 34).

Assim, em nossas vozes finais deste tempo de dissertação, esperamos conhecer o impacto da formação e a possibilidade de sua ampliação como mais uma ação dentro da SEEDF para a promoção da saúde vocal do profissional de

48 Presenteísmo – é a presença do trabalhador, mesmo sentindo mal-estar físico e/ou emocional, e em consequência apresenta baixo rendimento, motivação e satisfação na realização do trabalho. Absenteísmo - é o fenômeno da ausência do trabalhador ao trabalho, seja por falta ou por atrasos. Disponível em: <https://www.blogsegurancadotrabalho.com.br/absenteismo-e-presenteismo-diferenca>. Acesso em 21 set. 2020.

educação, como resultado efetivo de nossa ação de pesquisa para a libertação do professor de sua condição de desconhecimento sobre a voz.

6 VOZES ECOAM NA PRÁTICA SOCIAL FINAL: INTERLOCUÇÃO E ANÁLISES ENTRE PRIMAVERAS...

Retomamos o nosso objetivo de verificar se o impacto da estratégia dialógica, reflexiva e participativa desenvolvida no curso “Usos e Desusos da Voz Docente” como formação continuada poder ser uma possibilidade de promoção da saúde vocal dos docentes da SEEDF. Aplicamos nessa prática o instrumento de pesquisa questionário; também incluímos nessa fase conversas via WhatsApp⁵² mantidas nos grupos de contatos criados durante o curso e mantidas após o curso. Assim, esses recursos permitiram informações para gerar os dados e as análises que permitissem:

Identificar as mudanças de comportamento vocal do professor após o curso de formação continuada: pessoais, profissionais e no ambiente de trabalho;

Verificar com os professores a existência de programas e/ou atividades desenvolvidas na SEEDF sobre a saúde vocal do professor;

Recolher avaliações e sugestões sobre o curso “Usos e desusos da Voz docente” para proposição de novas ações voltadas à saúde vocal do professor.

Para a coleta de dados, as perguntas basearam-se em roteiro elaborado previamente pela pesquisadora. Um questionário organizado com questões fechadas e abertas, as quais foram elaboradas segundo os objetivos dessa fase; as perguntas buscaram analisar o impacto da formação, por meio da evidência de ações de cuidados realizadas após a participação no curso.

Devido à atual realidade, a pandemia COVID-19, não se utilizou instrumento que necessitasse de encontros presenciais. Escolhemos o questionário, em ambiente virtual, no recurso do *Google Docs*, que permite: a criação de formulários para pesquisas; facilidade de criação e recebimento; respostas de questões não interpretativas geram gráficos; e a situação de disponibilidade para os professores no preenchimento respeitando as atuais normas de isolamento e afastamento social.

Enviamos 150 questionários sem a possibilidade de identificação, a fim de manter a liberdade de participação e o anonimato.

Para obter uma amostra de representatividade dos professores participantes de todos os momentos da pesquisa, utilizamos dois critérios: envio do questionário para participantes dos anos do curso (2016, 2017, 2018) e envio aos professores

⁵² Whatsapp é um *software* para *smartphones* utilizado para troca de mensagens de texto instantaneamente, além de vídeos, fotos e áudios através de uma conexão com a internet. Esse foi um recurso bastante utilizado no curso quando propusemos atividades com aplicativos que modificavam a voz.

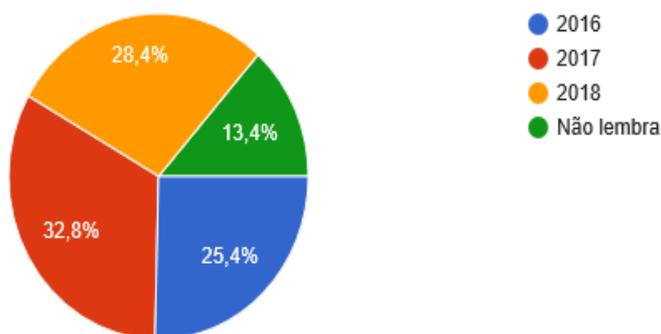
que participaram, como também aos professores que não participaram do PEC , mas participaram do processo de desenvolvimento da formação continuada de acordo com a proposta planejada no PEC. Percebemos uma realidade constituída nesse período de pandemia nessa fase da pesquisa: a dificuldade de resgatar contatos, pois alguns mudaram o número de telefone e/ou endereços eletrônicos; da mesma forma, o receio de responderem a um questionário relacionado ao resultado da participação no curso, pois já haviam- se passado alguns anos do término do curso. Além disso, o contato virtual, para alguns, gerou desconfiança, e foi preciso um contato direto com a pesquisadora para confirmar o propósito da mensagem virtual. Neste aspecto, comentamos a pouca realização de ações de acompanhamento dos resultados que não sejam os imediatos ao término do curso.

Conseguimos, por fim, o retorno de 67 questionários respondidos. Dentre estes, 30 participaram dos dois momentos (prática social inicial e prática social final) e 37 apenas da final. Entretanto, analisamos todas as respostas sem diferenciar cada grupo, pois o objetivo foi manter nos dados e análises finais a representatividade de todos os anos de participantes e em todos os momentos e práticas de realização do trabalho e da pesquisa.

Os dados serão apresentados sob a forma de gráficos em percentuais e figuras que contemplam os depoimentos dos professores nas questões abertas de acordo com os procedimentos de Análise de conteúdos em suas fases: pré-análise, exploração do material, tratamento dos resultados, inferência e interpretação, conforme apontam Bardin (1977) e Franco (2008).

Após a compilação dos dados levantados nesta pesquisa, foi gerado o Gráfico 6, que proporciona a visualização de todos os anos contemplados: 25,4% participaram em 2016; 32,8% participaram em 2017; 28,4% participaram em 2018 e 13,4% não se recordam do ano de participação.

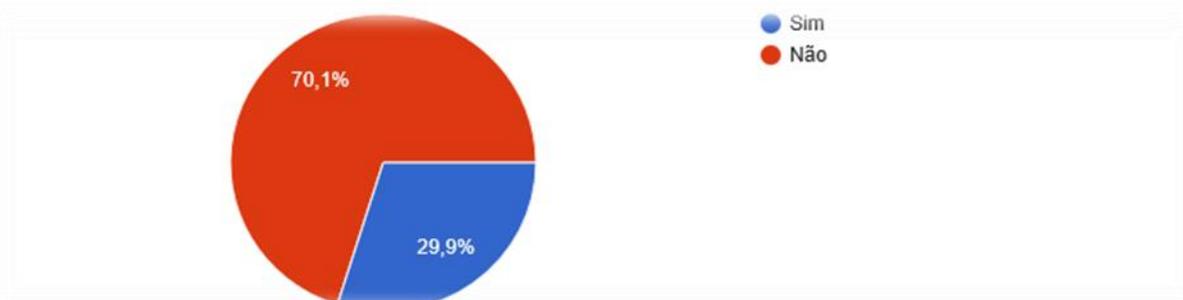
Gráfico 6 - Ano de participação de professores no curso de formação continuada “Usos e Desusos da Voz Docente”



Fonte: Pesquisadora (2020).

O Gráfico 7 informa a abordagem de conhecimentos sobre a voz na formação inicial ou continuada, indicando que 70,1% responderam que não receberam conhecimentos sobre voz a partir de suas formações, enquanto 29,9% receberam.

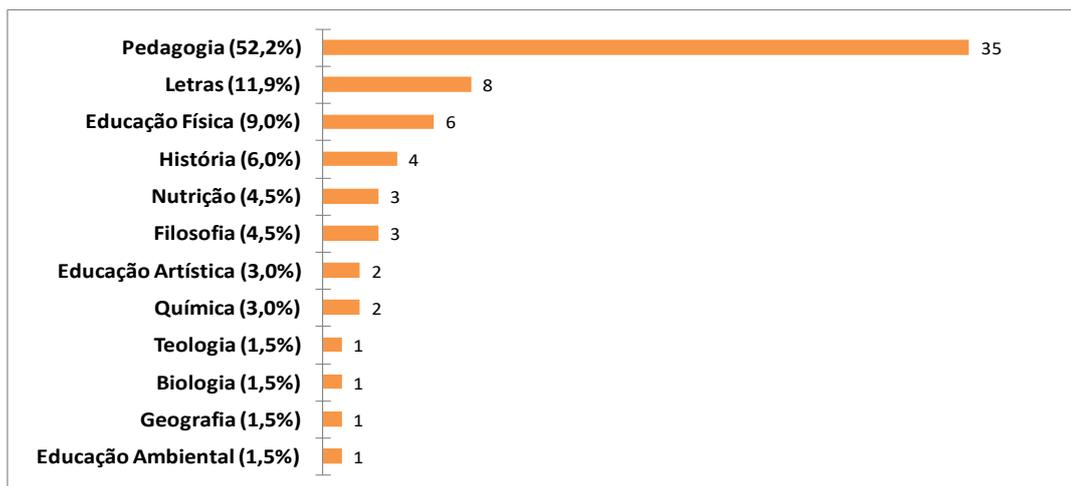
Gráfico 7 - Conhecimentos sobre voz humana na formação inicial ou continuada de professores do ensino básico



Fonte: Pesquisadora (2020)

Com base nesses dados, foi gerado o Gráfico 8, permitindo observar o maior número de profissionais que não obtiveram conhecimentos sobre o uso da voz na profissão na formação inicial: 52,2% são da área de Pedagogia. Também verificamos a variedade das formações dos professores que procuraram participar do curso disponibilizado na formação continuada com: Letras 11,9%, Educação Física 9%. As demais, 6% História, 4,5% Nutrição e Filosofia; 3,0% Educação Artística e Química, 1,5 % para cada Teologia, Biologia, Geografia, Educação Ambiental.

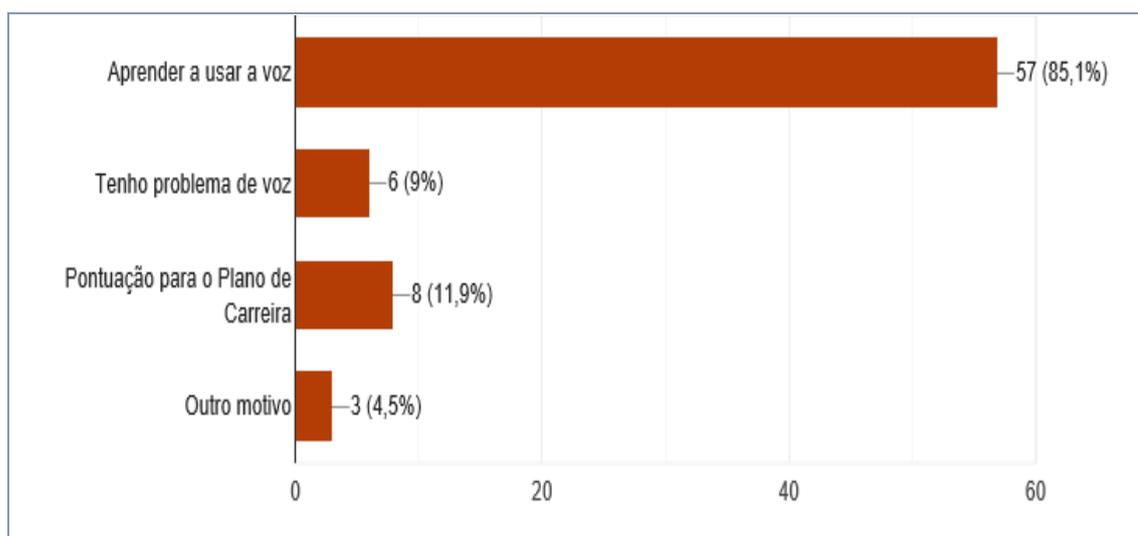
Gráfico 8 - Curso de graduação dos professores



Fonte: Pesquisadora (2020).

Já no Gráfico 9, buscamos o motivo que fez o professor participar do curso. A grande maioria, 85,1%, desejava aprender a usar a voz; 11,9% participaram para a pontuação no Plano de Carreira Magistério - SEEDF; enquanto 9% já apresentavam problemas e 4,5% não indicaram o motivo.

Gráfico 9 - Motivo de interesse de participar do curso “Usos e Desusos da Voz Docente”

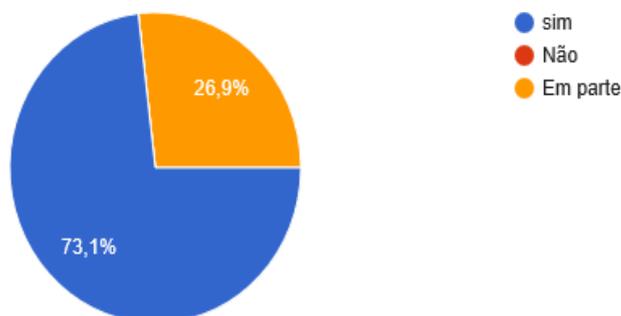


Fonte: Pesquisadora (2020).

No Gráfico 10, pode-se concluir que 73% dos respondentes colocaram em prática os ensinamentos do curso, o que gerou mudança no comportamento, o que, somado a outra parcela de 26,9%, atinge quase a totalidade do número de

respondentes. Nota-se que nenhum professor afirmou que o curso não mudou seu comportamento no uso da voz.

Gráfico 10 - Dados sobre a prática dos ensinamentos do curso de professores

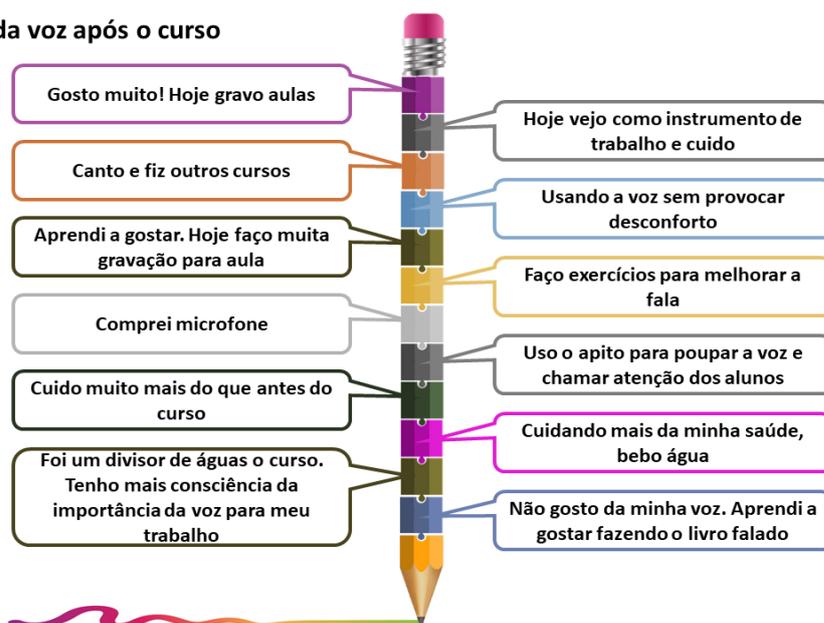


Fonte: Pesquisadora (2020).

Desses dados, geramos o Quadro 4 sobre como ficou a relação e as atitudes do professor com a própria voz após participar do curso. Pode-se observar uma maior valorização e aceitação da voz por parte do professor. Observam-se também cuidados, uso de estratégias para evitar o uso excessivo e participação em outros cursos e palestras. Lembramos que a questão gera respostas discursivas.

Quadro 4 - Depoimento do professor sobre a valorização da voz após participação no curso de formação continuada “Usos e Desusos da Voz Docente”

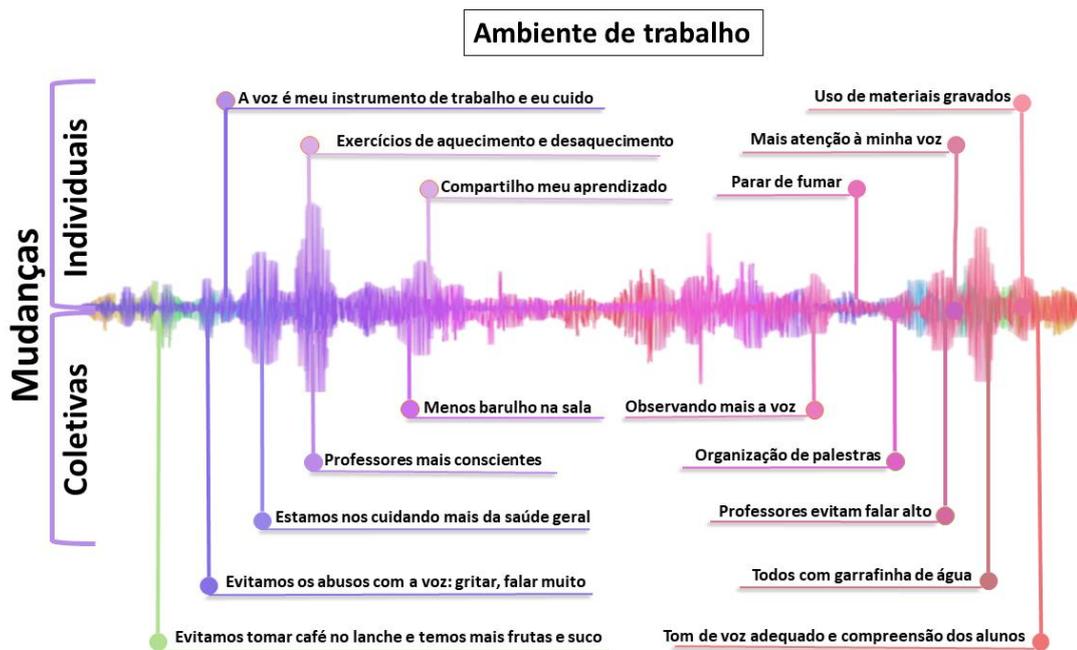
Valorização da voz após o curso



Fonte: Pesquisadora (2020).

O Quadro 5 resume os dados permitindo identificar quais foram as mudanças mais referendadas que ocorreram no ambiente de trabalho. Na compilação observamos mudanças relacionadas a comportamentos individuais e coletivos no ambiente de trabalho. Assim, os conhecimentos aprendidos também foram compartilhados com outros membros da instituição de ensino, e um maior grupo foi conscientizado da importância dos cuidados com a voz docente. Combinamos trechos com a mesma ideia das respostas dadas.

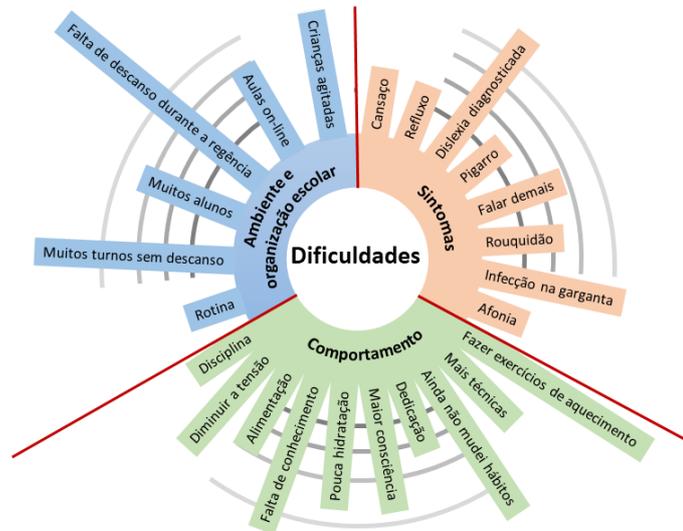
Quadro 5 - Registro sobre mudanças ocorridas após a participação no curso “Usos e Desusos da Voz Docente”



Fonte: Pesquisadora (2020).

Já o Quadro 6 aponta as dificuldades, na percepção dos professores, para cuidar da voz. As dificuldades estão relacionadas às condições e à organização do ambiente escolar, à dificuldade pessoal de mudar comportamentos, a sintomas sugerindo a continuidade dos abusos vocais e à problema de saúde vocal e geral já existente.

Quadro 6 - Dificuldades do professor para manter ações de cuidado com a voz após a participação no curso de formação continuada “Usos e Desusos da Voz Docente”

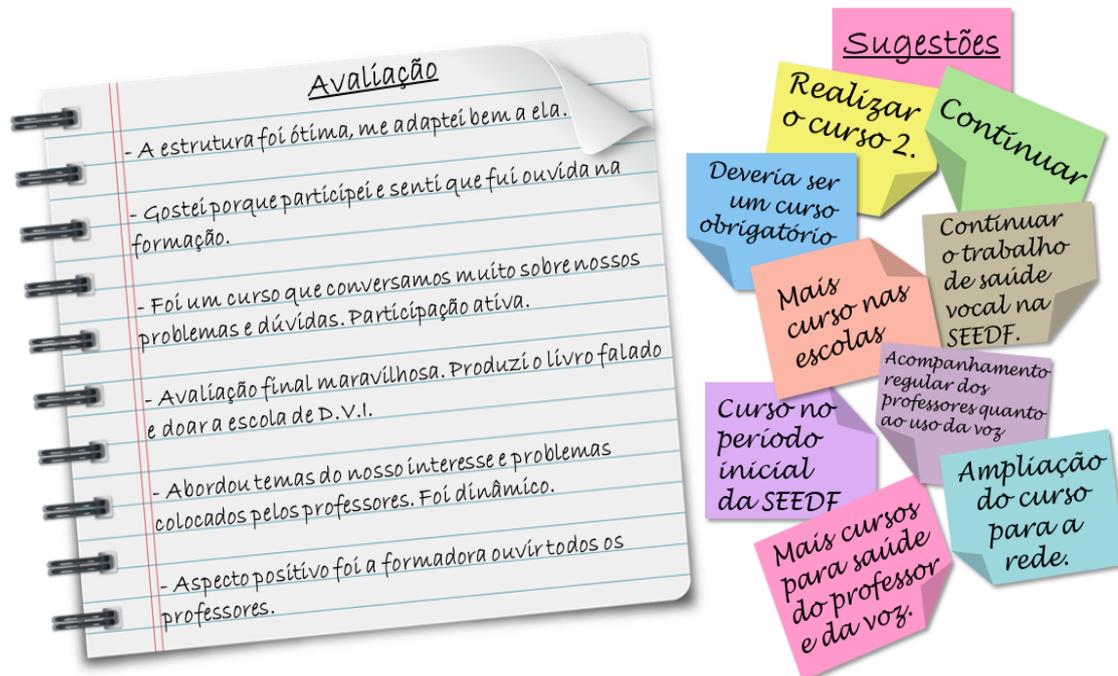


Fonte: Pesquisadora (2020).

Finalmente, o quadro 7 apresenta a avaliação do curso. De modo geral, todos os professores avaliaram o curso de forma positiva. Segundo os professores, o curso contribuiu para mudanças de comportamentos e cuidados após a participação. Consideram uma boa estrutura. Destacaram a proposta dialógica que permitiu falar sobre seus interesses e necessidades. A ação de produzir o livro falado foi bastante aceita como avaliação. Como sugestão, deram destaque para a continuidade, para a ampliação para toda a rede, como um curso que deveria ser obrigatório e ofertado no início da carreira. Sugeriram também acompanhamento do professor quanto ao uso da voz e propostas de mais cursos para saúde vocal e geral. Quase em totalidade, os professores concordam que o curso é uma proposta aceita para a promoção da saúde vocal do professor na SEEDF. Apenas um professor disse que somente o curso não é suficiente para conscientizar o professor de cuidados e práticas para a promoção da saúde vocal.

Quadro 7 - Trechos de depoimentos da avaliação e sugestões dos professores participantes da formação continuada do curso “Usos e Desusos da voz Docente”

Avaliação e sugestões do curso “Usos e desusos da voz”



Fonte: Pesquisadora (2020).

6.1 Conversando com os dados...

A partir dos dados gerados de 67 questionários respondidos, validamos o momento de análise do impacto da formação continuada que atendeu ao critério da representatividade de participantes de todos os anos: 25,4% participaram em 2016; 32,8% participaram em 2017; 28,4% participaram em 2018 e 13,4% não se recordaram do ano.

O aspecto referente a conhecimentos e informações sobre a voz confirma a fala de alguns professores sobre iniciar a profissão sem uma preparação vocal. Nesta pesquisa, 70,1% responderam que não receberam conhecimentos na formação inicial ou continuada; em referência à formação inicial, são pouco mais da metade de formados na área de Pedagogia, 52,2%, seguida de Letras 11,9%, Educação física 9%, História 6%. Assim, a falta de conhecimentos sobre o uso da voz é um aspecto recorrente nas formações dos professores. A falta de conhecimentos básicos sobre cuidar da voz (ALVES; ARAUJO; XAVIER NETO, 2010; FERREIRA, 2001) resulta em uso abusivo, inadequado, na utilização da voz por longos períodos sem repouso e competição com o barulho do ambiente. Outras

pesquisas também se referiram à ausência de orientação e preparo vocal mínimo referente ao uso profissional da voz na realidade do professor brasileiro (DRAGONE, 1996; RODRIGUES; AZEVEDO; BEHLAU, 1995). Isso causa o quadro de desconhecimento, despreparo e a não observação de hábitos da saúde vocal.

A falta de preparação e formação do professor ao ingressar na carreira pública pode ser um motivo de profissionais com pouco tempo de atuação no magistério se interessarem pela ação de promoção da voz docente oferecida no curso: 85,1% afirmaram o interesse em aprender a usar a voz, seguidos de 11,9% para pontuação para o Plano de Carreira. Dessa forma, inferimos a importância de uma formação para profissionais recém-efetivados no sistema de ensino, sugestão também apresentada pelos professores (Quadro 6). Na análise do percentual de professores que procuram a formação continuada para progressão no plano de carreira, acreditamos ser um incentivo para participar da formação continuada e um aspecto positivo na promoção da voz, desde que haja cursos relacionados na oferta da instituição. Isso consolida as sugestões de continuidade e ampliação do curso na avaliação dos professores, e a oferta via instituição EAPE pode contribuir para que a possibilidade da formação em saúde vocal seja validada também como uma forma de valorização do professor no plano de carreira.

A estratégia pedagógica desenvolvida no curso “Usos e Desusos da Voz Docente” na ação dialógica, participativa e reflexiva, desenvolvida no Planejamento Estratégico Comunicativo (PEC), de acordo com os professores, promoveu um impacto positivo nas ações e relações com a voz durante e após o curso. A maioria dos participantes, 73,1%, relataram que incorporaram os ensinamentos do curso em sua rotina, e 28,9% que incorporaram em parte os cuidados necessários para a saúde vocal. No ambiente de trabalho (Quadro 4) as mudanças ocorreram não somente em comportamentos individuais como a maior atenção à voz, parar de fumar, realizar os exercícios de aquecimento e desaquecimento; também aconteceram mudanças no comportamento coletivo dos professores que buscaram a conscientização na relação voz e alimentos. Alguns alimentos que podem interferir na produção da voz (SATALOFF, 1991) e que provocam o aumento do suco gástrico alteram a viscosidade da secreção mucosa e resultam na necessidade de pigarrear, como o café, derivados do leite, chocolate e devem ser evitados antes do uso da voz profissional. Os professores estão trocando o “cafezinho” na sala dos professores por sucos e mais frutas, todos os professores com garrafinhas de água para

hidratação, prática bastante recomendada para a saúde vocal do profissional. Assim, o processo educativo tornou-se mais efetivo quando foram propostas ações grupais, abrangendo outros membros da instituição de ensino: a equipe gestora incluindo palestras, o uso da voz em uma entonação adaptada e adequada pelos professores com a compreensão dos alunos, evitar ruídos no ambiente de ensino.

Quando solicitamos aos professores que relatassem as dificuldades para cuidar da própria voz, alguns continuaram a apresentar hábitos inadequados, dificuldades relacionadas ao ambiente, à dinâmica do trabalho e a problemas de saúde. No (Quadro 1) verificamos que o professor tem certa noção de seus problemas, e estes, em nosso quadro de correlações, estão muito próximos a resultados evidenciados em pesquisas. De acordo com Brum (2004 *apud* AMATO, 2010) são inúmeros os fatores e causas relacionados à disfonia do professor como hábitos vocais inadequados (beber pouca água, fumar, tossir etc.); fatores intrínsecos (resistência vocal, estado geral da saúde, alergias); fatores físicos e ambientais (número de alunos, ruído etc.) e uso abusivo ou incorreto (falar muito, falar alto, falar com tensão, entre outros). Desse modo, o professor tem um pouco de percepção de sua situação de desconhecimento e da realidade de suas condições de trabalho. Entretanto, como temáticas relacionadas à voz, a voz docente e cuidados com a voz não fazem parte de suas conversas na escola com colegas, não há trocas de experiências e conhecimentos, e no dia a dia a dinâmica da organização pedagógica vem primeiro, e as atividades, os cuidados com a voz e mesmo com a própria saúde ficam para um momento posterior.

O estudo mostrou que quando se busca um processo educativo de mudança a partir de ações dialógicas, participativas e reflexivas, se desenvolve uma melhor percepção pessoal, coletiva, social, profissional em relação ao uso da voz e a consciência das necessidades e dificuldades enfrentadas. Contudo, a realidade do profissional pode estar intrincada com a precariedade das condições de trabalho. Dessa maneira, os hábitos inadequados podem ter como causa o ambiente de trabalho, e a consequência são questões de saúde e a relação saúde/doença vivida pelo professor. Penteado e Ribas (2011) expõem que se devem considerar aspectos de interação, subjetividade, qualidade de vida, condições e organização do trabalho, imprevistos, adaptações, regulações e satisfação com o trabalho.

Em nossa pesquisa encontramos alguns profissionais que recorrem, como solução, à mudança de profissão e outros, à aposentadoria. Num estudo com a

finalidade de explorar a dimensão da interferência de um transtorno vocal no uso ocupacional, concluiu-se que professores teriam necessidade de mudar de ocupação, no futuro, por causa de um problema vocal (ROY *et al.*, 2004). Em todos os processos de formação que realizamos para a promoção da saúde vocal observamos que houve mudança, em maior ou menor grau, no uso da voz dos professores participantes do curso.

A organização e a estrutura do curso foram avaliadas como positiva pelos participantes. O uso de recursos da EaD e a proposta híbrida ajudaram os professores a adaptarem o tempo entre suas atividades no espaço de trabalho (escola) e o espaço de formação físico e virtual da EAPE.

A estratégia do PEC promoveu o sentimento de acolhimento no professor, que se sentiu acolhido por falar e ser ouvido no momento destinado a própria formação profissional. O curso, de acordo com os professores, identificou seus interesses em relação aos problemas, mas também provocou reflexões para buscar soluções. Atividade que superou a própria expectativa na sua realização, permitindo desenvolver um curso dinâmico que promoveu a participação de todos.

A avaliação do aprendizado por meio da produção do livro falado foi citada por alguns como maravilhosa. Os professores, nessa atividade, sentiram que a voz desperta emoções, traz satisfação e solidariedade. Na nossa experiência de mediar o aprendizado dos professores envolvendo-os na expressão da sensibilidade, por meio da própria voz, destacamos a importância do desenvolvimento da percepção auditiva, da propriocepção e da psicodinâmica vocal que permite cultivar uma maior consciência das dimensões que influem na produção vocal, revelando atributos positivos e negativos e a possibilidade de mudanças.

Os participantes deram algumas sugestões, sendo a maioria relacionada com a continuidade e ampliação do curso “Usos e Desusos da Voz Docente” para a rede, no início da carreira, inclusive de ser obrigatória a realização na escola. Também sugeriram mais cursos destinados à saúde do professor e à realização de acompanhamento do profissional professor no uso da voz.

6.2 A voz do Isolamento : Período de COVID-19

Estamos vivendo um novo espaço para exercer nossas atividades profissionais, que poderá influenciar o uso da voz no exercício da profissão. Em um

trabalho que considera o indivíduo um ser histórico, não se poderia deixar de observar a fala de professores em nosso processo de pesquisa realizado neste corrente ano e o novo contexto da voz docente.

O desenvolvimento desse contexto da educação é favorecido por um momento referencial da sociedade neste ano de 2020: um surto de Coronavírus (SARS-CoV-2), causador da Covid-19, que resultou em uma grande preocupação, em várias regiões do mundo.

Nesse novo cenário, autoridades da saúde indicaram intervenções não farmacológicas (INF), visando inibir a transmissão entre humanos e desacelerar o espalhamento da doença (GARCIA; DUARTE, 2020). As medidas incluem o fechamento de escolas, impossibilitando aulas presenciais nos espaços físicos escolares e levando o ambiente de ensino e aprendizagem e as relações professor/aluno para os ambientes virtuais: plataformas, WhatsApp, videoaulas, *lives*, entre outros recursos tecnológicos. Assim, o desenvolvimento desse novo espaço, influenciado pela pandemia, também é favorecido por aspectos relevantes da modernidade como a integração do sistema de ensino às novas necessidades do trabalho e à adequação da diversidade de modalidades de ensino às tecnologias existentes.

Esse novo espaço educativo pode ser visto como positivo para as mudanças nas relações e no processo de comunicação na educação. A era digital chegou ao ambiente escolar. Para isso, gestores, professores, estudantes e sociedade precisam estar preparados para quebrar velhos paradigmas e assumir um novo comportamento pedagógico. Até então, recursos digitais eram utilizados apenas como meios de apoio à aula do professor. Atualmente, os recursos digitais estão sendo incorporados efetivamente no trabalho diário de todos os profissionais como uma possibilidade de desenvolvimento da profissão e de ações educativas.

Estamos entrando em um momento de transformação em que a união de tecnologias físicas, digitais e biológicas vai modificar totalmente como trabalhamos. O professor terá que se capacitar em novos conhecimentos. Ademais, quando estudamos a voz do professor, não podemos deixar de considerar aspectos da organização do trabalho docente. Oiticica e Gomes (2004) destacam a cobrança constante aos docentes de conhecimentos, informações e rápida adaptação aos valores tecnológicos em ambientes e organizações nem sempre adequados, que

não oferecem condições suficientes para as práticas educacionais e formacionais. (OITICICA, GOMES, 2004)

Essas mudanças exigem do professor um cuidado com a voz para que a comunicação seja eficaz, neste período de trabalho remoto em que os recursos tecnológicos estão mais presentes na atividade pedagógica docente, com constantes gravações, videoaulas ou áudios. Face à realidade do trabalho docente, acreditamos que formações que desenvolvam habilidades no aprimoramento da voz falada para uma melhor qualidade e promoção da saúde vocal também serão necessárias frente ao aumento das atividades em que o professor necessita usar a voz. Porém, essa observação, neste momento, se abre para um futuro estudo mais detalhado, pois em nossa análise encontramos professores que sentem que o trabalho remoto está permitindo poupar a voz, enquanto outros se referem ao seu uso excessivo. Vejamos trechos dos depoimentos:

[...] Sim. Com aulas on-line acabo falando mais do que nas presenciais. (respondente 8)

[...] Neste momento de pandemia, em que estamos em teletrabalho, em quarentena, em isolamento social [...], a voz está sendo mais poupada, diferentemente de quando estamos em sala de aula, presencialmente, com carga horária cheia, atendendo diretamente nossos alunos, expostos a ambiente tumultuado, barulhos, clima seco, etc., o que exige muito mais cuidados com a nossa voz. (respondente 29)

Esse dado surgiu em nossa pesquisa na análise do questionário da questão sobre dificuldade para cuidar da voz após participação no curso. No aspecto do ensino em ambiente virtual, encontramos um estudo de Ferreira *et al.* (2007) sobre a atividade virtual de professores que concluiu que ela pode causar problemas:

O sofrimento advém do esgotamento emocional, do desgaste e frustração e do estresse. O esgotamento emocional origina-se da autoexigência em se fazer presente junto aos alunos e pelo atendimento individualizado. O desgaste e a frustração resultam da falta de autonomia no planejamento de atividades. O estresse é causado pelo intenso trabalho com o computador (FERREIRA *et al.*, 2007, p. 128).

Assim, estamos vivendo uma realidade que apresenta novos contextos, como o ambiente virtual, porém com problemas anteriores do mundo real, como o uso da voz docente na profissão. São necessárias mais pesquisas sobre essa realidade para compreender o professor a partir da escolha das tecnologias e a definição das condições de trabalho, pois como o pesquisador citado considerou, também inferimos que o sofrimento causado pelas condições de trabalho pode deixar o docente suscetível à ocorrência de abusos vocais.

7 VOZES FINAIS

A voz humana faz parte do nosso processo de comunicação. Apresenta transformações anatômicas que diferenciam o homem de outras espécies, como também influenciam o seu modo de vida. A voz é um elemento característico do sujeito social e cultural, uma das formas de expressão do indivíduo com o meio exterior.

A voz do professor, para alguns, é um instrumento de trabalho, para outros o professor é um profissional da voz. Para nós, a voz é um recurso pessoal constantemente solicitado na atividade profissional docente.

O professor é um profissional da voz (BEHLAU, PONTES, 1995) e mesmo tendo a voz como principal instrumento de trabalho, há ainda ausência de orientação e preparo vocal mínimo referente ao uso profissional na realidade do professor brasileiro (DRAGONE, 1996; RODRIGUES; AZEVEDO; BEHLAU, 1996). Assim, se desenvolve um processo atitudinal de prejuízo pessoal, social e profissional. Ensina-se em condições de trabalho não favoráveis à saúde de sua voz, desenvolve-se uma disfonia; e como o professor tem poucas condições para se tratar, continua trabalhando e diminuindo sua capacidade, o estresse agrava a sua situação e cria um circuito difícil de interromper (BEHLAU, 2005, p. 312). E há anos vem aumentando o número de pedidos de licença médica, de readaptação de cargos e funções de professores que deixam de ministrar aulas por problemas de voz (PINTO, FURCK, 1988; MEDEIROS, 2010).

Tais condições, adversas à saúde vocal, também foram pesquisadas no Distrito Federal. Professores apresentam alterações pelo uso excessivo da voz (QUINTANILHA, 2006), sendo os distúrbios de voz a terceira causa de readaptação dentro da rede de ensino do DF (MEDEIROS, 2010). A maioria dos professores cita nunca ter recebido, seja na graduação, no magistério ou na vida profissional, orientações sobre os cuidados para manter a voz saudável (OLIVEIRA, *et al.*, 2015).

Em nossa pesquisa, também encontramos 70,1% de professores que relataram não ter conhecimentos sobre a voz advindos de suas formações. Complementando os dados, verificamos que a grande maioria tem graduação na modalidade licenciatura, e desses profissionais um pouco mais da metade, 52,2%, são formados na área de Pedagogia, seguidos por 11,9% em Letras. Com estes

dados, retomamos a observação de Simberg e Rönnekaa (2004) sobre uma carência na formação do professor, pelo fato de que futuros professores desenvolvem períodos de prática docente como parte de seus estudos, mas o fazem sem a adequada educação vocal, o que os conduz a um padrão vocal inadequado para a sua vida profissional.

Assim, a partir de nossa pesquisa e dos dados da realidade já observada, é possível sugerir que programas e currículos dos cursos destinados à formação de professores incluam orientação e preparo vocal referente ao uso profissional da voz. Uma mudança que não seja uma simples composição de conteúdos, mas permita o desenvolvimento profissional e pessoal na tentativa de termos uma voz saudável e apta para o exercício da docência, sendo o fonoaudiólogo o profissional mais adequado para falar sobre a voz na saúde vocal.

Nesse aspecto, tornar o professor apto para o uso da voz exige um desenvolvimento profissional e pessoal adaptado aos seus interesses e necessidades. Não basta dominar somente técnicas vocais ou temas e conteúdos, mas é necessária uma orientação de modo que o professor seja ativo em sua própria formação na aquisição dos conhecimentos do seu recurso pessoal: a voz.

Onde está a voz do professor? Como está a voz? A voz está no seu corpo, faz parte do seu processo de desenvolvimento, forma a sua identidade pessoal e profissional.

A produção do conhecimento da voz acontece em uma intrínseca relação voz e todo o corpo. “Tomar consciência do próprio corpo é ter acesso ao ser inteiro [...]” (BERTHERAT; BERNSTEIN, 1982, p. 14). Dessa forma, quando nos propomos a encontrar a voz, trabalhamos nossas experiências sensoriais: sentir a voz, perceber a voz, falar da voz.

A aprendizagem sobre a voz deve ocorrer por meio da experiência de cada indivíduo sem muitas informações. Buscamos a voz na experiência, a relacionada ao próprio sujeito e nos diálogos feitos por ele entre o conhecimento, a sua identidade pessoal e a sua vida. O sujeito é quem define o que tem sentido e o que é sem sentido no seu processo formativo. (BONDÍA, 2002).

Destarte, a nossa formação continuada, um processo de desenvolvimento profissional (NÓVOA, 1992) para formar e formar-se, coloca o professor como pessoa disposta a tomar atitudes que o coloquem em uma prática de questionamento e mudança.

Diante disso, nossas experiências profissionais e os caminhos inesperados surgem e nos colocam desafios, quando estamos dispostos a realizar trabalhos que não sejam meras composições de temas e atividades, mas propostas de mudanças e transformações.

Dessa maneira, construímos a proposta de formação continuada para o desenvolvimento profissional nas ações do curso “Usos e Desusos da Voz Docente” com e para os professores do ensino básico da Secretaria de Educação do Distrito Federal, realizado no Centro de Formação dos Profissionais da Educação (EAPE) nos anos de 2016, 2017 e 2018.

Realizamos, inicialmente, um levantamento de pesquisas que evidenciassem o contexto dos processos educativos relacionados à docência, à voz, à promoção da saúde vocal e a ações realizadas e avaliadas. Utilizamos um critério que se tornou bastante reducionista no que se refere a pesquisas sobre a voz na área da educação, ou seja, profissionais da educação falando sobre a própria voz, percepções, ações ou soluções. Com esse critério encontrei o silêncio do estado da voz docente.

Entretanto, encontramos pesquisas de profissionais, principalmente fonoaudiólogos, avaliando a voz do professor, realizando palestras, oficinas de acordo com a realidade evidenciada. Essa realidade que se normatiza e deixa definições e participações para outros profissionais e pouco o professor é ouvido, porque como fica evidenciado nas pesquisas, o profissional não tem conhecimentos sobre voz, não usa adequadamente a voz e, desse modo, ele precisa de informações que são, na maioria das vezes, definidas não pelo professor, mas quem define o quê e como instrumentalizar o professor são dados, os altos números e porcentagens, para definir o que ensinar para quem não sabe nada.

A necessidade de se informar sobre a voz e de se motivar para a manutenção da saúde vocal é evidente em várias pesquisas, porém não podemos manter ações que colocam o professor como paciente. Concordamos com Gonçalves (2004) de que é necessária formação para os professores compartilharem experiências de autopreservação vocal, principalmente durante os cursos para professores. E, nesses cursos, propiciar momentos de diálogos para que estratégias de autopreservação individual possam ser compartilhadas e sirvam de exemplo para os professores iniciantes, e estratégias coletivas possam ser traçadas coletivamente (GONÇALVES, 2004).

A minha dupla experiência profissional me permite perceber que ouvir um professor na posição de paciente é diferente de ouvir um professor na posição de professor. Da mesma forma, a escuta (o ato de escutar e percepções) de uma professora será diferente da escuta de uma fonoaudióloga. Mas, podemos comungar um olhar profissional “do sente” com o objetivo de orientar o professor profissional da voz a encontrar a forma de encontrar a própria voz, e adaptá-la ao sujeito histórico, subjetivo, social, profissional, sem prejuízos e distúrbios, com esse elo de mundos. Com essa percepção, neste momento de vozes finais, adentrarei um pouco essa ideia na minha visão, antes de retornar ao levantamento.

Na minha atuação como profissional da saúde e fonoaudióloga, compreendo que um paciente tem o direito de participar de seu tratamento de modo menos passivo e mais ativo; enquanto o profissional que escuta não deve ouvir somente sintomas, mas também autopercepções, autorreferências, por meio de uma escuta mais sensível e processual, uma escuta “do sente” de um sujeito ativo e menos paciente, com historicidade, cultural, profissional e social, subjetivo e que busca qualidade de vida. Consequentemente, o sujeito mais ativo no seu processo de autopercepções e saberes pode auxiliar para uma mudança, sentindo que pode construir seu próprio processo de consciência, respeito e autonomia.

Esse empoderamento da promoção da saúde, que muda a relação de paciente para sujeito ativo, pode ser assegurado no documento *A Carta dos direitos dos usuários da saúde* (BRASIL, 2006) que descreve as informações às quais o paciente deve ter o acesso garantido, de maneira clara, respeitosa e compreensível, desde o momento das hipóteses diagnósticas até as questões relacionadas aos tratamentos e intervenções realizados.

Como educadora, minha formação do ouvir “do sente” começou muito antes dos meus processos formais. Creio, estava nas muitas vozes que ecoaram e de tantas outras que já silenciaram, mas permanecem nos escritos da minha vida. Buscamos no diálogo o profissional docente no processo educativo em uma construção de respeito e autonomia, e assim nos reportamos à voz de Freire (2006) o respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros. Fazer o outro participar e dialogar sobre o processo pelo qual passará é aspecto importante para o sentimento de pertencimento e validação das ações.

Dessa forma, conduzir todo o processo educativo de modo ético, ouvindo as percepções dos participantes em relação à sua voz, como também o modo como gostariam de desenvolver a atividade formativa, sem impor conteúdos ou atividades, pode ser uma possibilidade para o desenvolvimento do profissional da voz docente.

A pesquisa evidenciou que a maioria dos profissionais professores participantes do curso de formação foram tocados e levaram seus conhecimentos para seus espaços de trabalho. Ocorreram mudanças individuais e coletivas nos cuidados com a voz, conseqüentemente o ambiente de trabalho também foi influenciado com ações mais cuidadosas, como no cuidado de preparar alimentos mais adequados para momentos em que o professor usará a voz mais intensamente, como a troca do café por sucos e frutas. Neste aspecto, sempre vale destacar os cuidados aos condicionantes de má saúde vocal, entre os quais estão: o cigarro que irrita pregas vocais e pode causar pigarros; a pouca hidratação, sendo que a água não passa pelas pregas vocais, mas o corpo bem hidratado também deixa a região do trato vocal hidratada, a poluição sonora.

No acompanhamento do processo de aprendizagem do professor compreendemos (eu compreendi) que essa percepção vivida pelo professor, “dar voz ao docente e ouvir o que ele sente” apresentou-se cheia de uma série de falas de fatores que atenuaram ou dificultaram a qualidade vocal do professor no desenvolvimento da vida pessoal e profissional. Desse modo, vemos um caminho para mudar a atual realidade.

Podemos mudar a realidade irônica do professor expressa por Behlau (2005), um profissional na ironia social da profissão, que ensina para formar cidadãos de um país e necessita ser bom comunicador, mas sem preparação vocal, com más condições de trabalho, poucos recursos para a saúde, que continua o trabalho e piora sua condição (BEHLAU, 2005). Porém, essa realidade não pode tornar-se um sentimento de culpa, por parte dos professores, em relação à sua falta de conhecimentos e um empecilho para buscar uma melhor qualidade de voz e vida.

As dificuldades existentes nos contextos escolares que provocam os problemas vocais nos professores não são totalmente da responsabilidade do professor; como também esses problemas (salas superlotadas, excesso de atividades, ambientes ruidosos, salas quentes ente outros) não podem ser considerados próprios da profissão docente e aceitos como normais. Estas

dificuldades apresentam fatores que adoecem os professores e precisam ser analisadas por todos que compõem a comunidade escolar e pelos gestores públicos.

O professor que se sente inapto para as suas atividades, relata desconfortos vocais e não percebe as consequências, talvez por considerar os problemas com a voz um contexto normal, precisa apenas de uma técnica. Nos diálogos, na ação “do sente”, procuramos quebrar esse fenômeno do presenteísmo.

Durante o levantamento na literatura observamos uma mudança na forma de abordagem de ações promotoras de hábitos favoráveis à saúde vocal. As pesquisas sugerem ações educativas na temática sobre saúde vocal e saúde em geral (SMITH *et al.*, 1997 *apud* ORTIZ *et al.*, 2004); estratégia dialógica, reflexiva, participante e problematizadora para o sujeito identificar e analisar sua condição de vida (PENTEADO, 2002) e verificamos uma proposta diferenciada, pois não está direcionada somente a ações de verificar sintomas, preencher formulários, ou seja, observamos uma ação investigativa valorizando o investigado como pessoa ativa e participante. Apesar disso, há levantamentos na literatura fonoaudiológica que apontam que há poucos trabalhos a partir da percepção do indivíduo (SOUZA; FERREIRA; PICCOLOTTO, 1998; PENTEADO *et al.*, 2005).

O professor, nas pesquisas, está mais como professor “paciente” e menos como professor ativo e participante. Então, voltamos às pesquisas: lemos e relemos o levantamento na busca de mais ações, como cursos para guiar a nossa proposta de um trabalho sob a perspectiva do professor. Identificamos, em uma segunda análise, que a grande maioria dos trabalhos se propõe a analisar, identificar, correlacionar, avaliar aspectos relacionados aos sintomas dos distúrbios de voz por meio de testes, exames, triagens e documentos, cada qual com sua importância de pesquisa contributiva. Identificamos, nessas leituras, conclusões e propostas que sugerem conhecer a percepção dos professores (PENTEADO, 2007); compreender os sentidos da voz para eles (BRASIL, 2015); discutir, sob a ótica do professor, as questões relacionadas à voz (LUCESI; MOURÃO; KITAMURA, 2009); identificar queixas vocais por meio de relatos dos professores (KARMANN; LANCMAN, 2013); analisar a aquisição de autocuidado (FERREIRA, 2018). Assim, constatamos que a nossa proposta se diferencia dos trabalhos já realizados no sentido de que ela é: um curso sob a perspectiva dos professores nas ações de planejar, participar e avaliar.

A condução do processo de formação continuada com as abordagens fonoaudiológica e pedagógica foi possível porque a mediação do processo foi

realizada por uma profissional especialista nessas duas áreas; porém essa realidade não é comum no meio educacional, mas pode ser viabilizada com a presença de equipe multiprofissional para desenvolver a atividade de formação continuada.

Identificamos, na SEEDF, ações na realização de programas, cursos e palestras por setores distintos. A Subsecretaria de Saúde (Subsaúde) realiza o Programa de Saúde Vocal; a Subsecretaria de Formação continuada (EAPE) planeja e desenvolve cursos; e a Gerência Apoio e Desenvolvimento de Pessoas (GADEP) promove ações de apoio ao servidor. Estes setores têm a presença do profissional fonoaudiólogo e permitem o atendimento especializado.

Não seguimos passos para logo chegarmos a um fim; acompanhamos e modificamos o necessário, estudamos e pesquisamos, envolvemos profissionais que atuam em diferentes áreas da educação, fonoaudiologia e áreas afins para contribuir porque a preocupação com o processo é muito maior do que com o produto (LÜDKE; ANDRÉ, 1986). Entretanto, sentimos necessidade, na ação, de avaliar o impacto do curso para os professores e retomamos o contato com os participantes que percorreram o processo da prática social inicial à final (SAVIANI, 2009) para avaliar a possibilidade de o curso ser ampliado para a rede de ensino.

Encontramos um espaço para a realização de uma formação que é baseada na percepção do indivíduo. Assim, a ação de formação desenvolvida no curso identificando os interesses, os problemas, as causas e as soluções sob a perspectiva dos participantes visava à possibilidade de construção de um espaço de promoção de conhecimentos sobre o uso adequado da voz na atividade docente de forma consciente e autônoma.

A abordagem crítico-dialética pareceu-nos um caminho que nos contemplou com o intuito de compreender a realidade apresentada pelos professores e a busca de respostas que atendessem suas necessidades concretas e pudessem promover mudanças. No decorrer do caminho, as diferentes realidades exigiram diferentes métodos para que a realidade “vozeasse”, “falasse”. O diálogo que proporcionou falas sobre a voz docente no contexto das relações de trabalho inicialmente não deixava clara a visão do professor sobre a sua voz como um importante recurso pedagógico; mas com as atividades de fala e escuta do grupo e o olhar atento e investigador da professora formadora, fomos evidenciando os problemas e as poucas ações de cuidados da voz docente.

Mobilizar a voz docente na perspectiva dos professores, ou seja, “Dar voz ao docente, para cuidar da voz docente” a partir de suas experiências e não experiências, para conhecer a própria voz como recurso pessoal de trabalho, criar a possibilidade de relações no espaço de formação continuada para compreender a voz, a si mesmo e as várias vozes que o cercam. Dessa maneira, participamos de um processo de muita pesquisa-ação no envolvimento, negociações, tomadas de consciência e ação de todos os implicados no problema e no processo de transformação da situação.

A estratégia Planejamento Estratégico e Comunicativo permitiu ao professor se apropriar de conhecimentos da voz para a utilização a favor da atuação profissional. Para isso, partimos do levantamento das principais dificuldades encontradas pelos professores na utilização da voz profissional. Os conceitos de voz, voz pessoal, social e profissional, saúde vocal, psicodinâmica e percepção auditiva vocal, propriocepção foram trabalhados na formação, ao que se seguiu uma construção das relações entre os diversos conhecimentos e a realidade dos professores. Dialogou-se sobre a importância do uso consciente da voz, do desenvolvimento de comportamentos de proteção.

Dessa maneira, o percurso privilegiou o diálogo, a experiência profissional do professor, a participação, a experiência profissional da própria pesquisadora com as duas áreas de atuação. Construímos um trabalho diferenciado a partir da constatação de poucos estudos baseados na percepção do indivíduo, voltados para a investigação a partir dos sujeitos: o que ele pensa, sabe, conhece e como percebe a sua voz. Desenvolvemos uma estratégia alternativa às tradicionais entrevistas ou questionários para abordar o conhecimento e a percepção dos sujeitos sobre a própria voz.

O estudo mostrou a aprovação da estratégia usada nessa formação continuada como positiva ação educativa com base coletiva, estruturada a partir das estratégias dialógica, reflexiva e participativa. Permitiu também trabalhar na perspectiva dos professores, de suas reais necessidades, relacionando seus problemas e causas de modo a incentivar e promover mudanças de atitudes e comportamentos, tanto no aspecto individual como no coletivo, no espaço escolar.

Essa conscientização coletiva foi identificada no relato de professores sobre mudanças na oferta do lanche (frutas e sucos e menos café); realização de palestras programadas por gestores na escola, combinados para diminuir o ruído no ambiente

escolar. Essas ações, a partir de outros profissionais que compõem o quadro de funcionários da escola, podem estar relacionadas à formação continuada ser aberta para profissionais das carreiras de magistério e assistência. Assim sendo, todos se comprometem com as mudanças que permitem a ação de mais membros das equipes escolares; assim, orientações e atividades propostas podem ser compartilhadas com mais profissionais da rede. Como já referido na pesquisa, o foco de mudança não pode estar relacionado apenas ao professor, mas há necessidade de que outros profissionais, em suas hierarquias funcionais, participem do processo de mudança e transformação.

Por fim, cabe destacar a necessidade de realização de estudos envolvendo aspectos clínicos, avaliações da equipe do PSV, dos problemas na percepção dos professores para que este processo de formação seja um início e um elo na proposta de contribuir para a ampliação de ações promotoras e estabelecidas, consolidando um programa contínuo de prevenção, formação e promoção da saúde vocal do professor como importante recurso pessoal e profissional, que deve ser acompanhado pelas várias instâncias e profissionais.

Propomos, como nosso produto de pesquisa, uma ação de “Trilogia da Voz”. No termo trilogia, a ideia faz uma referência à área do teatro, para a área da educação é a percepção de “um drama da voz vivido por professores, e o trabalho de setores distintos a evitar o sofrimento do drama”; por analogia, o significado da trilogia é configurar o conjunto das unidades - Subsaúde, EAPE e GAPED, um trabalho intersetorial, para formar a “Trilogia da Voz” e compormos a obra-prima da voz docente: a saúde vocal.

A ideia de saúde vocal aponta para a necessidade de cuidados para o bom uso de todo o recurso vocal, principalmente quando a voz é utilizada como um recurso profissional. Mas os conhecimentos básicos para a promoção da saúde vocal também devem conduzir a cuidar da voz como forma de manter a saúde do indivíduo. De acordo com autores como Bloch (1979); Sataloff (1991); Pinho (1998), a voz deve ser sempre pensada em relação à saúde geral do indivíduo, em relação a seu corpo todo, ao seu estado de saúde geral.

Assim, não podemos trabalhar a promoção da saúde da voz desvinculada das condições de saúde geral de cada indivíduo, como complementa Pavão (2002), já que o corpo e a voz são dois pilares da capacidade de comunicação do indivíduo e precisam estar em harmonia. Dessa forma, sugerimos o trabalho multiprofissional de

áreas afins. Em relação ao nosso *locus* de trabalho, a SEEDF, um afinado e harmonioso som entre setores, ou seja, além de trabalho multiprofissional também o intersetorial com ações articuladas. É a proposta do produto final desta dissertação de mestrado profissional: o projeto “Trilogia da Voz” (Apêndice C).

Sugerimos mais ação dialógica e participativa. Com o nosso trabalho de pesquisa, ficamos cientes e conscientes da capacidade do professor para dialogar e participar de sua própria formação continuada, mas temos consciência de que é uma construção contínua, que não basta um curso de formação continuada, pois estamos falando de conhecimentos e mudanças de atitudes pessoais e profissionais de diferentes pessoas com diferentes histórias. São diversas ações que precisamos propor desenvolver e analisar, pois a prática nos tornará mais próximos do ideal de educação para a promoção da saúde docente, principalmente a educação da saúde vocal, foco do nosso trabalho de pesquisa.

O envolvimento dialógico do professor formador e do professor discente possibilitam a aproximação e a compreensão do primeiro sobre as condições de vida, trabalho e saúde do professor em formação e gera subsídios mais plausíveis para a realização de ações educativas de acordo com as demandas delas decorrentes.

O PEC oportunizou a esses docentes a reflexão sobre a própria atuação no uso da voz, num processo de formação continuada. O resultado apresenta uma exposição e análise sobre a atuação docente e os saberes essenciais para o uso da voz nas suas ações profissionais. Durante as discussões no planejamento, demos voz ao professor, oportunizando a construção de momentos dialógicos, reflexivos, participativos e também conhecimento dialético e conjunto. Demonstramos a importância da formação pessoal agregando formação e autoconhecimento.

Concluimos que esta pesquisa proporcionou um caminhar de muitos saberes e experiências. Mudamos a forma de iniciar uma ação educativa sobre a voz. Em muitas propostas, a prevalência de distúrbios é o referencial para definir a formação do professor, práticas sem ouvir o professor sobre suas necessidades sobre o conhecer a voz, para saber cuidar dela e preservá-la no uso profissional. Assim sendo, os professores participantes do curso de formação “Usos e desusos da voz docente”, quase em sua totalidade, relataram um impacto positivo do curso, como ação educativa dialógica, reflexiva e participativa, que os levou a integrar elementos

de cuidados com a voz na própria vida pessoal e profissional. Entendemos, com a voz de Saviani (1993), o processo que vivemos de aprendizagem e mudanças:

O homem não se faz homem naturalmente, ele não nasce sabendo ser homem, vale dizer, ele nasce sabendo sentir, pensar, avaliar, agir. Para saber pensar e agir, para saber querer, agir ou avaliar é preciso aprender, o que implica o trabalho educativo. (SAVIANI, 1993, p. 7).

Nossa voz é um elemento natural de nossa vida, porém na atividade profissional necessita ser educada para atender às demandas que se apresentam no contexto em que vivemos. Assim sendo, urgem ações educativas voltadas para a conscientização vocal docente e suas implicações na comunicação, na saúde e na cultura. A voz, que é um recurso pessoal e de trabalho, necessita de conhecimentos para a produção saudável, adaptada e precisa. E dentre as ações educativas encontramos uma ação maior: “Voz educada – saúde cuidada”.⁵³

Destarte, encontramos um caminho... “dar voz ao docente, para cuidar da voz docente”!

É preciso dialogar...

Para descobrir

E compreender.

A voz que caracteriza

A voz que revela (identidade)

A voz que educa.

O profissional da voz

“Do sente”

Sente, percebe, compreende.

A própria voz

Limitações e potencialidades...

Talvez precise formar-se

Ouvir e ouvir-se

Dialogar

Para descobrir e redescobrir

As vozes sem fim...

⁵³ Slogan da Campanha da Voz 2004: “Voz Educada, Saúde Cuidada”, desenvolvida pela Sociedade Brasileira de Fonoaudiólogos em comemoração ao Dia Mundial da Voz, dia 16 de abril.

A voz profissional

Docente.

Ivonete da Silva Oliveira

Planalto Central, Brasília, primavera de 2020.

7.1 Minha voz cochichada⁵⁴...ao pé da orelha para segredar

Nos tempos da dissertação, transcorreram várias estações, ideias florindo, dificuldades tempestuosas, isolamentos nebulosos e muitas vezes o meu silêncio para o mundo externo, para produzir e criar este trabalho de pesquisa.

Uma liberdade me guiou e revelou um olhar mais inovador, humano e não menos científico, porque entre a teoria e a prática, vozes.

A voz distante de Freire, sua metodologia, meu aprendizado e meu fazer “A única maneira que alguém tem de aplicar, no seu contexto, alguma das proposições que fiz é exatamente refazer-me, quer dizer, não seguir-me, o fundamental é não me seguir” (FREIRE, 1985, p. 41).

Desse modo, acompanhei algumas vozes e dizeres. Mas ousamos fazer diferente, encontramos referências como um dia também seremos, porque o processo não será o mesmo. Será outro tempo, serão outras vozes, seremos outros dentro do que somos hoje. E assim, em um próximo tempo, em uma próxima estação, algo mudará e ouviremos mais o outro para superar, como disse (Freire), nossa “incompletude”.

A ideia dele, de que é possível mudar, uniu-se à minha de sonhar uma ação educativa vocal para o profissional docente, mais humana em falar e ouvir.

Nesse sonho meu, o encontro com a minha orientadora, em uma voz mineirinha, digo, “um trem bão demais da conta”. Assim, orientações com o seu jeito de ser e sua voz precisa. Quando eu resolvia indagar por mais um texto, por mais um escrito de outros, esses textos prontos chegavam a mim, porém acompanhados de uma fala sensível: “Ivonete, a ideia é lhe mostrar caminhos, não dar modelos, deixe fluir...”

⁵⁴ Na fonoaudiologia, a voz cochichada é a voz sussurrada, soprosa devido a um escape de ar não sonorizado, resultado que pode ocorrer devido à tensão que fazemos durante a emissão. (BEHLAU; REHDER, 1997, p. 42). Assim, orientamos evitar o ato de cochichar por causa da tensão que a ação provoca.

Essas vozes libertadoras que neste segredar destaco, dentre outras que ouvi ecoaram...

E aqui estou entre primaveras⁵⁵ ouvindo vozes e colhendo experiências com a voz presente, onde meu corpo não pode estar, pois estamos em um novo tempo de relações virtuais⁵⁶.

Mas, será que a voz nesse ambiente virtual é a mesma voz no presencial? Sua demanda na vida docente é a mesma?

E agora, que voz é essa?

(Creio. Necessita de uma pesquisa!)

Imagem 6 - Vozes em ambiente virtual



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora: Banca de defesa realizada de forma virtual (2020).

⁵⁵ Minha expressão, entre primaveras, surgiu após verificar que meus poemas que compõem as epígrafes deste trabalho de dissertação, escritos entre 2019 a 2020, datam de primaveras.

⁵⁶ Decreto nº 40.583 de 1 de abril de 2020 dispõe sobre medidas para o enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do novo coronavírus. Dessa forma, atividades acadêmicas realizadas de forma virtual para manter o isolamento social como prevenção do contágio.

REFERÊNCIAS

ALVES, Luciano Padilha; ARAUJO, Laura Tathianne Ramos; XAVIER NETO, José Augusto. Prevalência de queixas vocais e estudo de fatores associados em uma amostra de professores de ensino fundamental em Maceió, Alagoas, Brasil. **Rev. bras. Saúde ocup.** [online], v. 35, n. 121, p. 168-175, 2010. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0303-76572010000100018>.

ALVES, Rubem. **Conversas com quem gosta de Ensinar**. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1995.

AMATO, Rita de Cássia Fucci. **Manual de saúde vocal: teoria e prática da voz falada para professores e comunicadores**. São Paulo: Atlas, 2010.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE OTORRINOLARINGOLOGIA E CIRURGIA CÉRVICO-FACIAL – ABORLCCF. Câmaras Técnicas de Otorrinolaringologia, Medicina do Trabalho e Perícias Médicas do CREMERJ. *In*: Consenso nacional sobre voz profissional: voz e trabalho: uma questão de saúde e direito do trabalhador; 13-14 ago. 2004. Rio de Janeiro: ABORL-CCF; 2004.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BASSI, Iara Barreto. **Disfonia em Professores Municipais: aspectos clínicos, ocupacionais e de qualidade de vida**. 2010. 63 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) – Universidade Federal de Minas Gerais, MG, 2010.

BASTOS, Tiago Sampaio. **Cartilhas de Educação Alimentar: Uma análise sócio-histórica, 1938-1946**. 2011. 100 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Ceará. Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Fortaleza, 2011.

BEHLAU, Mara. **A voz que ensina**. Rio de Janeiro: Revinter, 2005.68p.

BEHLAU, Mara. **Voz: o livro do especialista**. São Paulo: Lovise, 1994. v. 2.

BEHLAU, Mara. A voz reflete quem somos. 2018. Disponível: <https://medicoemcasa.info/cuidados/voz-reflete-quem-somos/> Acesso: 19 ago. 2018.

BEHLAU, Mara. Saiba qual a importância da voz. Produção: 22 maio 2012. Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=BnBe15L4D7U> 2012. Acesso: 23 maio 2012.

BEHLAU, M.; AZEVEDO, R.; MADAZIO, G. Anatomia da laringe e fisiologia da produção vocal. *In*: BEHLAU, M. **Voz: o Livro do Especialista** v. 1. cap. 1 Rio de Janeiro: Revinter, 2001.

BEHLAU, Mara; AZEVEDO, R.; PONTES, P. Conceito de voz normal e classificação das disfonias. *In*: BEHLAU, M. **Voz: o livro do especialista**. Rio de Janeiro: Revinter, 2001. v. 1, cap. 2, p. 53-79.

BEHLAU, Mara; MADAZIO, G.; FEIJÓ, D.; PONTES, P. Avaliação de voz. *In*: BEHLAU, M. (org.). **Voz: o livro do especialista**. Rio de Janeiro: Revinter, 2001. v. 1, cap. 3, p. 85-180. 2001b

BEHLAU, Mara; AZEVEDO, Renata; PONTES, Paulo; BRASIL, Osiris; Disfonias Funcionais voz. *In*: BEHLAU, M. (org.). **Voz: o livro do especialista**. Rio de Janeiro: Revinter, v. 1, p. 247-278. 2001a

BEHLAU, Mara; DRAGONE, M. L. S.; NAGANO, L. **A voz que ensina: O professor e a comunicação oral em sala de aula**. Rio de Janeiro: Revinter, 2004.

BEHLAU, Mara *et al.* Epidemiologia de transtornos de voz em professores e não professores no Brasil: prevalência e efeitos adversos. **Journal of Voice**, Nova Iorque, v. 26, n. 5, p. 665.e 9-18, 2012.

BEHLAU, Mara; FEIJÓ, D.; MADAZIO, G.; REHDER, M. I.; AZEVEDO, R.; FERREIRA, A. E. Voz profissional: aspectos gerais e atuação fonoaudiológica. *In*: BEHLAU, M. (org.). **Voz: o livro do especialista**. Rio de Janeiro: Revinter, 2005. v. 2, cap. 12, p. 287-372.

BEHLAU, Mara; PONTES, P. **Avaliação global da voz**. São Paulo: EPPM, 1990.

BEHLAU, Mara; PONTES, P. **Avaliação e tratamento das disfonias**. São Paulo: Lovise, 1995.

BEHLAU, M.; REHDER, M. I. **Higiene vocal para o canto coral**. São Paulo: Revinter, 1997.

BEHLAU Mara; RODRIGUES, S.; AZEVEDO, R.; GONÇALVES, M. I.; PONTES, P. Avaliação e terapia de voz. *In*: LOPES FILHO, O. C. **Tratado de Fonoaudiologia**. São Paulo: Roca; 1997. p. 607-658.

BEHLAU, Mara; RUSSO, Ieda. **Percepção da fala: Análise acústica do Português Brasileiro**. São Paulo: Lovise, 1993.

BEHLAU, Mara; ZIEMER, R. Psicodinâmica vocal. *In*: FERREIRA, L. P. **Trabalhando a voz: vários enfoques em Fonoaudiologia**. São Paulo: Summus, 1988. p. 71-88

BELIN, Pascal. Palestra Cérebro Vocal: bases cerebrais da percepção da voz. *In*: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE NEUROCIÊNCIAS, 6., 2012. **Anais [...]**. Belo Horizonte: UFMG, 2012.

BERTHERAT, T.; BERSNTEIN, C. **O corpo tem suas razões: antiginástica e consciência de si**. Tradução de Estela dos Santos Abreu. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

BITTAR, A. C. **Os direitos da personalidade**. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999.

BONDIA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Rev. Bras. Educ.* [online], n. 19, p. 20-28, 2002. ISSN 1413-2478.
<https://doi.org/10.1590/S1413-24782002000100003>.

BLOCH, Pedro. **Melhore a sua voz**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1986.

BLOCH Pedro. Noções de foniatria: a voz humana. *In*: HUNGRIA, H. **Otorrinolaringologia**. 8. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2000. Cap. 26.

BLOCH, Pedro. **Sua voz e sua fala**. Rio de Janeiro: Block Educação, 1979.

BOONE, Daniel R. **Sua voz está traindo você? Como encontrar e usar a sua voz natural**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

BRAGA, Elizabeth dos Santos. **A constituição social da memória**: uma perspectiva histórico-cultural. Ijuí: Ed. Unijuí, 2000.

BRASIL. Rede Nacional de Atenção Integral à Saúde do Trabalhador (RENAST). Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/trabalhador/renast.html>. Acesso em: 17 abr. 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Carta dos direitos dos usuários da saúde**. Brasília: Ministério da Saúde, 2006.

BRASIL, Christina Cesar Praça. **A voz da professora não pode calar**: sentidos, ações e interpretações no contexto da integralidade em saúde. 2015. 232 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015.

BRASIL, Osiris de Oliveira Camponês do; YAMASAKI, Rosiane; LEAO, Sylvia Helena de Souza. Proposta de medição da posição vertical da laringe. *Rev Bras Otorrinolaringol*, v. 71, n. 3, p. 313-317, 2005.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador**: introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo: Parábola, 2008.

BUSS, Paulo Marchiori; CARVALHO, Antonio Ivo. Desenvolvimento da promoção da saúde no Brasil nos últimos vinte anos (1988-2008). *Ciênc. saúde coletiva*, v. 14, n. 6, p. 2305-2316, 2009.

CARREGOSA, Elisângela Santos *et al.* Autopercepção da função glótica e análise perceptivo auditiva de professores de escolas municipais. *Rev. CEFAC*, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 481-490, abr. 2016. Disponível em:
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-18462016000200481&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 07 out. 2019.
<http://dx.doi.org/10.1590/1982-0216201618211215>.

CEBALLOS, Albanita Gomes da Costa de; CARVALHO, Fernando Martins; ARAUJO, Tânia Maria; REIS, Eduardo José Farias Borges dos. Avaliação perceptivo-auditiva e fatores associados à alteração vocal em professores. *Rev. bras. epidemiol.* [online], v. 14, n. 2, p. 285-295, 2011. DOI:
<http://dx.doi.org/10.1590/S1415-790X2011000200010>.

CHOI-CARDIM, K.; BEHLAU, M.; ZAMBON, F. Sintomas vocais e perfil de professores em um programa de saúde vocal. **Rev. Cefac**, v. 12, n. 5, p. 811-819, 2010.

CONSELHO FEDERAL DE FONOAUDIOLOGIA. **Exercício profissional do fonoaudiólogo**. Brasília (DF); 2004. Disponível em: <http://.fonoaudiologia.org.br/>. Acesso em: 05 jan. 2020.

CONSELHO FEDERAL DE FONOAUDIOLOGIA. **Resolução nº 309 de 01 de abril de 2005**. Disponível em: <http://www.fonoaudiologia.org.br/>. Acesso em: 15 dez. 2019.

CONSENSO NACIONAL SOBRE VOZ PROFISSIONAL (CNV): voz e trabalho: uma questão de saúde e direito do trabalhador; 13-14 ago. 2004. Rio de Janeiro: ABORL-CCF; 2004.

CRESWELL, Jon W. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. Tradução Magda Lopes. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

CURADO SILVA, Kátia Augusta Pinheiro Cordeiro. A Formação de professores na perspectiva crítico-emancipadora. **Revista Linhas Críticas**, v. 17, p. 12-31, jan./abr. 2011.

CHRIS CHANG. O real, o imaginário, o simbólico e a perspectiva. **Conti Outra**, 2015. Disponível em: <https://www.contioutra.com/>

DEMO, Pedro. **Educar pela Pesquisa**. Campinas, SP: Autores Associados, 2003.

DEMO, Pedro. **Educação e Conhecimento**: Relação necessária, insuficiente e controversa. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

DRAGONE, Maria Lúcia Oliveira Suzigan. Novos caminhos para os estudos sobre a voz do professor. **Rev Fonoaudiol.**, Brasil. v. 1, n. 1, p. 43-50, 2001.

DRAGONE, Maria Lúcia Oliveira Suzigan. Programa de saúde vocal para educadores: ações e resultados. **Rev. CEFAC** [online], v. 13, n. 6, p. 1133-1143, 2011. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S1516-18462010005000059>.

DRAGONE, Maria Lúcia Oliveira Suzigan. **Ocorrência de disfonia em professores**: fatores relacionados à voz profissional. 1996. Monografia (Especialização) – Centro de Estudos da Voz, São Paulo, 1996.

DRAGONE, M. L. S. D. *et al.* Voz do professor: uma revisão de 15 anos de contribuição fonoaudiológica. **Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia**, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 289-296, 2010. <http://dx.doi.org/10.1590/S1516-80342010000200023>

FANTINI, Leila de Abreu. **O bem estar vocal na formação de professores**. 2010. 61 f. Dissertação (Mestrado em Fonoaudiologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

FERRACCIU, Cristiane Cunha Soderini; ALMEIDA, Marcia Soalheiro de. O distúrbio de voz relacionado ao trabalho do professor e a legislação atual. **Rev. CEFAC**, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 628-633, abr. 2014. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-0216201425112>.

FERRACCIU, Cristiane Cunha Soderini *et al.* Estratégias de enfrentamento e perfil de participação e atividades vocais em professoras da rede pública de ensino com e sem distúrbios de voz. **Rev. CEFAC**, São Paulo, v. 17, n. 4, p. 1184-1194, ago. 2015a. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-0216201517415714>.

FERRACCIU, Cristiane Cunha Soderini *et al.* Índice de capacidade para o trabalho e desequilíbrio esforço-recompensa relacionado ao distúrbio de voz em professoras da rede estadual de Alagoas. **Rev. CEFAC**, São Paulo, v. 17, n. 5, p. 1580-1589, out. 2015b. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-0216201517517414>.

FERREIRA, Léslie Piccolotto. A voz do professor: uma proposta de promoção de saúde vocal. In: GIROTO, C. R. M. **Perspectivas atuais da fonoaudiologia**. São Paulo: Plexus, 2001, cap. 5, p. 73-89.

FERREIRA, Léslie Piccolotto. Os Pressupostos teóricos em fonoaudiologia e sua relação com a prática clínica. **Pró-Fono**, v. 07, n. 02, p. 40-49, 1995.

FERREIRA, Léslie Piccolotto. Saúde vocal: proibir x compreender. **Revista Backstage**, São Paulo, v. 68, p. 140, 2000.

FERREIRA, Léslie Piccolotto. A Questão ensino-aprendizagem num trabalho profilático de aperfeiçoamento vocal com professores. **Pró-Fono**. São Paulo, v. 12, p. 73-80, 2001.

FERREIRA, Léslie Piccolotto; ALVES, I. A; ESTEVES, A. A. O; BISERRA, M. P. Voz do professor: fatores predisponentes para o bem-estar vocal. **Distúrbios da Comunicação**, v. 24, p. 431-433, 2012.

FERREIRA, Léslie Piccolotto *et al.* Distúrbio de voz relacionado ao trabalho: proposta de um instrumento para avaliação de professores. **Distúrbios da Comunicação**, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 127-136, 2007.

FERREIRA, Léslie Piccolotto *et al.* Políticas públicas e voz do professor: caracterização das leis brasileiras. **Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia**, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 1-7, 2009. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S1516-80342009000100003>

FERREIRA, Léslie Piccolotto *et al.* Distúrbio de voz e trabalho docente. **Rev. CEFAC**, São Paulo, v. 18, n. 4, p. 932-940, ago. 2016. Disponível em: DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-0216201618423915>.

FERREIRA, Léslie Piccolotto; FERREIRA, Henrique Olival Costa. **Voz Ativa**: falando sobre o profissional da voz. São Paulo: Roca, 2000.

FERREIRA, Léslie Piccolotto; MÄRTZ, M. L. W. Distúrbio de voz relacionado ao trabalho: a experiência dos Cerest. **Boletim Epidemiológico Paulista**, São Paulo, v. 76, n. 7, p. 13-19, 2010.

FERREIRA, Léslie Piccolotto; RIBAS, L. T.; MAGRINI, A. M.; DIOGENES, B. S.; DITSCHNEINER, E. S.; CUNHA, M. C. Programa de estudos pós-graduação em fonoaudiologia da PUC-SP: análise da produção de quatro décadas. **Distúrbios da Comunicação**, v. 27, p. 840-848, 2015.

FERREIRA, Raíza Mendes. **Bem-estar vocal de professores**: aquisição de conhecimentos em ação oferecida na modalidade a distância. 2018. 80 f. Dissertação (Mestrado em Fonoaudiologia) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Fonoaudiologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018.

FERRER CERVERÓ, Virgínia. La crítica como narrativa de las crisis de formación. *In*: LARROSA, Jorge. **Déjame que te cuente**. Barcelona: Editorial Laertes, 1995.

FILATRO, Andrea. **Design instrucional contextualizado**: educação e tecnologia. São Paulo: Ed. SENAC, 2004.

FLICK, Uwe. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Bookman, 2004.

FREIRE, Paulo. **Por uma pedagogia da pergunta**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987..

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**. 11. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 23. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 34. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. **Análise de conteúdo**. 3. ed. Brasília: Líber Livro, 2008.

FUESS, V. L.R.; LORENZ, M. C. Disfonia em professores do ensino municipal: prevalência e fatores de risco. **Rev Bras Otorrinolaringol.**, v. 69, p. 807-812, 2003.

GAYOTTO, H. Lúcia. **Voz**: partitura da ação. São Paulo: Summus, 1997.

GARCIA, Leila Posenato; DUARTE, Duarte. Intervenções não farmacológicas para o enfrentamento à epidemia da COVID-19 no Brasil. **Epidemiol. Serv. Saúde**, Brasília, v. 29, n. 2, e2020222, 2020. DOI: 10.5123/S1679-49742020000200009.

GASPARIN, João Luiz. **Uma didática para a pedagogia Histórico-Crítica**. 5. ed. São Paulo: Revista Autores Associados, 2012.

GIANNINI, Susana Pimentel Pinto; LATORRE, Maria do Rosário Dias de Oliveira; FERREIRA, Léslie Piccolotto. Questionário Condição de Produção Vocal - Professor: comparação entre respostas em escala Likert e em escala visual analógica. **CoDAS**, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 53-58, feb. 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/2317-1782/20162015030>

GIROTO, Claudia Regina Mosca. **Perspectivas atuais da fonoaudiologia na escola**. São Paulo: Plexus, 2001

GILLIVAN-MURPHY, P.; DRINNAN, M. J.; O'DYWER, T. P.; RIDHA, R.; CARDING P. The effectiveness of a voice treatment approach for teachers with self-reported voice problems. **J Voice**, v. 20, n. 3, p. 423-31, 2006.

GONÇALVES, C. G. O. **Uso profissional da voz em sala de aula e organização do trabalho docente**. Trabalho e educação, Belo Horizonte, v. 13, n. 2, 2004.

GONÇALVES, C. G. O.; PENTEADO, R. Z.; SILVÉRIO, K. C. A. Fonoaudiologia e saúde do trabalhador: a questão da saúde vocal do professor. **Saúde em revista**, v. 7, v. 15, p. 45-51, 2005.

GRILLO, M. H. M. M.; PENTEADO, R.Z Impacto da voz na qualidade de vida de professores (as) do ensino fundamental. **Pró-fono**, Barueri (SP), v. 17, n. 3, p. 321-333, dez. 2005.

GUIMARÃES, Isabel Cristina Ramos Peixoto. Os problemas de voz nos professores: prevalência, causas, efeitos e formas de prevenção. **Revista Portuguesa de Saúde Pública**, v. 22, p. 33-41, 2004.

GUIMARÃES, Isabel. A ciência e a arte da voz humana. **Alcábalice: Escola Superior de Saúde do Acoitão**, v. 10, 2007.

HERMES, Elisangela Giroto Carelli; BASTOS, Paulo Roberto Haidamus de Oliveira. Prevalência de sintomas vocais em professores na rede municipal de ensino em Campo Grande - MS. **Rev. CEFAC** [online]. 2015, v. 17, n. 5, p. 1541-1555. ISSN 1982-0216. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-021620151751215>.

ISHII, Cintia; ARASHIRO, Priscila Midori; PEREIRA, Liliâne Desgualdo. Ordenação e resolução temporal em cantores profissionais e amadores afinados e desafinados. **Pró-Fono R. Atual. Cient.**, Barueri, v. 18, n. 3, p. 285-292, 2006.

JARDIM, R. **Voz, trabalho docente e qualidade de vida**. 2006. 111 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) -. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Medicina, Belo Horizonte, 2006.

JESUS, Patrícia Silva de. **Livros sonoros**: audiolivro, audiobook e livro falado. 2011. Disponível em: <http://www.bengalalegal.com/livros-sonoros>. Acesso em: 28 set. 2019.

KARMANN, Delmira de Fraga; LANCMAN, Selma. Professor - intensificação do trabalho e o uso da voz. **Audiol., Commun. Res.** [online], v. 18, n. 3, p. 162-170, 2013. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S2317-64312013000300005>.

KLAUS, M. H.; KENNEL, J. H.; KLAUS, P. **Vínculo**: construindo as bases para um apego seguro e para a independência. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

LENT, R. **Cem bilhões de neurônios**: conceitos e fundamentos da Neurociência. Local: Atheneu, 2001

LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e gestão da escola**: teoria e prática. 5 ed. São Paulo: Alternativa, 2004.

LIMA-SILVA, Maria Fabiana Bonfim de et al. Distúrbio de voz em professores: autorreferência, avaliação perceptiva da voz e das pregas vocais. **Rev. soc. bras. fonaudiol.** [online], v. 17, n. 4, p. 391-397, 2012. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S1516-80342012000400005>.

LOPES, Arlete Teixeira. **Foniatría**. ISEP: Porto, 2002.

LUCHESI, Karen Fontes; MOURAO, Lucia Figueiredo; KITAMURA, Satoshi and NAKAMURA, Helenice Yemi. Problemas vocais no trabalho: prevenção na prática docente sob a óptica do professor. **Saudesoc.** [online], v. 18, n. 4, p. 673-681, 2009. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-12902009000400011>

LUCHESI, Karen Fontes; MOURAO, Lucia Figueiredo; KITAMURA, Satoshi. Ações de promoção e prevenção à saúde vocal de professores: uma questão de saúde coletiva. **Rev. CEFAC** [online], v. 12, n. 6, p. 945-953, 2010. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S1516-18462010005000112>.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986

MEDEIROS, Adriane Mesquita de; VIEIRA, Marcel de Toledo. Ausência ao trabalho por distúrbio vocal de professores da Educação Básica no Brasil. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 35, supl. 1, e00171717, 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0102-311x00171717>.

MEDEIROS, Rosana Carneiro Ferreira. **Para uma ecologia (mais) humana do professor readaptado**. 2010. 217 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Brasília, Brasília, 2010. Disponível: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/6197> Acesso: 29 mar. 2017.

MEDEIROS, Rosana Carneiro Ferreira; ANDRADE, Kelly Cristina Ribeiro de; AGUIAR, Ana Paula de Oliveira. Novas perspectivas para a gestão de pessoas na SEEDF: efetividade administrativa e relações institucionais humanizadas, **Revista Com Censo**, v. 5, n. 1, p. 24-35, mar. 2018.

MELLO, Edmée Brandi de Souza. **Educação da Voz Falada**. Rio de Janeiro: Edições Gernasa, 1972.

MENDES, Amanda Louize Félix *et al.* Voz do professor: sintomas de desconforto do trato vocal, intensidade vocal e ruído em sala de aula. **CoDAS**, São Paulo, v. 28, n. 2, p. 168-175, abr. 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/2317-1782/20162015027>.

NÓVOA, António. Formação de professores e profissão docente. *In*: NÓVOA, António. **Os professores e sua formação**. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional, 1992b. p. 139-158

NÓVOA, António. Os professores na virada do milênio: do excesso dos discursos à pobreza das práticas. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 25, n 1, jan./jun. 1992a.

NÓVOA, António (coord.). **Os professores e a sua formação**. 2. ed. Lisboa: Dom Quixote, 1995

OITICICA, M. L.; GOMES, M. L. O estresse do professor acentuado pela precariedade das condições acústicas das salas de aula. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO (ENGEPE), 24, 2004, Florianópolis. **Anais [...]**. ABEPRO/UFSC, 2004, p. 2539-2546

OLIVEIRA, Elsa Guimarães. Aula virtual e presencial: são rivais? *In*: VEIGA, Ilma Passos Alencastro (org.). **Aula**: gênese, dimensões, princípios e práticas. Campinas, SP: Papyrus, 2008. p. 198

OLIVEIRA, I.B. Distúrbios vocais em professores da pré-escola e primeiro grau. *In*: FERREIRA, L.P. *et al.* **Voz Profissional**: o profissional da voz. Carapicuíba: Pró - Fono, 1995. p. 173-181.

OLIVEIRA, M. K. **Vygotsky**: aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico. 4. ed. São Paulo: Scipione, 1993.

OLIVEIRA, V. L.; PINHO, S. M. R. A qualidade da voz e o trato vocal nos indivíduos de face curta e face longa. *In*: PINHO, S. M. R. **Tópicos em voz**. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan; 2001. p. 81-88.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. <http://www.publico.pt/organizacao-mundial-da-saude>.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **CID-10**: classificação de doenças em português. 8. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; 2000.

ORTIZ, E.; COSTA, E. A.; SPINA, A. L.; CRESPO, A. N. Proposta de modelo de atendimento multidisciplinar para disfonias relacionadas ao trabalho: estudo preliminar. **Rev. Bras. Otorrinolaringol.**, v. 70, n. 5, p. 590-596, set./out. 2004.

PENTEADO, Regina Zanella. **Aspectos de qualidade de vida e de subjetividade na promoção da saúde vocal do professor**. 2003. Tese (Doutorado) - Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

PENTEADO, Regina Zanella. Escolas promotoras de saúde – implicações para a ação fonoaudiológica. **Rev Fonoaudiol Brasil.**, v. 2, n. 1, p. 28-37, 2002.

PENTEADO, Regina Zanella. Relações entre saúde e trabalho docente: percepções de professores sobre saúde vocal. **Rev. soc. bras. fonoaudiol.** [online], v. 12, n. 1, p. 18-22, 2007. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S1516-80342007000100005>.

PENTEADO, Regina Zanella; MARÓSTICA, A. F.; DIAS, J. C.; SOARES, M. A.; OLIVEIRA, N. B. F.; TEIXEIRA, V. K.; TONON, V. A. Saúde vocal: pensando ação educativa nos grupos de vivência de voz. **Saúde em Revista**, v. 7, n. 16, p. 55-56, 2005.

PENTEADO, Regina Zanella; PEREIRA, Isabel Maria Teixeira Bicudo. Qualidade de vida e saúde vocal de professores. **Rev. Saúde Pública** [online], v. 41, n. 2, p. 236-243, 2007. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-89102007000200010>.

PENTEADO, Regina Zanella; PEREIRA, Isabel Maria Teixeira Bicudo. A voz do professor: relações de trabalho, saúde e qualidade de vida. **Rev. Bras. Saúde Ocupacional**, São Paulo, v. 25, p. 109-130, abr. 1999.

PENTEADO, Regina Zanella; RIBAS, Tânia Maestrelli. Processos educativos em saúde vocal do professor: análise da literatura da Fonoaudiologia brasileira. **Rev. soc. bras. fonoaudiol.** [online], v. 16, n. 2, p. 233-239, 2011. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S1516-8034201100020002>

PENTEADO, Regina Zanella; ROSSI, D. Vivência de Voz e percepções de professores sobre saúde vocal e trabalho. **Saúde Rev.**, v. 8, n. 18, p. 39-48, 2006.

PENTEADO, Regina Zanella, SERVILHA, E. A. M. Fonoaudiologia em saúde pública/coletiva: compreendendo prevenção e o paradigma da promoção da saúde. **Distúrb comun.**, v. 16, n. 1, p. 107-116, 2004.

PEREIRA, L. D.; NAVAS, A. L. G. P.; SANTOS, M. T. M. Processamento auditivo: uma abordagem de associação entre a audição e a linguagem. *In*: SANTOS, M. T. M.; NAVAS, A. L. G. P. **Distúrbios de leitura e escrita: teoria e prática**. São Paulo: Manole, 2002. cap. 2, p. 27-74.

PICOLLI, Icaro Roberto Azevedo. **A promoção da qualidade de vida dos professores como diferencial estratégico em uma instituição de ensino fundamental e médio**. 2017. Dissertação (Mestrado) - Universidade do Sul de Santa Catarina, 2017.

PINTO, A. M. M.; FURCK, M. A. E. Projeto saúde vocal do professor. *In*: FERREIRA, Léslie Piccolotto (org.). **Trabalhando a voz: vários enfoques em Fonoaudiologia**. São Paulo: Summus, 1988. p. 11-27.

PINHO, Sílvia M. Rebelo. **Fundamentos em fonoaudiologia: tratando os distúrbios da voz**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1998. v. 1.

PINHO, Sílvia M. Rebelo. **Manual de higiene vocal para profissionais da voz**. São Paulo: Pro-fono, 1997.

PINHO, Sílvia M. Rebelo. **Temas em Voz Profissional**. Rio de Janeiro: Revinter, 2007. v. 1.

PINHO, Sílvia M. Rebelo. **Tópicos em voz**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2001.

PINHO, Sílvia M. Rebelo; PONTES, Paulo. **Músculos Intrínsecos da Laringe e Dinâmica Vocal**. Rio de Janeiro: Revinter, 2008. v. 1. (Série: Desvendando os segredos da voz).

PIZOLATO, Raquel Aparecida. **Programa de saúde vocal para o professor: avaliação, auto-percepção vocal e ação educativa da voz**. 2012. 120 f. Tese (Doutorado em Odontologia) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Odontologia de Piracicaba, Piracicaba, SP, 2012.

QUINTANILHA, Jane Katia Mendes Cravo. **Características vocais de uma amostra de professores da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal**. 2006. 89 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Médicas) - Faculdade de Medicina, Universidade de Brasília, Brasília, 2006. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/3110>. Acesso em: 10 mar. 2017

RIBAS, Tânia Maestrelli; PENTEADO, Regina Zanella; GARCIA-ZAPATA, Marco Tulio A. Qualidade de vida relacionada à voz de professores: uma revisão sistemática exploratória da literatura. **Rev. CEFAC**, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 294-306, fev. 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-021620144812>.

RIBEIRO, Alda. Aspectos biológicos do envelhecimento. *In*: RUSSO, Iêda Pacheco. **Intervenção fonoaudiológica na terceira idade**. Rio de Janeiro: Revinter, 1999.

RIBEIRO, Ormezinda Maria. Um passeio pelas gírias através dos tempos. **Jornal Mais Um**, Patrocínio MG, p. 08-08, 10 mar. 2007.

RIBEIRO, Ormezinda Maria. Por que investir em pesquisa qualitativa? **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 81, n. 197, jan./abr. 2000. Disponível em: <http://rbep.inep.gov.br/index.php/RBEP/article/view/160/159>. Acesso em: 6 out. 2019.

RIBEIRO, Ormezinda Maria. E se Narciso Conhecesse Alice? Diálogos Possíveis e Necessários à Integração Curricular; **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos (RBEP)**, v. 87, n. 215, p. 44, 2006. Disponível em: http://portal.inep.gov.br/informacaodapublicacao//asset_publisher/6JYIsGMAMkW1/document/id/494785. Acesso: 6 out. 2019.

RIBEIRO, Ormezinda M. *et al.* Construindo caminhos e evitando atalhos: o percurso de construção da identidade de um centro de formação continuada da professores. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO, 12., 2004, Curitiba. **Anais** [...]. Curitiba-PR, 2004. p. 1023-1035. Tema: Conhecimento local e conhecimento universal.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1999.

RODRIGUES, R.; AZEVEDO, S.; BEHLAU, M. Considerações sobre a voz profissional falada. *In*: MARCHESAN, I. Q.; ZORZI, J. L.; GOMES, I. C. D. (org.) **Tópicos em Fonoaudiologia**. São Paulo: Lovise, 1995. v. 3.

RUSSO, Ieda; BEHLAU, Mara. **Percepção da fala: Análise Acústica do Português Brasileiro**. São Paulo. Lovise. 1993.

ROY, N.; MERRIL, R. M.; THIBEAULT, S.; GRAY, S. D; SMITH E. M. Prevalência de distúrbios de voz nos professores e na população em geral. **Journal of Speech, Language and Hearing Research**, Rockville, v. 47, n. 2, p. 281-293, 2004. DOI: [http://dx.doi.org/10.1044/1092-4388\(2004/023\)](http://dx.doi.org/10.1044/1092-4388(2004/023)). PMID: 15157130

SABBATINI, Renato Marcos Endriz. Ambiente de Ensino e Aprendizagem via Internet. A Plataforma Moodle. **Instituto Edu Med**. 2007, p. 1. Disponível em: <http://www.ead.edumed.org.br/le.php/1/PlataformaMoodle.pdf>.

SATALOFF, Robert T. **Professional voice: the science and art of clinical care**. New York: Raven Press, 1991.

SAVIANI, Dermeval. **Da nova LDB ao FUNDEB: por uma outra política educacional**. Campinas, SP: Autores Associados, 2007a.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre a educação política**. 39. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2007b.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia**. 27. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 1993. (Polêmicas do nosso tempo)

SAVIANI, Dermeval. **Educação: do senso comum à consciência filosófica**. 18. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2009.

SAVIANI, Demerval. Formação de professores: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro. **Revista Brasileira de Educação**, Campinas, v. 14, n. 40, jan./abr. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v14n40/v14n40a12.pdf>. Acesso em: 20 set. 2018.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia**. São Paulo: Cortez, 1984.

SAVIANI, Dermeval. **Educação: do senso comum à consciência filosófica**. 5a ed. São Paulo: Cortez, 1985.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 10. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2008

SCHÖN, D. **Educando o Profissional Reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem**. Tradução Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SERVILHA, Emilse Aparecida M. Caracterização do perfil vocal em professores do terceiro grau. *In*: LACERDA, C. B. F.; PANHOCA, I. **Tempo de fonoaudiologia II**. Taubaté, SP: Cabral, 1998. p. 95-118.

SERVILHA, Emilse Aparecida M.; FERREIRA, Léslie Piccoloto; MASSON, Maria Lucia Vaz; RINALDI, Micheline B. F. M. Voz do professor: Análises das leis Brasileiras na perspectiva da promoção da Saúde. **Revista CEFAC**, v. 16, n. 6, p. 1888-1899, nov./dez. 2014.

SERVILHA, Emilse Aparecida Merlin; LEAL, Rayana de Oliveira França; HIDAKA, Mariene Terumi Umeoka. Riscos ocupacionais na legislação trabalhista brasileira: destaque para aqueles relativos à saúde e à voz do professor. **Rev. soc. bras.**

fonoaudiol. [online], v. 15, n. 4, p. 505-513, 2010. <http://dx.doi.org/10.1590/S1516-80342010000400006>

SERVILHA, E. A. M.; LEAL, R. O. F.; HIDAKA, M. T. U. Riscos ocupacionais na legislação trabalhista brasileira: destaque para aqueles relativos à saúde e à voz do professor. **Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia**, São Paulo, v. 15, n. 4, p. 505-513, 2010. <http://dx.doi.org/10.1590/S1516-80342010000400006>

SILVA, Cristóforo Taís. **Fonética e Fonologia do Português**: roteiro de estudos e guia de exercícios. São Paulo: Contexto, 2000.

SILVA, Gislayne Januaria da *et al.* Sintomas vocais e causas autorreferidas em professores. **Rev. CEFAC**, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 158-166, fev. 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-18462016000100158&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 07 out. 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-021620161817915>.

SILVA, Marco. **A formação de professores para a docência online**. São Paulo: Loyola, 2012.

SILVERIO, Kelly Cristina Alves *et al.* Ações em saúde vocal: proposta de melhoria do perfil vocal de professores. **Pró-Fono R. Atual. Cient.** [online], v. 20, n. 3, p. 177-182, 2008. DOI:10.1590/S0104-56872008000300007.

SIMBERG, S. E.; RONNEMAA, A. M. A comparison of the prevalence of vocal symptoms among teachers students and other university students. **The Journal of Voice**, v. 18, n. 3, p. 363-368, 2004.

SOUZA, Carla Lima de *et al.* Fatores associados a patologias de pregas vocais em professores. **Rev. Saúde Pública** [online], v. 45, n. 5, p. 914-921, 2011. DOI: 10.1590/S0034-89102011005000055

SOUZA, Cristiane Matos; GRANJEIRO, Ronaldo Campos; CASTRO, Magda Patrícia de; IBIAPINA, Ricardo da Cunha; OLIVEIRA, Glauce Maria Gomes Ferreira. Desfecho dos professores afastados da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal por distúrbios vocais entre 2009-2010. **Rev Bras Med Trab.**, v. 15, n. 4, p. 324-328, 2017. DOI: 10.5327/Z1679443520170044

SOUZA, Thelma Melo Thomé; FERREIRA, Leslie Piccolotto. Um século de cuidados com a voz profissional falada: a contribuição da fonoaudiologia. **Rev Soc Bras Fonoaudiol.**; v. 2, n. 1, p. 26-35, 1998.

SUBSECRETARIA DE GESTÃO DE PESSOAS - SUGEP/ SEEDF. **Manual de Procedimentos Administrativos para os servidores da Secretaria de Estado de Educação**. Brasília: Sugap/SEEDF, 2018.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 1998.

VALLE, Mônica. **A voz da fala**. Rio de Janeiro: Revinter, 1996.

VALENTE, Adriana Maria Silva Lima; BOTELHO, Clovis; SILVA, Ageo Mário Cândido da. Distúrbio de voz e fatores associados em professores da rede pública. **Rev. bras. Saúde ocup.**, São Paulo, v. 40, n. 132, p. 183-195, dez. 2015. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0303-7657000093814>.

VIGOTSKY, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. Tradução do russo de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

VIGOTSKY, L. S. **A formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes. 1984.

ZABALZA, M. A. **Diário de aula**: um instrumento de pesquisa e desenvolvimento profissional. Porto Alegre: Artmed, 2004.

APÊNDICES

APÊNDICE A – PLANILHAS DO ESTADO DA VOZ.

A pesquisa na SCIELO foi realizada entre agosto e setembro de 2019 a partir das palavras-chave: voz, professor, saúde, promoção da saúde, distúrbio, disfonia. No resultado, na SCIELO Brasil, artigos, com o descritor “voz” foram exibidos 343 artigos; voz e professor foram 37 e com os descritores voz, professor e saúde surgiram 49 artigos. Após uma análise mais detalhada dos artigos, 26 foram relacionados quando utilizamos o critério de inclusão de todos os estudos que investigam saúde vocal, promoção e estratégias para saúde vocal do professor no desenvolvimento da profissão, conforme se apresenta no Quadro 1.

QUADRO 1 – Relação de artigos relacionados à voz do professor e à promoção da saúde vocal, publicados na Scielo Brasil, organizados por autor, título, instituição, ano e objetivo

Autor	Título	Instituição	Ano	Objetivo	Trabalho
Regina Zanella Penteado, Isabel Maria Teixeira Bicudo Pereira	Qualidade de vida e saúde vocal de professores	Universidade Metodista de Piracicaba. SP, Brasil	2007	Avaliar aspectos associados à qualidade de vida de professores e buscar relações com questões de saúde vocal	Artigo
Regina Zanella Penteado	Relações entre saúde e trabalho docente: percepções de professores sobre saúde vocal	Universidade Metodista de Piracicaba – UNIMEP – Piracicaba (SP), Brasil	2007	Conhecer percepções de professores acerca do processo saúde-doença relacionado à voz	Artigo

<p>Kelly Cristina Alves Silverio; Claudia Giglio de Oliveira Gonçalves¹; Regina Zanella Pentead; Tais Pichirilli Guilherme Vieira; Aline Libardi; Daniele Rossi</p>	<p>Ações em saúde vocal: proposta de melhoria do perfil vocal de professores²</p>	<p>Trabalho Realizado na Universidade Metodista de Piracicaba</p>	<p>2008</p>	<p>Analisar as queixas, os sintomas laríngeos, hábitos relacionados ao desempenho vocal e o tipo de voz de professores de uma escola da rede pública de ensino antes e após a participação em grupos de vivência de voz</p>	<p>Artigo</p>
<p>Léslie Piccolotto Ferreira; Emilse Aparecida Merlin Servilha; Maria Lúcia Vaz Masson; Micheline Baldini de Figueiredo Maciel Reinaldi</p>	<p>Políticas públicas e voz do professor: caracterização das leis brasileiras</p>	<p>Trabalho realizado em conjunto pelas instituições: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP - São Paulo (SP), Brasil; Pontifícia Universidade Católica de Campinas - PUCCamp - Campinas (SP), Brasil; e Universidade Federal da Bahia - UFBA - Salvador (BA), Brasil</p>	<p>2009</p>	<p>Caracterizar as leis sobre saúde vocal publicadas em todo o território nacional até o ano de 2006</p>	<p>Artigo</p>
<p>ALVES, Luciano Padilha; ARAUJO, Laura Tathianne Ramos and XAVIER NETO, José Augusto.</p>	<p>Prevalência de queixas vocais e estudo de fatores associados em uma amostra de professores de ensino fundamental em Maceió, Alagoas, Brasil</p>	<p>Universidade Federal de Alagoas, Centro de Ciências da Saúde, Departamento de Clínica Cirúrgica</p>	<p>2010</p>	<p>Avaliar a frequência de disfonia em professores do Ensino Fundamental da rede municipal em Maceió-AL e identificar sintomas associados às</p>	<p>Artigo</p>

				queixas vocais e possíveis fatores de risco ao aparecimento de alterações vocais	
Karen Fontes Luchesi; Lucia Figueiredo Mourão Satoshi Kitamura; Helenice Yemi Nakamura	Problemas vocais no trabalho: prevenção na prática docente sob a óptica do professor	Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas em 2008	2009	Discutir, sob a óptica do professor, o uso da voz na prática docente e a prevenção de problemas vocais	Artigo ⁵⁷
ALMEIDA, Sandra Irene Cubas de <i>et al.</i>	Questionário de autoavaliação vocal: instrumento epidemiológico de controle da síndrome disfônica ocupacional em professores	Ministério do Trabalho e Emprego - Gerência Norte. São Paulo / SP – Brasil	2010	Padronizar um questionário de autoavaliação para professores de todos os níveis de ensino, incluindo além dos sintomas clínicos também os fatores da organização do trabalho	Artigo
Regina Zanella Penteadó; Tânia Maestrelli Ribas	Processos educativos em saúde vocal do professor: análise da literatura da Fonoaudiologia	Cursos de Fonoaudiologia, Jornalismo e Rádio e Televisão, Universidade Metodista de Piracicaba – UNIMEP –	2011	Analisar os processos educativos das ações coletivas de saúde vocal do professor descritas na	Artigo

⁵⁷ Artigo baseado na dissertação de mestrado de Karen Fontes Luchesi, “Desenvolvimento de um programa de aprimoramento vocal numa escola de ensino fundamental do município de Campinas: estudo de caso.

	a brasileira	Piracicaba (SP), Brasil		literatura fonoaudiológica brasileira. O material de análise foi constituído por 63 publicações referentes a intervenções de caráter coletivo, no período entre 1994 e 2008	
Emilse Aparecida Merlin Servilha; Rayana de Oliveira França Leal; Mariene Terumi Umeoka Hidaka	Riscos ocupacionais na legislação trabalhista brasileira: destaque para aqueles relativos à saúde e à voz do professor	Faculdade de Fonoaudiologia, Centro de Ciências da Vida, da Pontifícia Universidade Católica de Campinas – PUC-Campinas – Campinas (SP)	2010	Analisar a legislação a respeito de riscos ocupacionais com destaque para aqueles relacionados à saúde e à voz do professor.	Artigo
Maria Lúcia Oliveira Suzigan Dragone	Programa de saúde vocal para educadores: ações e resultados	Centro Universitário de Araraquara, UNIARA, Araraquara, SP	2010	Descrever um Programa de Saúde Vocal desenvolvido no período 2002 a 2005, para educadores de ensino público (infantil e fundamental) do interior do Estado de São Paulo	Artigo
Karen Fontes Luchesi; Lucia Figueiredo Mourão; Satoshi Kitamura	Ações de promoção e prevenção à saúde vocal de professores: uma questão de saúde coletiva	Centro de Estudos e Pesquisas em Reabilitação (CEPRE/FCM/UNI CAMP)	2010	Analisar possíveis ações para a prevenção e a promoção da saúde vocal de professores	Artigo

				através da análise de interações entre aspectos vocais, ocupacionais e preventivos	
Albanita Gomes da Costa de Ceballos; Fernando Martins Carvalho; Tânia Maria de Araújo; Eduardo José Farias Borges dos Reis	Avaliação perceptivo-auditiva e fatores associados à alteração vocal em professores	Departamento de Medicina Social da Universidade Federal de Pernambuco Departamento de Medicina Preventiva da Universidade Federal da Bahia Núcleo de Epidemiologia da Universidade Estadual de Feira de Santana	2011	Identificar fatores associados à alteração vocal em professores	Artigo
Carla Lima de Souza; Fernando Martins Carvalho; Tânia Maria de Araújo; Eduardo José Farias Borges dos Reis; Verônica Maria Cadena Lima; Lauro Antonio Porto	Fatores associados a patologias de pregas vocais em professores	Universidade Federal da Bahia (UFBA). Salvador, BA, Brasil	2011	Analisar fatores associados à prevalência do diagnóstico médico referido de patologias das pregas vocais em professores	Artigo
Maria Fabiana Bonfim de Lima-Silva Léslie Piccolotto Ferreira Iara Bittante de Oliveira, Marta Assumpção de Andrada e Silva; Ana Carolina Assis Moura Ghirardi	Distúrbio de voz em professores: autorreferência, avaliação perceptiva da voz e das pregas vocais	Universidade Federal da Paraíba Centro de Ciências da Saúde	2012	Analisar a presença do distúrbio de voz em professores na concordância entre autorreferência, avaliação perceptiva da voz e das pregas vocais	Artigo

KARMANN, Delmira de Fraga e and LANCMAN, Selma	Professor - intensificação do trabalho e o uso da voz	Departamento de Fisioterapia, Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional, Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo – USP – São Paulo (SP), Brasil	2013	Identificar, por meio de relatos de professores do Ensino Fundamental, condições que interferem, direta ou indiretamente, no seu desempenho vocal e nas circunstâncias do seu trabalho	Artigo
Cristiane Cunha Soderini Ferracciu Marcia Soalheiro de Almeida	O distúrbio de voz relacionado ao trabalho do professor e a legislação atual	Centro de Ciências da Saúde da Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas – UNCISAL, Maceió, AL, Brasil. ENSP/FIOCRUZ, Rio de Janeiro, RJ, Brasil	2014	Evidenciar que, apesar do tema ser de grande relevância e da existência de bases legais, o distúrbio vocal relacionado ao trabalho do professor ainda não foi identificado como agravo à Saúde do Trabalhador	Artigo
Tânia Maestrelli Ribas Regina Zanella Penteadó Marco Tulio A. García-Zapata	Qualidade de vida relacionada à voz de professores: uma revisão sistemática exploratória da literatura	Pontifícia Universidade Católica de Goiás – PUC-Goiás, Goiânia, Brasil . Universidade Metodista de Piracicaba – UNIMEP/ Piracicaba, SP, Brasil e Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP/ Marília, SP, Brasil Departamento de	2014	Verificar, por meio de uma revisão sistemática de literatura, os estudos existentes sobre qualidade de vida relacionada à voz de professores	Artigo

		Medicina Tropical e Dermatologia do Instituto de Patologia Tropical e Saúde Pública da Universidade Federal de Goiás – UFG, Goiânia, GO, Brasil			
MENDES, Amanda Louize Félix et al	Voz do professor: sintomas de desconforto do trato vocal, intensidade vocal e ruído em sala de aula	Trabalho realizado no Departamento de Fonoaudiologia da Universidade Federal da Paraíba – UFPB - João Pessoa (PB), Brasil	2016	Identificar se existe correlação entre a intensidade vocal das professoras e o ruído em sala de aula, assim como entre a intensidade vocal e os sintomas de desconforto do trato vocal, antes e após a aula	Artigo
GIANNINI, Susana Pimentel Pinto; LATORRE, Maria do Rosário Dias de Oliveira and FERREIRA, Léslie Piccolotto	Questionário Condição de Produção Vocal - Professor: comparação entre respostas em escala Likert e em escala visual analógica	Trabalho realizado no Programa de Estudos Pós-graduados em Fonoaudiologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP – São Paulo (SP), Brasil	2015	Comparar as respostas referentes aos sintomas vocais em duas versões do questionário Condição de Produção Vocal – Professor (CPV-P), com respostas em escala Likert e em escala visual analógica (EVA), para avaliar qual é a melhor forma de aferição	Artigo

<p>Adriana Maria Silva Lima Valente</p> <p>Clovis Botelho</p> <p>Ageo Mário Cândido da Silva</p>	<p>Distúrbio de voz e fatores associados em professores da rede pública</p>	<p>Programa de Pós-graduação em Saúde Coletiva da Universidade Federal do Mato Grosso</p> <p>*</p>	<p>2015</p>	<p>Analisar a prevalência e os fatores associados ao distúrbio de voz em professores</p>	<p>Artigo</p>
<p>Cristiane Cunha Soderini Ferracciu</p> <p>Luciano Veloso de Amorim Santos</p> <p>Liliane Reis Teixeira</p> <p>Marcia Soalheiro Almeida</p>	<p>Estratégias de enfrentamento e perfil de participação e atividades vocais em professoras da rede pública de ensino com e sem distúrbios de voz</p>	<p>Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas-UNCISAL, Maceió, Alagoas, Brasil. ²Centro de Estudos da Saúde do Trabalhador e Ecologia Humana - CESTEH/Fiocruz, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil</p>	<p>2015</p>	<p>Verificar a associação entre o distúrbio vocal com as características sociodemográficas, os aspectos vocais, os tipos de estratégias de enfrentamento e o impacto vocal nas atividades diárias em professoras da rede estadual de ensino de Alagoas</p>	<p>Artigo</p>
<p>Lésle Piccolotto Ferreira</p> <p>Susana Pimentel Pinto Giannini</p> <p>Nássara Luiza Lanzoni Alves</p> <p>Aline Ferreira de Brito¹</p> <p>Bruna Mateus Rocha de Andrade</p> <p>Maria do Rosário Dias de Oliveira Latorre</p>	<p>Distúrbio de voz e trabalho docente</p>	<p>Departamento de Fundamentos da Fonoaudiologia e da Fisioterapia da PUC-SP, São Paulo, SP, Brasil (2) Hospital do Servidor Público Municipal de São Paulo; Divisão de Educação e Reabilitação dos Distúrbios da Comunicação (Derdic-PUC-SP), São Paulo, SP, Brasil. (3) Pontifícia Universidade</p>	<p>2016</p>	<p>Analisar a associação entre distúrbio de voz e capacidade para o trabalho em docentes da rede municipal de ensino de São Paulo</p>	<p>Artigo</p>

		Católica de São Paulo – PUCSP, São Paulo, SP, Brasil. (4) Departamento de Epidemiologia da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil			
Elisângela Santos Carregosa Vanine Leal Silva Aline Brito Rodrigo Dornelas Roxane de Alencar Irineu	Autopercepção da função glótica e análise perceptivoauditiva de professores de escolas municipais	Universidade Federal de Sergipe, UFS, Lagarto, Sergipe, Brasil. ² Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP, São Paulo, São Paulo, Brasil	2016	Correlacionar dados da análise perceptivoauditiva e da autopercepção da função glótica de professores de escolas municipais	Artigo
Gislayne ,Januaria da Silva Anna Alice Almeida Brunna Thaís Luckwu de Lucena Maria Fabiana Bonfim de Lima Silva	Sintomas vocais e causas autorreferidas em professores	Universidade Federal da Paraíba, UFPB, João Pessoa, Paraíba, Brasil. Departamento de Fonoaudiologia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa, PB, Brasil	2016	Associar os sintomas vocais e suas possíveis causas autorreferidas por professores de escolas públicas do município de João Pessoa-PB	Artigo
Cristiane Cunha Soderini Ferracciu Daniela Monique Tavares dos Santos Phillipe Xavier de Barros Liliane Reis Teixeira Marcia Soalheiro de Almeida	Índice de capacidade para o trabalho e desequilíbrio esforço-recompensa relacionado ao distúrbio de voz em professoras da rede estadual de Alagoas	Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas-UNCISAL, Maceió, AL, Brasil. Centro de Estudos da Saúde do Trabalhador e Ecologia Humana (CESTEH / ENSP / Fiocruz), Rio de Janeiro, RJ, Brasil.	2015		Artigo

Adriane Mesquita de Medeiros ; Marcel de Toledo Vieira	Ausência ao trabalho por distúrbio vocal de professores da Educação Básica no Brasil	Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Brasil. Instituto de Ciências Exatas, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, Brasil	2019	Investigar a prevalência e duração da ausência de professores ao trabalho por distúrbio vocal no Brasil e a associação com os fatores de trabalho e situação de saúde	Artigo
--	--	--	------	---	--------

Fonte: elaborado pela autora. 2019.

A pesquisa na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações -BDTD- foi realizada em setembro de 2019 a partir das palavras-chave: voz, professor, saúde, promoção da saúde, disfonia. No resultado com o descritor “voz do professor” foram exibidos 1.692 trabalhos; distúrbios vocais 167, professor e saúde vocal, 5. Após a análise, quando utilizamos o critério de inclusão de todos os estudos que investigam a promoção e estratégias para saúde vocal do professor no desenvolvimento da profissão, foi possível elaborar o quadro a seguir:

QUADRO 2 – Relação de artigos relacionados à voz do professor e a promoção da saúde vocal, publicados na BDTD organizados por autor, título, instituição, ano e objetivo

Autor	Título	Instituição	Ano	Objetivo	Tipo
Iara Barreto Bassi	Disfonia em professores municipais: aspectos clínicos, ocupacionais e de qualidade de vida	Universidade Federal de Minas Gerais	2010	Descrever as características sociodemográficas, ocupacionais, vocais e de saúde dos professores com disfonia, examinar o impacto da voz na qualidade de vida de professores e avaliar se o grau da disfonia e os diagnósticos fonoaudiológico e otorrinolaringológico estão correlacionados com a qualidade de vida	Dissertação

Fantini, Leila de Abreu	O bem estar vocal na formação de professores	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo	2010	Investigar a importância dada ao bem estar vocal na formação dos professores por coordenadores de Cursos de Pedagogia do estado de São Paulo	Dissertação
Pizolato, Raquel Aparecida	Programa de saúde vocal para o professor: avaliação, auto-percepção vocal e ação educativa da voz	Faculdade de Odontologia de Piracicaba da UNICAMP	2012	Desenvolver um programa educativo, que inclui treinamento de exercícios vocais e higiene vocal, e analisar os efeitos do treinamento dos exercícios e prática de hábitos vocais de forma transversal e longitudinalmente	Tese
Brasil, Christina Cesar Praça	A voz da professora não pode calar: sentidos, ações e interpretações no contexto da integralidade em saúde	Universidade Federal do Ceará	2015	Compreender os sentidos da voz para as professoras do Ensino Fundamental, com base nas suas interpretações e ações ante a ocorrência de alterações vocais e os impactos na vida pessoal, profissional e social	Tese
Picolli, Roberto Azevedo	A promoção da qualidade de vida dos professores como diferencial estratégico em uma instituição de ensino fundamental e médio	Universidade do Sul de Santa Catarina	2017	Compreender a promoção da Qualidade de vida dos professores de uma instituição de ensino fundamental e médio como um diferencial estratégico competitivo	Dissertação
Ferreira Raíza Mendes	Bem-estar vocal dos professores: aquisição de conhecimentos em ação oferecida na modalidade a distância	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo	2018	Analisar a aquisição de conhecimentos sobre autocuidado vocal em professores decorrente de curso oferecido na modalidade a distancia	Dissertação

Fonte: elaborado pela autora, 2019.

A pesquisa no Repositório Institucional da Universidade de Brasília (UnB) foi realizada em setembro de 2019 a partir das palavras-chave: voz, professor, saúde, promoção da saúde, distúrbio, disfonia. O resultado da pesquisa com o descritor “voz” exibiu 3.006 trabalhos em todo o repositório; “voz do professor”, 2.601. Após a análise, quando utilizamos o critério de inclusão de estudos que investigam “promoção e estratégias para a saúde vocal do professor”, não foi apresentada nenhuma pesquisa, mas encontramos um trabalho realizado sobre características vocais de professores e após sua leitura verificamos sua importância em nossa pesquisa, pois foi realizada com profissionais do nosso público de pesquisa, que são professores da Secretaria de Educação do Distrito Federal. Quadro 3:

QUADRO 3 – Relação de pesquisas relacionadas à voz do professor e à promoção da saúde vocal, publicadas no repositório da Universidade de Brasília (UnB). As pesquisas foram organizadas por autor, título, instituição, ano e objetivo

Autor	Título	Instituição	Ano	Objetivo	Tipo
Quintanilha, Jane Kátia Mendes Cravo	Características vocais de uma amostra de professores da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal	Universidade de Brasília- UnB	2006	Detectar e quantificar alterações vocais em uma amostra de professores do ensino fundamental da Secretaria de Educação do Distrito Federal	Dissertação

Fonte: elaborado pela autora. 2019

APÊNDICE B- PLANO DE CURSO DESENVOLVIDO COLETIVAMENTE

PLANO DE CURSO	
Curso	Usos e desusos da voz na profissão docente.
Carga horária	Carga Horária Direta: 30 horas Carga Horária Online: 60 horas Carga Horária do curso: 90 horas
Período letivo	1º/2016
Professor-Formador Ivonete da S. Oliveira	Proposta de Curso Específico
Módulo I	Conteúdo
<i>2 Encontros presenciais – 6 horas (o encontro realizado na EAPE no dia da coordenação do professor)</i> <i>Ambiente Virtual de Aprendizagem- 12h</i>	Apresentação e discussão da ementa do curso Planejamento Estratégico Comunicativo: Ação comunicativa para (re)planejar a proposta do curso visando ao atendimento das reais necessidades dos cursistas. Trabalhar o programa do curso e adequar datas, encontros e AVA. (Reorganização do curso) <i>Ambientação no Espaço Virtual</i> Questionário diagnóstico.
Módulo II:	Conteúdo
<i>2 Encontros presenciais –6 horas (o encontro realizado na EAPE no dia da coordenação do professor)</i> <i>Ambiente Virtual de Aprendizagem- 12h</i>	Planejamento Estratégico Comunicativo análise e estratégias sugeridas pelos professores à proposta do curso visando ao atendimento das reais necessidades dos cursistas. Trabalhar o programa do curso e adequar datas, encontros e AVA. (Reorganização do curso)

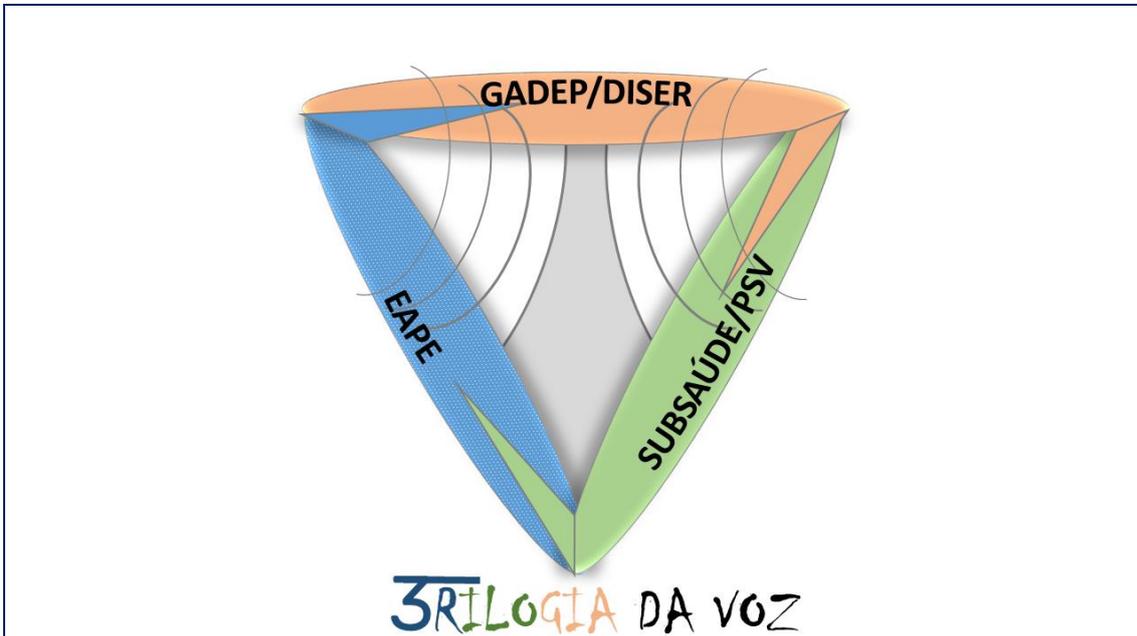
Módulo III	Conteúdo
<p><i>2 Encontros presenciais – 6 horas (encontro realizado na EAPE no dia da coordenação de área do professor)</i></p> <p><i>Ambiente Virtual de Aprendizagem- 12h</i></p>	<p>Encontros presenciais coordenados pela formadora</p> <ul style="list-style-type: none"> . Práticas individuais (interesse individual). . Práticas coletivas (interesse coletivo). <p>Conteúdo definido pelos cursistas no Planejamento Estratégico Comunicativo.</p>
Módulo IV	Conteúdo
<p><i>2 Encontros presenciais – 6 horas (encontro realizado na EAPE no dia da coordenação de área do professor)</i></p> <p><i>Ambiente Virtual de Aprendizagem-12h</i></p>	<p>Encontros presenciais coordenados pela formadora</p> <ul style="list-style-type: none"> .Práticas individuais (interesse individual). . Práticas coletivas (interesse coletivo). <p>Conteúdo definido pelos cursistas no Planejamento Estratégico Comunicativo.</p>
MóduloV	Conteúdo
<p><i>2 Encontros presenciais – 6 horas (encontro realizado na EAPE no dia da coordenação de área do professor)</i></p> <p><i>Ambiente Virtual de Aprendizagem-12h</i></p>	<p>Trabalho de conclusão: Construção aplicando os conhecimentos desenvolvidos no curso sobre o uso da voz na gravação de áudio. Criação do livro falado em mídia (CD).</p>

Fonte: Elaboração coletiva no planejamento e realização do curso “Usos e desusos da voz docente”. 2016.

APÊNDICE C- PRODUTO FINAL

PROJETO INSTITUCIONAL: TRILOGIA DA VOZ

Figura: Símbolo da Trilogia da Voz



Fonte: Pesquisadora (2020). O desenho representa as pregas vocais e o som da voz.

Objetivo

Integrar ações educativas, intersetoriais e multiprofissionais para promoção da saúde vocal docente no âmbito da SEE-DF.

Objetivos específicos

Viabilizar uma rede de comunicação interna (intranet);

Reunir profissionais envolvidos no trabalho de promoção da saúde do professor;

Propor uma trilogia de ações: avaliação, acompanhamento e formação;

Usar a estratégia do Planejamento Estratégico Comunicativo para a construção de ações envolvendo os setores EAPE, GADEP/DISER e SUBSAÚDE/PSV.

Viabilizar uma rede de comunicação interna (intranet);

Reunir profissionais envolvidos no trabalho de promoção da saúde do professor;

Propor uma trilogia de ações: avaliação, acompanhamento e formação;

Usar a estratégia do Planejamento Estratégico Comunicativo para a construção de ações envolvendo os setores EAPE, GADEP/DISER e SUBSAÚDE/PSV.

Justificativa

A comunicação é um processo que envolve a troca de informações que ocorre de várias maneiras, entre a própria pessoa, entre as pessoas. A voz é um recurso que permite ao indivíduo se fazer presente em lugares e situações em que seu corpo físico não pode estar; capacidade ampliada através de aparelhos tecnológicos.

Observamos que dentro da SEEDF encontramos três setores que realizam atividades para a promoção da saúde do profissional de educação. Entretanto, cada um está em um trabalho individualizado com a sua equipe para alcançar o objetivo de promover o bem-estar e a qualidade de vida no trabalho.

Na pesquisa, identificamos o trabalho do PSV, da DISER e da EAPE. O trabalho parece estar levando muito tempo para que as ações atendam à necessidade dos profissionais e para que mudanças sejam efetivadas.

O impacto do curso foi avaliado como positivo na quase totalidade dos professores que participaram dessa fase de investigação. Porém, um professor expôs que somente o curso não é o suficiente para o trabalho de voz com os professores. Uma única resposta, mas que nos levou a pensar como proporcionar uma maior ação de promoção da saúde vocal.

Consideramos os depoimentos dos professores e sugestões:

[...] um processo de acompanhamento da voz do professor;

- [...] mais cursos para saúde do professor;
- [...] um curso obrigatório no início da carreira na SEE-DF.

Sabemos que o trabalho da voz necessita de uma atuação multiprofissional. Assim, nossa proposta de realizar uma trilogia para que cada momento, de cada setor, atenda um momento do processo que será contínuo :

- 1º Triagem com avaliação clínica (fonoaudiólogos e otorrinolaringologista – Equipe PSV);
- 2º Formação Continuada (EAPE);
- 3º Acompanhamento da voz do professor durante sua vida profissional (avaliações entre períodos).

Verificamos a distância física em que se encontram os profissionais que participarão do projeto viabilizando as ações, bem como os professores que serão atendidos.

Dessa maneira, em tempo de pandemia encontramos no mundo virtual uma iniciativa para comungarmos todos e viabilizarmos nossa comunicação de atividades e ações. Pensamos em um portal de comunicação, ao qual denominamos “Intra-vozes”. O Intra-voz pode ser um portal comunicativo com ferramentas da intranet que engajam todos os profissionais da SEEDF para a promoção da saúde do trabalhador em educação.

A comunicação digital é importante para facilitar a organização do grupo que formará a equipe-base no sistema. A comunicação interna, como o *chat* corporativo e a plataforma de intranet social, pode ser um diferencial para as relações que buscam uma comunicação mais rápida e eficiente com os profissionais professores que necessitam se comunicar com os profissionais e servidores da SEE-DF.

Precisamos alinhar nossas atividades no ambiente de trabalho. Precisamos também de um bom entrosamento, mas este deve ter como objetivo os profissionais que compõem a rede de ensino dos profissionais de educação da SEEDF. É necessário também criar um espaço de consulta às diferentes formas proporcionadas pelos recursos tecnológicos.

Expressar, utilizando a criatividade e recursos tecnológicos para conteúdos de autoconhecimento presença física/ ou online. Como produzir conteúdos podcast “Conversas com a voz”; artigos visuais, programação de cursos.

Entretanto, precisamos buscar os pontos fortes e fracos desta ação a que chamamos “Trilogia da Voz”. Dessa maneira, não cabe neste momento prosseguir e fechar o processo, pois não desejamos reproduzir ações, mas construí-las junto aos interessados.

O que e como se deve colocar em prática esse produto para atender à realidade de pouca comunicação e cursos com um atendimento mais total com o professor para a promoção da saúde vocal dos professores da SEE-DF ?

Criar um mosaico polifônico:

Problema	Soluções	Núcleo responsável	Observações
----------	----------	--------------------	-------------

A nossa Trilogia da voz poderá ser iniciada... Em nosso contexto profissional!

